3 1761 06632946 7

SRIEF
PN
032223

BIBLIOTHECA DRAMATICA
DA REVISTA THEATRAL

N.º 4

JUCUNDA

COMEDIA EM 3 ACTOS

ORIGINAL

DE

ABEL BOTELHO

COM O RETRATO DO AUCTOR

LISBOA
REVISTA THEATRAL
RUA DO CARMO, 76
Antiga casa Bertrand — Editora
1895

JUCUNDA

Comedia em 3 actos.
primeira representação no Theatro do Gymnasio Dramatico
de Lisbôa, para beneficio da actriz Beatriz
Rente, em 1 de fevereiro de 1889.

Imprensa de Libanio da Silva, Rua do Norte, 91 — LISBOA

Ao meu velho amigo

Joaquim Lobo d'Avila da Graça

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/jucundacomdiae00bote

PESSOAS

Fabricio	*Soller.*
Henrique Sarmento	*Telmo.*
Aristides de Campos	*Eloy.*
Fulgencio Nagozello	*Marcellino*
Benigno Garcia	*Senna.*
Evaristo Fortuna	*Soccorro.*
Alfredo	*Ferreira.*
Gaspar Mimoso	*Frederico.*
Jucunda	*Beatriz.*
Josephina	*Barbara.*
Aurora Nagozello	*Jesuina.*
Maria Augusta	*Judith.*
Adelia	*Adelina.*
Julia	*Juliana.*
Manuel Pedro	*Machado.*

Convidados, Creados — Lisbôa, Actualidade.

JUCUNDA

ACTO I

Officina de esculptor.— Um grande arco abatido, ao fundo, mascarado por um tapume, com uma porta, ao fundo esquerda, velada por um reposteiro. Á esquerda alta outra porta, communicando com a officina dos canteiros. Mais outra porta, á direita alta, dando para um gabinete. Ainda á direita alta, uma estatua nua de mulher, em barro, sobre o cavallête; ao lado uma escada de mão. Á esquerda alta um estrado. Mais, esparsos pela officina, uma mesa, cadeiras, tamboretes, um fogão de ferro fundido, plinthos com esbocetos, quadros, medalhões.—É dia. Durante todo o acto ouve-se, com pequenos intervallos, o picar da pedra na officina da esquerda.

SCENA I

FABRICIO E HENRIQUE SARMENTO *(Direita baixa, sentados.)*

FABRICIO

Estás inganado, meu amigo. Não me importo com ella absolutamente nada.

HENRIQUE

Tem paciencia; não te acredito.

FABRICIO

Ó homem! que necessidade tinha eu de estar a fingir comtigo?

HENRIQUE

Não deves.

FABRICIO

Nem pósso; com pessôa nenhuma, quanto mais comtigo... Por isso te repito: Jucunda é uma creatura soberba, splendida; para certos temperamentos mesmo, estonteadora e perigosa; mas para mim, — crê, — não passa... *(Sorriso incredulo de Henrique; Fabricio levanta-se, com impaciencia)* Que diabo! não te faças impertinente, com esse eterno sorrisinho incredulo, que á força de absurdo e tôlo se torna ridiculo!

HENRIQUE

(Sério, levantando-se tambem) Por amor de Deus, Fabricio! Respeita ao menos a minha tortura... não aggraves com a tua ironia o meu tormento!

FABRICIO

Ora, sabes que mais?... Somos ou não somos amigos?... Se me persistes n'esse tom lamuriante e prehistorico de «Luiz Fernandes», levo-te ao Bittencourt Rodrigues, ou faço presente de ti ao Possidonio, palavra de honra!

HENRIQUE

(Com intimatira) Pois então dize-me, repete-me com franqueza, de coração bem aberto:—é verdade que não amas essa mulher?

FABRICIO

Amo-a tanto, como o byzantinismo da pintura em cêra ou da esculptura em marfim. Que mais queres que te diga?

HENRIQUE

(Abraçando Fabricio) Ah! meu querido amigo, que immenso bem acabas de fazer-me com essa tua confissão, branca como a tua alma e crystallina como o teu talento!

FABRICIO

(Trocista) Bôa vae ella!

HENRIQUE

Pósso pois devotar-me inteiro, com toda a violencia escachoante do meu desejo, ao culto fervoroso, incondicional, absorvente d'essa mulher unica, divina!... A desconfiança de que tu poderias ser um rival, a idéa de que os teus sentimentos poderiam incontrar-se com os meus na demanda do mesmo idolo, flagellava-me, dava-me horas febrís de insomnia,—como quando acordamos sobre estes pesadelos em que mão invisivel nos despenha a rolar na sombra d'um poço de negra, infindavel profundidade... Mas agora, visto que a não amas, dissiparam-se as duvidas que innevôavam o céu côr de rosa da minha felicidade nascente, a minha amizade rejubila, esvahem-se os meus escrupulos!

FABRICIO

E a consciencia... não te diz nada a consciencia?

HENRIQUE

De que me hade a consciencia accusar?

FABRICIO

Ora que hasde ser sempre o mesmo!... Adelia, que fazes tu de Adelia?

HENRIQUE

(Contrariado) Por quem és, Fabricio! não me falles n'essa creança. Que vêm o seu nome fazer agora aqui?

FABRICIO

Ah! ahi tens, exactamente... Transluz n'esse pedido a tua condemnação. Queres esquecer, dolorosamente supplicas que te não recordem esse nome... E' porque elle te lembra demasiado!... Pois quê! *(Henrique não quer ouvir)* Ouve, tem paciencia!—Levas dois annos a afagar, a despertar do somno da innocencia uma alma candida de mulher; a povoar de radiosas esperanças, de aladas chimeras, de phantasias perturbadoras um cerebrosinho infante e confiado; a ensinar os primeiros estremecimentos a um pequenino coração... e depois, de repente...

HENRIQUE

(Interrompendo, impaciente) E' uma creança!

FABRICIO

Seja... E depois, de repente, quando essa creança aprendeu a sentir, quando essa ave implume saíu do ninho gasalhada, vestida polo teu affecto, quando essa

alma ingenua e timida começou a vêr a vida atravéz da tua alma, hasde então abandonal-a friamente, cruelmente, indefeza e vacillante como uma agulha n'um fulcro, entregue aos vortilhões do pandemonio humano?... E isto só porque um ser extravagante e hybrido, atravessando com os seus guisos e lantejoulas a scena do mundo, impressionou a tua retina de artista?... só porque uma «Dalila» qualquer te deslumbrou a ponto de te fazer tomar por um impulso do coração um simples movimento dos sentidos!?... Vamos; tem juizo. Ama, protege Adelia. Estás a isso duplamente obrigado:—polo futuro, pola vida d'essa creança desprevenida; e pola tua felicidade.

Henrique

(Desalentado) Não pósso, Fabricio, não pósso!... E' superior ás minhas forças... Adelia é um anjo,—confesso, uma creatura incantadora; não se póde ser mais limpidamente ingenuo, nem mais sanctamente simples! Por isso eu amo-a... religiosamente, mentalmente, como um relicario de familia... Bem vês:—a sua candura, embora adoravel, é feita de semsaboria e de tédio.

Fabricio

(Indignado) Ó Henrique!

Henrique

Sabes perfeitamente:—E' uma massada a innocencia, uma coisa estupida a virgindade... Não convêem a um artista: amortecem-n'o, esterilisam-n'o! As nossas almas impetuosas precisam largar ás soltas pelas paixões fóra, sentindo, aspirando a vida fogosamente, co-

mo os cavallos arabes aspiram pelas narinas fumegantes a areia esbrazeada do deserto... Ora e Jucunda, Jucunda, sim!... E' uma mulher devéras! Ali ha vibração, ha nervos, ha *motivos* ineditos, fulgurantes de inspiração!

FABRICIO

Em parte de accôrdo. Eu considero-a tambem um optimo estimulo, uma bella causa emocionante. Como suggestão, magnifica; detestavel para consagração do nosso amor... Mal vae ao artista que deixa inroscarem-se no mesmo ideal o coração e o cerebro!... Succumbe de anemia, como Raphael; ou, como Edgar Poe, Byron, Beaudelaire, a qualquer das bizarras formas da loucura.

HENRIQUE

(Com exaltação) Embora! Mas deixou qualquer coisa de immortal!... Nada nos sobrevive que não seja amassado em sangue,—o nosso proprio sangue, jorrando bem arterialisado, bem sincero e bem quente, do coração! E isto era fatal!... estava escripto.

FABRICIO

Estás bonito, não ha duvida!... Pobre rapaz...

HENRIQUE

E ella interessa-se por ti... Oh! não lhe és indifferente! Eu bem tenho visto,— que inferno!— como ella te procura, n'um ajuntamento de homens, com que diabolica astucia pretende attrahir-te, com que ternura supplicante persegue nos teus olhos alguma promessa vaga de amor!... *(Pausa; supplicante)* Fabricio, por Deus!

por tua irmã, polo teu brilhantissimo futuro, pola tua gloria!— estarei doido, se quizéres!— mas, peço-te! faze-te odeiar por essa mulher...

SCENA II

OS MESMOS E JOSEPHINA *(Da esquerda alta.)*

FABRICIO

(A Henrique) Socega, descança... farei o que me pedes.

JOSEPHINA

(Descendo) Não fallam em segredo, decerto... O sr. Sarmento ouvia-se na rua.

HENRIQUE

(Atrapalhado, disfarçando) Ó, minha senhora... como está vosselencia, desde ante-hontem? *(Apertam-se cordealmente as mãos)* Tenho muito prazer em vêl-a... Como está?

JOSEPHINA

Bem, felizmente; e o nosso amigo como vae?

HENRIQUE

Eu perfeitamente, minha senhora, obrigado.

JOSEPHINA

(Intencional) Parece-me exaltado, um pouco... Treme-lhe a mão, os olhos brilham-lhe d'um modo extraor-

nario... bom signal! Algum grande quadro em projecto, não é assim?

FABRICIO

(Ironico) Melhor do que isso...

JOSEPHINA

Sim? Então o que é?... Para breve o casamento?

FABRICIO

Achou um grande e exotico *motivo* suggestor... de asneiras.

HENRIQUE

(A Josephina) Seu irmão está gracejando, minha senhora.

JOSEPHINA

(Interrompendo) Quando heide eu poder vêr esse magnifico retrato de Adelia?

HENRIQUE

Quando vosselencia quizér. Mas, por ora, não vale a pena; está muito atrazado.

FABRICIO

Ha quinze dias que lhe não dá uma pincelada, este madraço!

JOSEPHINA

Eu tenho que lhe ralhar. Ainda hontem a Adelia se me queixava d'isso mesmo... P'ra noivo é pouco amavel.

HENRIQUE

Tanto que fazer, minha senhora!... Não imagina!...

Não tenho um instante de meu. *(Consulta o relogio)* Agora mesmo estou eu já em atrazo. Demorei-me mais do que devia. *(Toma o chapeu)* Se me permitte, D. Josephina... tenho uns amigos á minha espera.

Josephina

(Dando-lhe a mão) Não serei eu que o demore... Mas, que brilho de olhos!... Sabe?...—eu posso-lhe dizer estas coisas,—está fascinante! Ai! se a Adelia o visse agora...

Henrique

(Modestamente) Ó minha senhora... *(A Fabricio, apertando-lhe a mão)* Adeus, Fabricio. *(Baixo, com intimativa)* Que não esqueça a tua promessa!

Josephina

(A Henrique) Não nos falte logo. Lá tem um talher ao lado d'ella,—que mais quér?

Henrique

Obrigado, minha senhora, muito obrigado!... Até logo. *(Sae pela esquerda alta.)*

SCENA III

Fabricio e Josephina

Josephina

(Apontando a porta per onde sahiu Henrique) Está perdido, hein?

FABRICIO

(Sentando-se na escada da direita alta) Irremediavelmente!

JOSEPHINA

Mas isso não póde ser! E' preciso salvarmos aquella creança! E' caso de vida ou de morte para ella,—bem sabes... Coitadita!—Soffre tanto... Que scena dilacerante que ella me fêz hontem,—imaginas lá!... *(Com firmeza)* Não póde ser! Prometti a mim mesma restituir a alegria, a felicidade á pobre rapariga, e heide conseguil-o!

FABRICIO

Não consegues nada. O Henrique está relapso na tolice... Bem arrependido estou eu já dos passos que arrisquei n'este nosso disparatado stratagema!

JOSEPHINA

O quê?... Tambem tu te acobardas agora!?... *(Com calor, percorrendo a scena)* Tinha que vêr, em semelhante altura! .. Não tivésses começado... Pois porque não hasde proseguir?... Jucunda gosta de ti,—é claro como o sol. Porque não hasde continuar, fazer-te amar devéras? .. E' uma obra de caridade.

FABRICIO

Para ella?

JOSEPHINA

Não! que me importa a mim com ella!... Para Adelia. E, mais, quem sabe? talvêz para Jucunda tambem. . *(Vendo o gesto de recusa de Fabricio)* Que mal póde vir d[illegible]? [illegible] pustar-se comtigo o Sarmento?...

E que importa! A vida d'uma innocente vale a perda d'um amigo.

Fabricio

(Levantando-se) Nada, nada; vou pôr ponto n'esta coisa. Dizes que Adelia chorou... E o Henrique!... Se visses a scena que elle aqui me fêz tambem, agora mesmo!... Arrepellou-se, ameaçou, supplicou, trovejou, mugiu... Um *Manfredo* epileptico, um *Antony* larvado... Nada, não me serve. E tu é que me mettêste n'isto!... De mais a mais, o diabo da rapariga vae-lhe dando para tomar o caso a sério.

Josephina

(Senta-se á direita baixa) Incommoda-te isso?

Fabricio

Confesso que me lisongeia; mas não é digno.

Josephina

Ora adeus!—não é digno...—já tardava o palavrão! Porque hasde tu ter escrupulos com quem os não tem para os outros?

Fabricio

Com que proveito, no fim de contas?... indispôr-me com o meu primeiro amigo e inganar indignamente uma mulher; porque, para mais, não gosto d'ella, palavra!—Choca-me, irrita-me, com os seus modos apparatosos e petulantes de actriz de café-concerto... Ora, deixemo-nos d'isto!

Josephina

Fabricio, é a primeira coisa que me recusas! *(Gesto*

de Fabricio; Josephina levanta-se) Não prestas p'ra nada!... Ella sempre vêm pousar hoje?

FABRICIO

Vêm!—E' a primeira vêz... Dentro de um quarto de hora, deve estar ahi!

JOSEPHINA

Até logo... Verás, meu pusillanime, como é persuasiva, astuciosa, irresistivel a vontade d'uma mulher! *(Sae pela esquerda alta.)*

SCENA IV

FABRICIO, *só*

Muito facil é o homem em esquecer!... Esta besta d'este Henrique desmorona assim de repente, como um castello de cartas, um futuro paradisiaco, durante tantos mêzes laboriosamente, sabiamente, amorosamente erguido!... E heide eu ir tentar agora reconstruir essa architectura rendada, primorosa, que o amor cinzelou e que a um capricho infantil deu para assoprar?... Tolice!... Póde minha irmã perorar á vontade, e a menina Adelia desdobrar toda a sua lamuria de rôla apunhalada, que eu de mais nada quererei saber...

SCENA V

FABRICIO E ARISTIDES DE CAMPOS

ARISTIDES

(Á porta da esquerda) Posso entrar?

FABRICIO

(Correndo a elle, com effusão) Ó meu querido Aristides, pois não póde!

ARISTIDES

(Emquanto se apertam as mãos) Eu não queria vir perturbar o artista n'alguma cogitação fecunda.

FABRICIO

(Com um sorriso amigavel) Sempre ironico...

ARISTIDES

Queria simplesmente dar-lhe os meus parabens polo triumpho que acaba de alcançar.

FABRICIO

Muito obrigado! *(Abraçam-se)* A proposito, recebeu lá um convitesito?

ARISTIDES

Recebi, e não tenciono faltar.

FABRICIO

Foi uma pequenina victoria, que me trouxe ao trabalho de tantos annos alguma compensação.

ARISTIDES

Pois decerto! Foi mais: foi a confirmação do que lhe eu disse uma vêz a vossê aqui, n'esta mesma officina: «Fabricio, vossê vae longe!» E mais não fiz grande prophecia: saltava aos olhos; de cada modelação que vossê imprimia ao barro, via-se, palpava-se o talento a esguichar-lhe dos dedos firmes, rapidos, nervosos... Não estou a lisongeal-o... E agora ahi o temos admittido a expôr no *Salon*, no mais glorioso dos certamens, entre os primeiros esculptores do mundo!—Parabens, muitos parabens!

FABRICIO

Não me séque vossê com elogios... sente-se antes um bocado. Faça-me companhia.

ARISTIDES

Não me dão muito tempo para isso os doentes; mas, em summa, estou tão bem! *(Sentam-se á esquerda baixa; vendo a estatua)* Que é aquillo?... novo trabalho já?

FABRICIO

Uma brincadeira... por desfastio.

ARISTIDES

Para descanço de creações mais largas.

FABRICIO

Mal imagina vossê quem me vae ser o modelo!... E' curioso.

ARISTIDES

Eu sei!...

FABRICIO

Veja se adivinha.

ARISTIDES

Aquella hespanhola esculptural da rua de S. Roque?

FABRICIO

Qual!

ARISTIDES

Alguma varina, flexuosa e enxuta como um vime, recemchegada do nosso abençoado littoral do Norte?

FABRICIO

Tambem não.

ARISTIDES

Então... a francêza da rua do Arsenal?

FABRICIO

Anda muito longe... E' essa mulher desabusada e turbulenta que estonteou o pobre Henrique!

ARISTIDES

(Pasmado) Jucunda!?

FABRICIO

Essa mesma.

ARISTIDES

Palavra!?

FABRICIO

(Levantando-se) Palavra de honra!

ARISTIDES

(Levantando-se e subindo) Vossê é o diabo! *(Aponta a estatua)* E que vêm a ser?

FABRICIO

(Subindo tambem) A *Audacia*!... A idea é d'ella. Explicou-me: devia ser uma mulher altiva, orgulhosa da sua nudez sadía e forte, na mão direita um gladio, a esquerda empolgando o Mundo, o rosto para o céu em ar de desafio!... *(Descendo)* Não deve ficar má... Aquella estouvada tem nas linhas geraes uma expressão singular de arrogancia e de bravura, que me deve facilitar immenso dar á estatua um tom vigoroso e original.

ARISTIDES

(Chocarreiro) Aguardaremos a opinião do critico Evaristo...

FABRICIO

(Incolhendo os homboos, tolerante) Dá-me pouco cuidado.

ARISTIDES

Pois devia dar... O Evaristo é imbecil, mas é mau. Tem feito eschola na grande roda dos cretinos. Elle não sabe nada, não lê, não vê nada, nunca ninguem lhe apanhou uma linha escripta... elle não atina a medir um verso, não descrimina as côres, é obtuso como um tamanco ao effeito musical d'um periodo bem rythmado... não é capaz de differençar o marmore do jaspe,

um quadro d'uma oleographia, um pastel d'uma aguarella; e comtudo discute tudo e todos, na ponta do labio infallivel, com um aprumo theatral de guarda-portão de predio rico, perante meia duzia de mediocres que o adoram de cócoras, babados de espanto, estarrecidos, mudos!

FABRICIO

Um pobre diabo... Como vossê embirra com elle!

ARISTIDES

Como eu o conheço!—é que vossê deve dizer... Não sei bem onde elle gasta o dia... talvêz em casas suspeitas, talvêz pelas tabernas, talvêz remendando na sombra dos parques distantes o dito, a phrase de effeito com que hade essa noite deslumbrar o auditorio. O que sei é que, pouco depois do accender das luzes, é fatal incontral-o abancado a uma mêsa de café barato, —a turba dos admiradores em volta, pavidos e boquiabertos como aquella roda de rãs em volta do madeiro que o bom Deus escarninho da Fabula lhes atirou para as governar,—e com o seu olhar de porco e a sua face oleosa e negra de atrabiliario, diffamando, inventando, erigindo tolices em dogmas, maculando caracteres, desfazendo reputações! O Sainte-Beuve da calumnia. E,—note-se,—quanto mais longe atirar a barra da ignorancia, quanto mais injustamente tratar os nomes consagrados, tanto maior admiração lhe vota a frandulagem dos proselytos.

FABRICIO

No fundo, vossê tem razão. E,—agora me lembro,—estou servido!... esqueci-me outro dia de lhe offere-

cer um café! *(Escutando)* Ó diabo! espere... ahi o temos!

SCENA VI

OS MESMOS, EVARISTO FORTUNA E GASPAR MIMOSO

EVARISTO

(Da esquerda alta, acompanhado de Gaspar, e sobraçando um pequeno embrulho) Vivam, meus charos!

FABRICIO

Adeus, Evaristo, como estás tu? *(Apertam-se as mãos)* E vossê, Gasparinho?

GASPAR

(Muito effeminado, apertando a mão de Fabricio) Não ha mal que me chegue. *(Aristides e Evaristo comprimentam-se, com uma certa reserva)* Vae-se levando a vida o melhor que se póde... E' verdade, polo seu convite, muito obrigado!

EVARISTO

(Com altivez) Lá recebi tambem...

FABRICIO

(A Evaristo) Que trazes tu ahi?... E' segredo? *(Aristides e Gaspar comprimentam-se.)*

EVARISTO

Polo contrario, trouxe-o de proposito para te mostrar.

(Com importancia) Vaes vêr! vaes ficar pasmado! *(Começa desfazendo o embrulho.)*

Gaspar

(Da direita baixa, a Aristides) Se tenho que fazer?... O menos que posso. O meu ideal é a bella da *patria*. O dia de ámanhã não nos pertence.

Aristides

(Caustico) O senhor devia ir viver para Napoles... Era o *meio* que lhe quadrava.

Gaspar

Ah! eu em Lisbôa, mesmo assim, não me vou dando mal...

Evaristo

(Da esquerda baixa, a Fabricio, com um prato na mão) Aqui tens. Pasma e curva-te deante da minha sciencia, do meu faro! *(Mostrando o prato)* Hispano-arabe legitimo!... Estado de conservação magnifico! Vejam! convençam-se por seus proprios olhos.

Fabricio

(Examinando o prato, trocista) Hispano-arabe, dizes?

Evaristo

Talvêz não seja!

Fabricio

(Com desdem, dando-lhe o prato) Isto é loiça das Caldas.

Evaristo

(Desconcertado) Estás a brincar?...

FABRICIO

Mas o que em loiça das Caldas ha de mais ordinario e mais conhecido!... Vae ter com o Bordallo, se duvidas... Seguramente, tu vinhas-me desfructar?

EVARISTO

(Confundido) Ó menino, sério,—olha bem; tu é que me queres metter os dedos pelos olhos! *(Apontando)* Não vês este arabesco, tão caracteristico?

FABRICIO

(Trocista) Mais caracteristico seria com um pedacinho de musgo, serrotado e luzente, ou então com uma cabeça de lagarto...

EVARISTO

(Ensaiando uma ultima desculpa) Bem sabes que da ornamentação arabe estava absolutamente proscripta a representação de animaes.

FABRICIO

(Rindo muito) Hispano-arabe isto, ah! ah!... Sempre me saíste um ponto!

EVARISTO

Pois olha, agora... reparando melhor... Tens razão!... Mas como diabo?... Ainda ha pouco no *Bazar Catholico*, — o Gasparinho viu, — pareceu-me um achado... Têem uma arte para nos embaír estes senhores ferros-velhos!... E dava-m'o barato: por dois mil réis.

ARISTIDES

Por esse preço compro eu uma duzia d'elles, na rua do Arsenal ou em S. Paulo.

GASPAR

E' loiça ordinaria, é, das fabricas antigas. Eu bem te disse...

EVARISTO

(Furioso) Tu não disséste nada! Mentes!... Que tal está o impostor!

FABRICIO

(Conciliador) Ora vamos, meus amigos... não merece tanto calor o assumpto.

EVARISTO

(Embrulhando o prato) Ora o homem do *Bazar*, a julgar que me intrujava!... Vou-lh'o levar já... Felizmente, ainda lh'o não paguei.

ARISTIDES

(Áparte) Isso creio eu.

EVARISTO

(Emquanto embrulha o prato) E' verdade, que dizem vossês ao ultimo livro do Trigoso?

ARISTIDES

Folheei-lhe hontem umas paginas. Pareceu-me bem.

EVARISTO

(Com vivacidade, ao meio da scena) Pois eu não co-

nheço nada peior! nem o *Secretario dos Amantes*... Lembra-me estas fazendas estampadas, bôas para vêr só d'um lado:—tem um lustrosinho banal de setinêta; olhado á superficie, illude... mas, visto por transparencia, tudo aquillo é raro, vasio, sem consistencia... descobre-se a trama grosseira do algodão.

GASPAR

E' uma borracheira!

EVARISTO

Mas emfim, com simples exame de primeiras lettras não se póde fazer mais.

ARISTIDES

(Passando ao centro) São opiniões; os meus amigos estão no seu direito... Eu já h[illegible] ouvi louvar a muita gente.

FABRI[illegible]

(Accendendo um charuto) Eu [illegible] não [illegible] em tenho o Trigoso por um [illegible]paz d[illegible]ito.

[illegible]

(Sentando-se á esquer[illegible]) [illegible] opinião acolhe favorav[illegible]ra, eu vou quebrar a mi[illegible]

(A Evaristo) Com [illegible]ssê t m penna:

FABRICIO

(A Evaristo, sentado defronte d'elle) Que diabo de escriptor és tu?

EVARISTO

(Offendido) Agora essa...

GASPAR

(Direita baixa, a Aristides) O Evaristo tem escripto muito. Sei-lhe da obra toda.

ARISTIDES

(Entre dentes, zombeteiro) Acredito...

GASPAR

Não conhece aquelle soneto celebre, que elle improvisou uma vêz, no *Martinho?*.. Desafiaram-n'o a achar uma rima para *fauce*. Difficil, como vê. O Evaristo sorriu, com aquelle ar superior que todos lhe reconhecemos...

ARISTIDES

(Emendando) Eu não.

GASPA

Matutou um boccado, pediu p[illegible] [illegible] dentim...

A[illegible]IDE

(Atalhando) P'ra se i[illegible]

[illegible]

E escreveu ali n'um [illegible] o!
(Forcejando recordar-se [illegible] Não

me lembra!... Tenho pena... Mas a idea é finissima: é esta... Na atmosphera capitosa d'um baile, reclinada morbidamente sobre um *divan* capitonado, uma linda menina abana-se com um leque de rendas, que tem bordado um grande dragão, abrindo a *fauce*,—era a rima!... A dama abana-se, inlanguescente, sonhadora, e o dragão abre a fauce, emquanto no piano rodopiam as notas voluptuosas d'uma *walsa* de Strauss... Tinha achado... Lindo, não é?

EVARISTO

(Descendo, a Fabricio) Parece incrivel que um rapaz da tua esphera ache valor ao Trigoso!... Em summa, não me admirarei que esse parvo faça carreira, n'este paiz de charlatães e microcephalos, em que os barbeiros tiram dentes, os ferradores receitam, as mulheres de virtude enriquecem, *Rosalino* encaminha o bom-senso, Pasteur é supplantado pelo boticario de Ourem e as fidalgas de Alfarellos...

FABRICIO

(Atalhando) E tu fazes criticas.

EVARISTO

(Com uma dignidade e uma isenção muito comicas) Nunca mais!

GASPAR

(Tomando o chapeu) Adeus! adeus!... *(A Evaristo)* Tu ainda ficas?... Tenho o barão á minha espera.

EVARISTO

Então vae. *(Estende a mão a Gaspar.)*

GASPAR

(Dando a mão a Aristides) Adeus, doutor. *(A Fabricio)* Até logo. *(Sae pela esquerda.)*

SCENA VII

FABRICIO, ARISTIDES DE CAMPOS E EVARISTO FORTUNA

FABRICIO

(A Evaristo) Então deixas partir só o teu amigo? *(Aristides senta-se, á direita baixa.)*

EVARISTO

Não se perde... Até estima ir só: leva destino.

FABRICIO

(Descendo, com Evaristo, á esquerda baixa) Ouve cá... francamente, francamente, aqui só entre nós tres: isto não é conhecimento que te convenha... nem a nenhum de nós! Morto ando eu por um pretexto para me desembaraçar d'elle. Hoje convidei-o em attenção a ti. Correm per ahi, — sabes? — umas versões...

EVARISTO

Bem sei, bem sei. E as apparencias condemnam-

n'o... Mas eu sou superior a essas coisas. E hoje sou amigo d'elle; não me importa.

FABRICIO

Ou, por acaso, tu?...

EVARISTO

Ah! não.

ARISTIDES

Eu sei!... vossê é tão grego...

EVARISTO

(Illudindo a resposta) Ora adeus!

ARISTIDES

Não, mas vossê, que o conhece melhor. diga lá... com franquêza: esse vago descredito tem algum fundamento?

EVARISTO

(Fingindo responder com difficuldade) Estou que sim... Mesmo aquella nomeação de amanuense... E' um *Alcibiades* manga d'alpaca, — estou convencido. Porêm, não me importa... sou amigo d'elle. *(Sobraçando o embrulho)* Deixa-me ir largar o prato, antes que m'o façam pagar. *(Vae a despedir-se, mas hesita; a Aristides)* O' doutor, não tem que fazer?... Venha comigo!

ARISTIDES

Ainda fico um pouco.

EVARISTO

Venha d'ahi... O nosso artista precisa trabalhar. Então!

ARISTIDES

Que diabo de empenho tem vossê?...

EVARISTO

E' que vossês ficam-me a *cortar!*

FABRICIO

(Rindo) Julgas os outros por ti... Vae, vae, que nós temos melhor assumpto.

EVARISTO

(Dando a mão a Aristides) Poupem-me, sim? *(A Fabricio)* Vê lá! *(Sae pela esquerda.)*

SCENA VIII

FABRICIO E ARISTIDES DE CAMPOS

ARISTIDES

(A Fabricio, que desce de acompanhar Evaristo) Viu vossê, que leal amigo?

FABRICIO

Safa! Quando elle trata assim as pessôas que estima, que não dirá dos inimigos?

ARISTIDES

Esses muitas vêzes lisonjeia-os, — é claro, com blan-

dicias invenenadas. Desingane-se, o seu officio é morder. Para elle ha só uma coisa intangivel, sagrada: é a porcaria! Medra n'ella, retoiça, embriaga-se... E a qualidade de ser sebento faz-lhe a vida barata... Sabe como em casa d'elle se aduba a panella?... Muito simples. Na occasião de a pôr ao lume, a creada chama-o; Evaristo vae, a sopeira ergue o testo, elle saccode a gaforina em cima do liquido... prompto! E' um regalo.

FABRICIO

(Rindo) Dizem que foi contractado outro dia para uma fabrica de guano... como materia-prima.

ARISTIDES

(Rindo tambem) E' verdade; e quér saber outra idea ingenhosa do maganão? Nunca comprou uma vela de stearina, nem teve nunca em casa pinga de petroleo. De quando em quando, vae-se a um jaquetão, a umas calças velhas, corta-lhe uma tira, torce-a, incaixa-a n'um gargalo de garrafa... e tem luz p'ra uma semana.

SCENA IX

OS MESMOS, JUCUNDA, BENIGNO GARCIA E MANUEL PEDRO

MANUEL

(Da esquerda, a Fabricio) Está aqui uma senhora que deseja fallar a v. ex.ª

FABRICIO

Uma senhora!?

MANUEL

Diz que v. ex.ª a espera. *(Entregando um bilhete)* Deu-me este bilhete.

FABRICIO

(Lendo) Jucunda!... O meu modelo! *(A Aristides)* O' Aristides, fique. Vossê, que anda com tanta vontade de conhecer a mulher, demore-se um pouco. Não nos embaraça.

ARISTIDES

N'esse caso, acceito reconhecido.

FABRICIO

(A Manuel) Mande entrar. *(Manuel sae)* E ella é digna de estudo,—vae vêr.

JUCUNDA

(Da esquerda, desce logo ao centro da scena, com desembaraço; emquanto Benigno Garcia, que entra depois d'ella, se conserva, timido, ao fundo) Bom dia, meu charo Fabricio. *(Aperta-lhe a mão; saúda com a cabeça Aristides)* Illustre émulo dos Mercié e dos Chapu, os meus parabens! Li nos jornaes a grande nova,—com uma certa magua, confesso.

FABRICIO

(Sorrindo embaraçado) Não comprehendo...

JUCUNDA

Com magua, sim!—porque não heide dizer-lh'o?...

Que imagina o meu amigo que vae agora aproveitar com a sua admissão no *Salon?* Espera vantagens, glorias, lucros?... Não me seja ingenuo! Conte só com dissabores.

ARISTIDES

(Á esquerda baixa, áparte) E' amavel esta mulher.

JUCUNDA

(A Aristides) Não está de accôrdo v. ex.ª?... Ah! perdôe,—o senhor não tem a honra de me conhecer... o que me não importa absolutamente nada, nem impede que eu o interpelle por esta fórma. *(Estudando-o)* V. ex.ª é sem duvida... um homem de sciencia, meticuloso e grave.

FABRICIO

Adivinhou... O meu particular amigo e distinctissimo clinico, dr. Aristides de Campos.

JUCUNDA

Muito bem! Parece-me egualmente um cavalheiro... O olhar é firme, limpo... o nariz nem o arrebita a petulancia, nem descahe ao peso dos sentidos... as feições têem a regularidade branca d'uma vida honesta... Aperte a minha mão! *(Estende a mão a Aristides)* E agora diga-me com sinceridade, como se respondêsse a uma velha amiga: não acha que Fabricio fêz uma tolice desmarcada em ir expôr a Paris?

ARISTIDES

Peço licença para observar, minha senhora, que não meço o alcance da sua idea.

Jucunda

Ai! que não é franco... Pois devia sêl-o, e dizer a verdade a este vaidososito, visto que é amigo d'elle. Porque o certo é que este senhor é um moço de talento, estimavel, fino... *(Com um accento singular)* querido das damas... *(Gesto de Fabricio)* Eu sei!... Um moço que cultiva esmeradamente, á custa d'um trabalho assiduo, as suas excellentes qualidades. Em Lisbôa alcançou já um nome invejavel, vae no caminho de poder deixar a sua obra com registro nos Annaes da arte portugueza; mas em Paris, n'esse *meio* immenso, torvelinhante e sinistro, onde centenares de aptidões de primeira agua disputam com incarniçamento a fama, a fortuna, a gloria, que diabo imagina o senhor que vae lá fazer?... Ali afoga-se, perde-se, ninguem o vê, ninguem dá por si,—acredite! Não tem condições para competir com elles... Entre nós poderia ser um genio; lá fóra, n'essa Babylonia infernal do pensamento, não passará d'um mediocre.

Aristides

Acho um pouco dura e forçada,—confesso,—a conclusão de v. ex.ª

Jucunda

Lisonjeirinho como um falso amigo... não é tão bom como parece. *(A Fabricio)* Desconfie-me d'elle!... E, se quér forrar-se a crueis desillusões, ainda está a tempo,—mande vir a estatua e deixe-se de querer competir com as estrellas, meu pequeno pyrilampo! *(Passa á direita baixa.)*

FABRICIO

Sim, senhor... Nunca vi um modo mais heroico de desilludir!

JUCUNDA

Meus charos, quem não gostar de mim assim, que me não falle... Estou no meu papel: — repetir, alto e bom som, o que centenares de pequeninas bôccas timoratas vão cochichando, sem coragem de o dizer em publico. Sou o Van der Laan da toleima! Opero a cataracta da vaidade... E, mais, conheço demasiado a mesquinha essencia dos homens e o fundo falso das coisas, para me deixar embevecer, deslumbrar a cada esquina pola fulguração dos immortaes que passam... Uma ou outra vêz, curvo-me, — é certo, — deante d'algum raro espirito de eleição, *(Senta-se)* mas é para lhe dar logo a seguir na testa com a ponta do meu leque irreverente!

BENIGNO

(Que se tem conservado ao fundo, acanhado, com o chapeu nas mãos á frente do peito, seguindo sempre, fascinado, as palavras e os gestos de Jucunda, áparte) Sublime creatura!

FABRICIO

Pois, meu rico dr. Mascaró dos infatuados, póde prégar quanto quizer! A minha estatua é que não volta... sem um premiosinho, — verá... Permitta ao meu amor-proprio este desvanecimento prematuro... Quanto ás suas impagaveis atoardas, aprecio-as muito, não para regular por ellas o fio da minha vida, — Deus me de-

fenda!—mas como diagnose pittoresca do seu estado pathologico, o qual chega a ser syndromatico á força de exaltação e de telha!

Jucunda

Chama-me doida?... Está-se vingando. Ande lá; muito bem! Dá-me importancia: não gostou de me ouvir... Isto os homens hãode olhar sempre quem os contradiz, quem os censura, como um gigante, e quem os lisonjeia como um pigmeu... *(Levantando-se e passando á esquerda)* De resto, estou no meu papel: — excito-o, exaspero-o, faço-lhe vibrar os nervos... Hade produzir! *(A Aristides)* Carecem de emoções estes senhores artistas. Se vamos a deixal-os amodorrar na inercia, não dão nada! O nosso sol voluptuoso e quente adormenta-os; faz-lhes o sangue em capilé... E' preciso estimular-lhes o estro, dynamisando-lhes a alma... Por isso eu me occupo em rir, em viver, em troçar com elles; por isso arrisco um pouco o meu vestido branco nos *cancans* da sua bohemia; por isso me aventuro a ir beber, não raro, na sua companhia um copo de *champagne!*... Têem-me dito que sou bonita, que exerço sobre as almas grandes... *(Indicando Benigno)* e não só sobre as grandes... um imperio, uma fascinação invencivel. Exercito-a em proveito da Arte, trago-a ao serviço do meu paiz! *(Senta-se á esquerda)* E alguma coisa tenho feito... Este semsaborão, *(A Aristides)* — veja,—tem agora entre mãos *(Aponta a estatua)* aquella obra-prima, cuja concepção me deve e cuja realização plastica me vae dever tambem. *(A Fabricio)* Esta, sim! mande-a para o anno a Paris! garanto-lhe a medalha de

honra. *(A Aristides)* Henrique Sarmento,— conhece?— encetou um bello quadro allegorico, inspirado tambem na minha pessôa. E então em litteratura,— que lhe direi?— tenho dado thema para todos os generos... até necrologios!... Houve um chroniqueiro de má morte, esguio e verde, estropiado e velho,— verdadeiro *Fausto* sem *Mephistopheles*, gato-pingado das lettras,— que, não contente em me adorar como suggestão, quiz amar-me como mulher. Perdeu o seu tempo,— claro!— e então vingou-se dos meus desdens, annunciando a minha morte e consagrando-me um elogio funebre enorme, lamuriento como um cão vadio, desesperadoramente adjectivado! Abria com um verso de Soares de Passos, e só pontos de exclamação tinha duzentos sessenta e cinco... Dei sorte, — palavra de honra!

FABRICIO

E,— não esqueça,— tem uma morte ás costas!

JUCUNDA

E' verdade... Pobre rapaz! *(A Benigno)* Garcia, conte o caso do Cerejo a este senhor.

BENIGNO

(Adeanta-se, muito timido, e falla direito, immovel, quasi sem fitar as pessôas) Esta senhora não teve culpa! Foi a sorte... Que culpa tem o fanal deslumbrante de que a borboleta vôe a queimar n'elle?...

JUCUNDA

(Interrompendo) Adeus, adeus!... Deixe a rhetorica e narre a historia em palavras breves.

Benigno

Não teve culpa... O pobre Cerejo metteu-se-lhe em cabeça fazer-se amar por esta senhora!... Não contente tambem em a ter por ideal, por nume, pretendeu havel-a por Eva no paraiso dos seus sonhos... *(Suspirando)* Não admira!... Mas, em summa, Jucunda é uma mulher superior. Libra-se tão alto, que nós para lhe rendermos culto...

Jucunda

(Atalhando outra vêz) Benigno! que lhe disse eu?... Vá de rhetorica!

Benigno

Cerejo então, n'um quarto de hora de tragico desespero, compôz uma poesia, que ficou celebre, e seguidamente inforcou-se n'uma trave da mansarda onde morava!... Parece-me que ainda o estou a vêr... Brrr!

Jucunda

(Explicando) Este senhor viu-o, verificou o obito. Logo que soube do acontecido, mandei-o lá.

Benigno

Eriçaram-se-me os cabellos!... Livido, os olhos vidracentos, a lingua inchada na bôcca babujosa... os versos, ainda frescos da tinta,—até lhe borraram a camisa,—collados ao coração... Mettia horror! *(Volta para o fundo, como um collegial que terminou a lição.)*

Jucunda

(Levantando-se) Mas a poesia ficou! E' a *Ultima fibra*, — conhecem?

FABRICIO

Ah! uma obra-prima!... Em desgrenhado não temos nada melhor... nem a juba do Evaristo.

JUCUNDA

Pois deve-me o paiz essa gemma litteraria!

ARISTIDES

(Áparte) Deve mas é mettêl-a na cadeia. *(Senta-se á esquerda.)*

JUCUNDA

Tenho exercido assim a minha influencia em todos os modos de affirmação esthetica do espirito. *(A Aristides)* Que pensa? Vim succeder ás nove musas.

ARISTIDES

Com immensa vantagem para os eleitos... Querem vêr que foi v. ex.ª quem inspirou as *Irmãs da caridade?*

JUCUNDA

(Ironica) Não... mas inventei a *Rosa tyranna*, que é superior; tem mais côr local.

ARISTIDES

E na dança?

JUCUNDA

Quem suggeriu ao mestre da choreographia nacional a *polka das terças*, quem o aconselhou a vestir-se á Luiz XV para as festas nocturnas do *Passeio*, fui eu!... Era então uma creança incantadora... Uma noite, em

que elle deu o premio a uma lambisgoia a quem eu tinha muita raiva... nasceu-lhe o primeiro callo!

ARISTIDES

Com effeito! *(Fabricio senta-se á direita.)*

JUCUNDA

E eis como eu sou a *Egeria* omnipotente do nosso Portugal artistico e litterario.

FABRICIO

(Áparte) Graças ao teu hysterismo e á *Revista dos Dois mundos*...

JUCUNDA

(A Fabricio) Que diz?

FABRICIO

(Girando com os pollegares) Nada... brinco com os dedos.

JUCUNDA

Eis como vivo requestada, invocada, thuriferada, adorada de rôjo, incondicionalmente obedecida... mas sempre, no meio d'esse fumo estonteador de incenso, immaculada e serena como a hostia sobre a tribuna d'um templo, conservando o coração livre... *(Olhando Fabricio, áparte)* começo a sentir que não!... *(Alto)* e a alma fresca e independente.

FABRICIO

Desde quando?

JUCUNDA

(Perturbada) Desde... *(Á parte)* Oh! odeio este homem... porque me fascina! Junto d'elle lembro-me que sou mulher!

MANUEL

(Da esquerda alta, a Fabricio) Estão aqui um senhor e uma senhora da provincia, que pretendem fallar a v. ex.ª

FABRICIO

(Levanta se) Que massada!... Diga-lhes que agora não pósso.

ARISTIDES

(Levanta-se) Eu vou-me embora.

FABRICIO

Espere... quem são elles? Déram-lhe algum cartão? *(Manuel dá-lhe um bilhete)* Deixe vêr. *(Lê o bilhete, emquanto Aristides se despede de Jucunda; depois de lêr)* Fulgencio Nagozello... deve ser um bom typo! *(A Aristides)* Ó Aristides, aproveite. *(A Manuel)* Mande entrar. *(Manuel sae pela esquerda.)*

SCENA X

OS MESMOS, FULGENCIO E D. AURORA NAGOZELLO

FULGENCIO

(Com a mulher pelo braço, pretenciosamente) Meu preclarissimo luminar da Arte, sou em dizer-lhe que me

sinto ufano por haver transposto os áditos do seu sanctuario. E minha mulher tambem. *(A Aurora)* O' *rora*, dize lá, pois não te sentes ufana?

D. Aurora

(Impando) Se sinto! *(Examinando Jucunda, áparte)* Quem me será esta *croia?... (Fabricio desce ao centro, com D. Aurora á sua direita e Fulgencio á sua esquerda; Aristides á direita de D. Aurora; Jucunda á esquerda de Fulgencio; Benigno um pouco á retaguarda de Jucunda, cujos movimentos acompanha agora, durante toda a scena.)*

Fabricio

(Comprimentando os dois, e tomando, com os mais personagens, as posições indicadas acima) Obrigado, meus charos senhores! Confundem-me com tanta amabilidade... Isto é uma simples, uma rudimentar officina, sem arranjo, sem luxo, sem conforto...

Fulgencio

(Olhando a scena) Não, está feito... está feito...

Fabricio

Quasi sem condições para se poder trabalhar bem... Remedeia, mas não satisfaz. Eu é que me honro muito com a visita de vv. ex.as!... Porque se não sentam? *(Chega-lhes cadeiras.)*

Fulgencio

Sem incommodo, sem incommodo. *(Senta-se, á direita, com a mulher; Jucunda, á direita baixa; Beni-*

gno atraz, de pé; Fabricio e Aristides tambem em pé, á esquerda) Pois, illustre sr. Fabricio, disséram-me que v. ex.ª... *(Olhando Jucunda, áparte)* Raio de cachopa!... *(Alto)* era um bom artista n'isto de fazer figuras. Que imagina?... *(Olhando Jucunda, áparte)* Bôa, bôa!... *(Alto)* que imagina v. ex.ª?...—já chegou aos confins da provincia o arrebol da sua fama!

FABRICIO

Oh! sem duvida, v. ex.ª exaggera...

D. AURORA

(Olhando Jucunda) Mas quem poderá ser esta delambida?

FABRICIO

(A Fulgencio) Trabalho com vontade, unicamente... E,—dêem-me licença,—*(Apresentando)* O dr. Aristides de Campos... o sr. Benigno Garcia... a sr.ª... *(Baixo, a Jucunda)* Como quér que a apresente?... com o seu nome de guerra?... Ninguem lhe conhece outro!

JUCUNDA

(Com modo estouvado, apresentando-se) Jucunda, a suggestora do talento, a musa da alegria!

FULGENCIO

(Fazendo uma grande mesura) Muito gosto em conhecer... *(Áparte)* Que grande bôlha!

D. AURORA

(Áparte) O que eu digo... é das taes!

Aristides

(Senta-se junto de D. Aurora) Polo que vejo, vv. ex.as são de longe?

Fulgencio

Muito longe... Do coração da Beira. Sou o representante da casa de Nagoza,— um palacio que não teme confronto com o da Brejoeira! Tem tantas janellas como dias tem o anno, oito torreões com armas, e sete capellas.

Benigno

Situado onde?

Fulgencio

Lá para as bandas de Vizeu... Muito castanheiro... Ora eu ha bons vinte annos que não jornadeava até á capital... Isto mudou muito! Não me intendo per estas ruas, é tudo novo... a não ser a obra monumentalissima do grande marquez de Pombal, que como isso é que os senhores hoje não são capazes de fazer nada. *(Olhando Jucunda)* E' de encher o olho!

Aristides

E a sr.ª D. Aurora tambem já conhecia Lisbôa?

D. Aurora

Nada, não... é a primeira vêz.

Aristides

E tem gostado? Valeu a pena?

D. AURORA

Valeu sim, senhor, muito obrigada. *(Áparte)* Muito agradavel este senhor... e tão sympathico!

FULGENCIO

Tudo isto mudou, é verdade... Lembra-me uma rapariga com quem aqui reinei em tempo... Grande mulher!

D. AURORA

(Baixo, reprehensiva) Lá começa vossemecê!

FULGENCIO

(Baixo, a D. Aurora) Ora, menina, que tem?... Foi já ha tantos annos!... Ainda tu não eras nascida... *(Alto)* Pois o diabo da rapariga,— bôa como o bom melão!— que era morena e tinha o cabello negro-retincto, não me entra um bello dia pela porta dentro, branca e de melenas loiras?... E' o que me lembra agora Lisbôa.

FABRICIO

(Aproximando-se de Fulgencio) Então v. ex.ª... cultivava o bello sexo?

FULGENCIO

Bôa!... Não imagina... era levado do diabo! *(Desce com Fabricio, pela esquerda)* Ainda mesmo agora, se pósso molhar a minha sôpa!... Eu tenho tambem o appellido de Rebordão, d'uma grande propriedade de pão e azeite, que possúo nas abas da serra de Vinhaes; pois

em Coimbra os rapazes chamavam-me o *rebordeiro*, porque eu, em me bacorejando assim coisa que valêsse a pena, dava-me lògo o arrebite... e,—vae,—chegava-me, bordejava, bordejava... e tanto bordejava até que ancorava!... Sempre pola prenda! Não que eu fôsse remelgueiro... qual! era capaz de gastar os olhos da cara. Mas, em summa, não sei que tinha,—babavam-se todas por mim!

JUCUNDA

(Áparte) Impagavel vegête!

D. AURORA

(Que ouviu as ultimas palavras) Por isso tambem agora o está pagando, pedaço de doido!

ARISTIDES

(A D. Aurora) Acha-o velho, minha senhora?

D. AURORA

Ai! já não é homem p'ra nada!

FULGENCIO

Estou arrazadote, estou... cheio de achaques! Nas ladeiras canço muito, dôres nas cruzes, peso nas pernas,—e isto então alternadamente, como no jogo do empurra... Quando se me allivia o rheumatismo, ataca-me logo o hemorrhoidal!

ARISTIDES

E não toma remedios?

FULGENCIO

Não faço outra coisa. Aguinha de Lœches, uma seringa e o Opodeldoch vão comigo para toda a parte... Mas, visto que o senhor é medico, deixe que já me não vou de Lisbôa, sem o consultar.

D. AURORA

E deves, deves. *(A Aristides)* Olhe, doutor, nós estamos nos *Irmãos Unidos*... A qualquer hora que queira, quando lhe faça menos desarranjo...

FULGENCIO

(Áparte) Então, hein!... A senhora minha mulher não se está animando!?... Foi sempre uma desgraça!

FABRICIO

E a que propicia causa,— poderá saber-se?— devo a honra da visita de vv. ex.as?

FULGENCIO

(Senta-se, á esquerda, com Fabricio) Eu lhe digo. Morreu-me ha tres annos no Brazil um tio riquissimo, tendo a generosa lembrança de me instituir seu universal herdeiro. O melhor de 600 contos, fortes, apenas com o *onus* d'uns legaditos miudos, e umas obras para engrandecimento da nossa aldeia:—hospital, egreja e mercado novo, casa para eschola. Mandei-lhe dizer duzentas missas por alma... Eu estava sem vintem!

D. AURORA

Sempre tem sido um extravagante!

Fulgencio

Aquillo por empreita foi um instante; dentro em tres annos estava acabadinho e prompto. Uma belleza!

D. Aurora

Devem-te muito!

Fulgencio

Pois não devem?!... Meu tio foi quem deixou o dinheiro, é bem verdade. Mas não tivésse eu tomado a épica resolução de o ir buscar, apartando-me da minha chara metade, aventurando-me per *mares nunca d'antes navegados*,— e sempre queria vêr!... Não apanhavamos nem um real... e Nagoza jamais fruiría essas construcções grandiosas, que são hoje o seu desvanecimento e a minha gloria! *(Levanta-se e desce ao centro.)*

Fabricio e Aristides

(Trocistas) Está bem de vêr! *(Jucunda tem-se levantado e percorre a scena pelo fundo, observando; Benigno segue-a a distancia.)*

Fulgencio

Ora aquella pobre gente está-me reconhecidissima! querem por todos os meios demonstrar, perpetuar a sua gratidão... Retrato na casa da camara já eu tenho, *(Aristides e Fabricio aproximam-se)* bem como lapides commemorativas com o meu nome...

Fabricio

E de seu tio?

FULGENCIO

Não! Esse p'ra quê?... Só o meu,—na frontaria do hospital e da eschola. Titulo de commendador tambem já me arranjaram... está ahi a arrebentar por estes dias!... Mas isto que diabo é? isto tem toda a gente... Queria uma celebração digna do meu nome e dos beneficios que fiz á terra!

JUCUNDA

(Descendo) Olhe: o seu busto n'uma tampa de caixa-forte, ficava bem.

FULGENCIO

(Contendo o despeito, e olhando Jucunda, desvanecido, áparte) E' isto... tomam logo confiança! *(Alto)* Ora Nagoza tem uma praça bonitota, quadrada: — dois renquesinhos de *australias*, d'um lado a mercearia e a botica, fronteira a egreja, dos outros dois lados moradas de bôas casas, ao centro um chafariz... Um monumentosinho ali mesmo,— pensei,— ficava a matar!

TODOS, *menos* D. AURORA

E' espantoso!

FULGENCIO

Vão vêr... Puz-me a malucar no caso, parafusei, parafusei... e vae, que fiz?... —eu sou machiavelico!— Nas ultimas eleições da camara, gastei... e saiu eleito quem eu quiz!... A camara agora cedeu-me o local para o monumento, mudando eu o chafariz á minha custa. Só falta quem ponha em pedra a minha idea, e é para isso que eu venho incommodar v. ex.ª

FABRICIO

Estou ás suas ordens. *(D. Aurora levanta-se e desce, pela direita.)*

FULGENCIO

Estatua, estatua propriamente, não me parece... repugna á minha modestia. Prefiro uma allegoria.

FABRICIO

Vejamos então.

FULGENCIO

Queria-se pouco mais ou menos um grupo, tendo por figura principal a *Caridade*, a agasalhar uns meninos, — sabe? — e por cima, entre nuvens, a *Abundancia*, flôres e oiro jorrando-lhe da cornucopia, e calcando aos pés a *Inveja*...

JUCUNDA

(Trocista) E já agora com a classica serpente a mordêl-a no coração.

FULGENCIO

Tal qual!... Ora e o grupo póde ter mais a *Illustração*, deslumbrando com um facho de luz a *Ignorancia*, de orelhas de burro, gordachuda, refastelada sobre um campo de feno, emquanto o *Progresso* avança escarranchado n'uma machina a vapôr, e a *Liberalidade*...

JUCUNDA

(Interrompendo) Que infindavel museu de velharias!

FABRICIO

Pol'o amor de Deus, meu charo sr. Fulgencio! isso não é um grupo, é um asylo.

FULGENCIO

Paga-se tudo!... Queria pois a *Liberalidade*, de capacete, couraça e manto, lembrando *Minerva*,—hein! —a mão direita a distribuir oiro e joias, a esquerda apoiada n'um medalhão. *(Baixo, a D. Aurora)* Agora, anda, dize tu o resto.

D. AURORA

(A meia voz, a Fabricio) E n'esse medalhão, sr. *alchitecto*, queria eu o busto do meu Fulgencio.

ARISTIDES E FABRICIO

(Áparte) Que dois idiotas!

FABRICIO

(A Aristides) A minha vontade era descompôl-os! *(A Fulgencio)* Póde fazer-se o que vv. ex.as desejam...

FULGENCIO

(Olhando Jucunda, áparte) E' papa fina!

D. AURORA

(A Fulgencio, surprehendendo-o) P'ra onde olha vossemecê, Fulgencio?

FABRICIO

(A Fulgencio) Ainda que, devo dizer, a obra é difficil: tem muita composição. E não sae barata.

FULGENCIO

Ah! eu não olho a despêzas. *(Olhando Jucunda, áparte)* Dá-me volta ao miolo!

D. AURORA

(A Fulgencio) Fulgencio! olhe que eu perco-me...

FABRICIO

(A Fulgencio) Tem muita pressa?

FULGENCIO

Agora tenho! Veja se me póde apromptar tudo em quinze dias.

FABRICIO

Nem em quinze mêzes!

FULGENCIO

O quê!... Ora essa! Mas, se quér, eu pago adeantado.

FABRICIO

Valha-nos Deus, meu charo sr. Nagozello, ninguem lhe falla em dinheiro... E' assumpto que eu costumo tratar sempre em ultimo logar. Mas em menos de quinze mêzes ninguem lh'o faz...

FULGENCIO

(Contrariado) Diacho!... Emfim, leve o tempo que levar... *(Inraidecido)* Ah! eu tenho um grande futuro! Logo o padre m'o vaticinou, ao pôr-me o nome na pia do baptismo... Fulgencio! Commendador Fulgencio,— como isto brilha! *(A Jucunda)* Não acha, minha senhora?

JUCUNDA

Ao senhor... preferia perdêl-o! *(Sóbe ao fundo, desesperada.)*

BENIGNO

(A Jucunda) Está incommodada?

JUCUNDA

Não! cale-se!

ARISTIDES

(Baixo, a Jucunda) Vou fazer uma experiencia... *(A D. Aurora, descendo, pela esquerda)* Mas o que v. ex.ª se tem dado de bem por Lisbôa!

D. AURORA

V. ex.ª acha?

ARISTIDES

Decerto! Vejo-a córada, viçosa... *(D. Aurora exulta; ficam conversando.)*

JUCUNDA

(Que tem estado a conversar com Fabricio) E não sáem por uma vêz! Ainda se alguem désse o exemplo... *(A Benigno)* Benigno, venha cá. Vou pousar; não tem remedio senão saír.

BENIGNO

(Supplicante) O' Jucunda, pola Virgem! deixe-me ficar... a um cantinho.

FABRICIO

Não tem inconveniente.

JUCUNDA

(Imperiosa) Nada, nada! Sáia, tenha paciencia... Espere-me á porta. *(Benigno sae, pela esquerda.)*

SCENA XI

Os mesmos, menos Benigno Garcia

FABRICIO

(A Jucunda) Porque o despediu?... E' um ente inoffensivo.

JUCUNDA

(A Fabricio) E' d'uma submissão alvar. Tanta humildade revolta-me. Um dia bato-lhe!

FULGENCIO

(A Jucunda) V. ex.ª... diz-me outra vêz a sua graça?... *(Sóbem, pela direita, conversando; Fulgencio animado, Jucunda aborrecida.)*

ARISTIDES

(Passando á direita, com D. Aurora) Pois, minha senhora, não vejo motivo para a mínima apprehensão. Está famosa, louçã... parece. E' uma grande coisa a provincia. Anda-se aos incontrões á saude.

D. AURORA

Gosta da provincia?... Pois eu prefiro isto. Lisbôa tem tantas seducções!

FULGENCIO

(Passando á esquerda, a Jucunda) Quem me déra ser mariposa que adejasse...

ARISTIDES

(A D. Aurora, passeiando sempre) N'esse caso demore-se um mêz, dois mêzes...

FULGENCIO

(A Jucunda, passeiando) Eu sorveria o nectar...

ARISTIDES

(A D. Aurora) A maior somma de tempo que pudér!

D. AURORA

(A Aristides) Hei de vêr se resolvo a isso meu marido; mas duvído. E' muito ciumento!

ARISTIDES

(Áparte) Tal qual o que eu suppunha.

D. AURORA

(Áparte) E' incantador!

ARISTIDES

(Áparte) Isto na aldeia as paixões são como os tortulhos.

FULGENCIO

(A Jucunda) E tudo isso, a uma palavra, a um gesto de v. ex.ª, eu faria rolar a seus pés!

JUCUNDA

E' a perola dos commendadores!

FABRICIO

Bonito! Convertem-me a officina em Passeio da Estrella... Tudo, menos isso! *(Tomando o braço de Fulgencio)* Meu charo sr. Nagozello... *(O mesmo a D. Aurora)* minha senhora... dou hoje uma pequena festa em minha casa: jantar íntimo e cavaco sobre o café, com dança para quem quizer. Querem fazer-me a honra de comparecer? Jantamos ás sete.

FULGENCIO

Ó sr. Fabricio, que honra!

FABRICIO

Acceitam, não é assim?... Mesmo,— desculpem-me, —*(Aponta a estatua)* mas tenho um trabalho urgente...

JUCUNDA

De que eu sou o modelo.

FULGENCIO

(Com espanto, desconfiado) O quê?... Modelo!

ARISTIDES

(Tomando o chapeu e despedindo-se) Sáio tambem.

FULGENCIO

(Áparte) Ai! o marôto que me fica só com ella... Não está mal achada desculpa... Modelo!... *(A Jucunda, despedindo-se, trocista)* Modelo!... ah! ah! ah! *(Sae, com D. Aurora e Aristides.)*

SCENA XII

JUCUNDA E FABRICIO

JUCUNDA

(Deixando-se cair n'um fauteuil, á esquerda baixa) Uff!... Finalmente!

FABRICIO

(Sentando-se tambem, á direita baixa) Que preciosos exemplares da nossa fauna de provincia!

JUCUNDA

Olhe, se voltarem, mande-os de presente ao Jardim Zoologico, ou,—que digo eu?—para a Abegoaria! Está a pedir carroça este commendador esparvonado.

FABRICIO

Ora, vamos... não me seja descaroavel nem pouco agradecida... Assim paga um começo de côrte, tão parvajolamente ingenua?...

JUCUNDA

E tão comicamente segura do resultado! Oh! meu amigo, que ridiculo!... Preferia que elle me tivesse insultado.

FABRICIO

Não se é impunemente a mais fiel, a mais perfeita incarnação da formosura!

Jucunda

(Levanta-se, simulando infado) Fabricio, quér que eu me retire?

Fabricio

(Levantando-se) O' minha senhora, por amor de Deus! quér que lhe chame feia?... Mas se não pósso! Na minha qualidade de artista, heide ser sincero... Vamos, não se me queira fazer agora embiocada. *(Jucunda torna a sentar-se; apontando a estatua)* Que tal acha o meu esboço? Parece-lhe que vae em caminho de poder realizar a concepção de v. ex.ª?

Jucunda

Não está mau... A attitude é excellente; justos a intenção, o pensamento. O que toda a figura quér principalmente é palpitação, é vida.

Fabricio

(Sentando-se junto de Jucunda) São elementos que me vae fornecer de sobra o meu splendido modelo!

Jucunda

(Levemente perturbada) Parece-lhe?

Fabricio

Evidentemente. Sôb a capa absurda e mortificante d'esse vestuario moderno, eu adivinho, — não se vá embora! — uma plastica soberba, impetuosa, gracil... a um tempo fina e consistente, pujante e delicada, toda moldada nas formas da mais pura, da mais luminosa, da mais divina esthesia!

JUCUNDA

(Perturbada) Então! não se me sae outra vêz galanteador!

FABRICIO

Verdadeiro, simplesmente.

JUCUNDA

(Áparte) Sente com certêza alguma coisa por mim...

FABRICIO

Creia, minha senhora, que rarissimas vêzes terá um artista logrado a fortuna de poder trabalhar por um modelo tão adoravelmente bello, tão idealmente suggestivo!... Talvêz Murillo, ao fixar a expressão alada, incoercivel do olhar das suas *Virgens;* talvêz Praxiteles, ao modelar das suas amphoras a curva immortal...

JUCUNDA

(Commovida) Ponto nos madrigaes! *(Áparte, radiante)* Ama-me, sem duvida! *(Alto)* Sabe que não accedi sem uma certa difficuldade ao seu pedido. Não por pudor,—que tolice! O pudor é um sentimento convencional...

FABRICIO

Que varia com a latitude, como os climas.

JUCUNDA

Um producto da educação.

FABRICIO

Sim, um méro signal ethnographico, assim como a tatuagem, a fórma da religião, o penteado...

JUCUNDA

Exacto. No fundo não significa nada, não vale coisa nenhuma... Mas emfim, não podemos dar assim um pontapé nas conveniencias. Custou-me...

FABRICIO

(Levemente ironico) Mil agradecimentos, minha senhora! Eu avalio... Quanto lhe não deve... o paiz! *(Levantando-se, com friéza)* Mal empregado não ter sido este sacrificio feito a quem melhor do que eu soubésse perpetuar no marmore tão superiores qualidades!

JUCUNDA

O quê!?... Está arrependido?

FABRICIO

Arrependido, não... Receioso, simplesmente.

JUCUNDA

De quê?...

FABRICIO

(Com friéza intencional) De ficar muito áquem do meu desejo e das excellencias do modelo. *(Á parte)* Cahiu das nuvens.

JUCUNDA

(Provocando-o) Não falla verdade, Fabricio...

FABRICIO

(Muito frio) Ora essa!...

JUCUNDA

(Áparte) Animemol-o... *(Alto, provocante)* Não falla verdade... é outro o seu receio... Teme aquecer, comprometter um pouco a independencia do coração.

FABRICIO

Oh! não, minha senhora!... O coração e o cerebro de nós outros, forjadores do Ideal, jogam em campos perfeitamente estremados, antinomicos, distantes. De ordinario, nem se conhecem. Outras vêzes, contrariam-se... como bons amigos, de mutuo assenso, em plena liberdade. Se acaso nos borbulha na alma um impeto amoroso, uma angustia sensual, um estremecimento de desejo, ao atravessar o espirito, arrefecêram; convertêram-se, d'uma emoção, n'uma idea... Não ha perigo. Creâmos, sentindo,—é certo; mas executamos, pensando. O nosso trabalho é essencialmente intellectual. Nós, os artistas, precisamos ser animaes de sangue frio, como a salamandra, se quizérmos passar dos vinte annos.

JUCUNDA

(Áparte) Adoravel este homem!... Subjuga-me!

FABRICIO

Ora e eu, que, como um grande pagão, aprecio alarvemente a Vida, sigo á risca, nas minhas relações com os modelos, esta norma de conducta. Esqueço-me do

sexo; não sou homem... *(Pegando n'um tepe, de cima da escada)* sou um pau de modelar!

JUCUNDA

(Desapontada, áparte) Incomprehensivel!... Ora me afaga, ora me repelle... *(Alto)* Ainda hade pagar tudo isso!

FABRICIO

Pagar, tem graça!... Como se...

SCENA XIII

OS MESMOS E JOSEPHINA

JOSEPHINA

(Da esquerda, atalhando a phrase de Fabricio) Ainda não sou indiscreta, parece-me?

JUCUNDA

(Levantando-se e abraçando Josephina) O D. Josephina, minha amiga, como está?

JOSEPHINA

E v. ex.ª, bem?... Vinha a lembrar-me que teriam já começado a sua sessão, e n'esse caso não queria...

JUCUNDA

Ah! ainda não, como vê...

FABRICIO

Estavamos cavaqueando... e eu a ponto de ir aqui ao meu gabinete enfiar a blusa do trabalho. Por signal, que me estava custando deixar a nossa amiga sósinha.

JOSEPHINA

Pois olha, como eu agora cheguei...

FABRICIO

Bem lembrado. Dêem-me licença; isto é n'um prompto. Se querem ter tempo de desinrolar os defeitos d'alguma pobre senhora, é fazerem-n'o em estylo de telegramma. *(Sae, pela direita alta.)*

SCENA XIV

JUCUNDA E JOSEPHINA

JOSEPHINA

Estimei immenso, minha senhora, incontral-a agora aqui...

JUCUNDA

Egualmente.

JOSEPHINA

Não lhe digo isto por méro comprimento... Preciso fazer um appêllo á sua alma generosa, á sua alma condoída e magnanima de mulher feliz.

Jucunda

(Tirando da algibeira a bolsa do dinheiro) Ó minha querida amiga...

Josephina

(Com um gesto de recusa) Guarde o seu dinheiro... O favor que vou pedir-lhe é de ordem moral.

Jucunda

Sou toda ouvidos. *(Sentam-se; Jucunda á esquerda. Josephina á direita.)*

Josephina

Tenha paciencia... V. ex.ª é mulher como eu, hade intender-me!

Jucunda

Assim o espero e desejo. Mas para isso,—olhe,—deixe um pouco esse ar de caso, que me dispõe mal, em vêz de me commover. Ora vamos lá!

Josephina

V. ex.ª está na plenitude da belleza e da gloria.

Jucunda

Obrigada.

Josephina

O seu nome retine galhardamente pelas chronicas do mundanismo e da elegancia, o primeiro entre os primeiros, acclamado, faiscante, indominavel, grande... Vae parecer-lhe por isso uma pieguice, uma caturreira sentimental muito abaixo do nosso tempo e das culminancias em que o prestigio de v. ex.ª radia soberano, o assumpto de que lhe vou fallar.

JUCUNDA

Farei por descer das culminancias... Vamos.

JOSEPHINA

A turba dos admiradores de v. ex.ª é enorme, conta-se pelos homens, cresce sempre, é um preamar de corações! E eu sei que v. ex.ª vota a todos elles, sem excepção, um desdem supremo.

JUCUNDA

E' certo.

JOSEPHINA

Se, porêm, d'entre esses nullos um homem surgisse de repente, que fôsse para v. ex.ª *alguem;* um homem polo qual v. ex.ª sentisse qualquer coisa de imperioso, de inquietante; um homem por quem o sangue de v. ex.ª corrêsse rapido e a carne tremulejasse... um homem destinado a ser o vencedor na onda anonyma dos vencidos; — diga-me! — não daria v. ex.ª polo amor d'esse homem, por um segundo bem absorvente e bem cálido de mutua posse, toda a sua fortuna, todo o seu renome, todo este mundo doirado em que se exerce a sua fascinação e o seu imperio?...

JUCUNDA

(Inflammada) Oh! seguramente!

JOSEPHINA

Comprehende portanto como póde ser doloroso para uma mulher sentir o seu amor contrariado, desestinado, perdido, inutil... e vêr essa chamma sagrada e tocante,

desfeita, lançada á margem como um charuto mau que se apagou!

JUCUNDA

Mas a que proposito vêm tudo isso, minha querida?

JOSEPHINA

E' que ha uma amiga minha, uma pobre creança! que se debate n'uma angustia semelhante... Uma pobre creança, a quem um rapaz sério e digno promettêra um futuro côr de rosa, e vae agora a pique de esquecêl-a indignamente!

JUCUNDA

Coitada!

JOSEPHINA

E v. ex.ª póde salval-a!

JUCUNDA

Eu?...

JOSEPHINA

Sim! porque esse... imprudente segue na esteira dos seus admiradores.

JUCUNDA

Como se chama?

JOSEPHINA

Henrique Sarmento.

JUCUNDA

O meu rocambolesco pintor!

JOSEPHINA

Ama-o?...

JUCUNDA

De modo nenhum.

JOSEPHINA

Então,— peço-lhe,— desingane-o! faça-o vêr justo!

JUCUNDA

Mas se eu não tenho razões nenhumas para lhe ser desagradavel...

JOSEPHINA

E a minha pobre amiga?

JUCUNDA

Não a conheço... é-me indifferente que ella sôffra ou deixe de soffrer.

JOSEPHINA

Jucunda!— supplico-lhe!— seja cruel com elle... Um adorador de menos, que lhe faz?

JUCUNDA

(Levantando-se, com frieza) Minha senhora, sobre este assumpto não temos mais que dizer. *(Josephina levanta-se e sae, pela esquerda.)*

SCENA XV

JUCUNDA, DEPOIS FABRICIO

JUCUNDA, *só*

(Exaltada, percorrendo a scena) E esta!... Quem auctorisou esta melliflua protectora de meninas embeiçadas, esta M.me de Ségur da *Baixa*, a vir agora in-

terpellar-me sobre actos da minha vida?... Um desplante assim!... A menina Adelia soffre...—mas que tenho eu com isso? Que me importa a mim a leucorrheia sentimental da rua dos Fanqueiros?... Metto-me lá com a vida de ninguem!... E Fabricio sem apparecer... Isto acaba de me apurar a paciencia... *(Concentrada)* E' de gêlo!... e tão altivo, tão nobre... Fascina-me! Ao pé d'elle desconheço-me, fraquejo, a minha independencia abdica, sinto-me capaz d'uma loucura... Oh!—ordenásse-m'o elle!—seria a ultima das mulheres... *(Á porta da direita)* Fabricio! Fabricio!

FABRICIO

(Da direita) Prompto, minha senhora... perdão! *(Áparte)* Má cara...

JUCUNDA

Com effeito! o tal instante... *(Áparte)* Estariam combinados?... *(Alto)* Presumido! gastou todo esse tempo a compôr-se?

FABRICIO

Não, minha senhora; quiz simplesmente deixar um bocadinho de expansão a um *duetto* bom de maledicencia. *(Áparte)* Decididamente, minha irmã foi infeliz.

JUCUNDA

Pois ingana-se.

FABRICIO

(Intencional) Desafinaram?...

JUCUNDA

Não fallámos mal de ninguem; mas olhe que, se nos

tem dado para ahi, não nos faltava tempo para desmoronarmos a cidade.

FABRICIO

O mundo inteiro!

JUCUNDA

(Seguindo com o olhar Fabricio, distrahido; áparte) Nem dá por mim! *(Alto)* E a nossa sessão, passamos a ella?

FABRICIO

Vae sendo tempo.

JUCUNDA

(Resoluta, descendo e tomando o braço de Fabricio) Primeiro, diga-me... sou tão calumniada!—que juizo fórma de mim?

FABRICIO

O mais alto juizo que um cavalheiro póde formar d'uma senhora.

JUCUNDA

E' bem verdade isso?... Considera-me uma mulher que deve ser tratada com respeito, ou uma d'estas raparigas que qualquer póde largar sem escrupulo, depois de ter feito d'ella um instrumento ephemero de prazer?

FABRICIO

Ó minha senhora!...

JUCUNDA

Vamos, seja nítido: — Crê na minha honestidade?

FABRICIO

(Malicioso) Eu sei... Isto a honestidade é como a

bellêza: não sabe bem a gente onde ella acaba, nem onde ella começa.

JUCUNDA

Quér dizer que põe em duvida?...

FABRICIO

Por fórma nenhuma!... *(Sério e convicto)* Com toda a sinceridade,—v. ex.ª para mim é tão digna de respeito como a donzella mais innocente, como a mais respeitavel das mães. Se a julgasse uma mulher facil, nem lhe dizia isto, nem a convidava para minha casa. Fique bem assente.

JUCUNDA

Considera-me então digna, pura, virtuosa?

FABRICIO

Inteiramente. A despeito do seu desprêzo polo decóro, dos seus modos estouvados, das suas predilecções bohemias, da sua vida paradoxal e tumultuosa, eu julgo-a no fundo tão casta como a mais casta das virgens. V. ex.ª tem moralmente... um grão na aza! E' uma impetuosa, uma desequilibrada, uma telhuda,—como a musica de Hervé ou a esculptura de Carpeau, —mas na essencia é uma virtude... que, sem crestar as azas, vae avoejando alta, livre, descuidosa sobre esta arena fumegante, como em agosto uma borboleta branca, volitando ao sol.

JUCUNDA

Julga que algum homem poderá apaixonar-se por mim devéras?

FABRICIO

Centenares d'elles!... Não conheço outra coisa.

JUCUNDA

Não me refiro a essa estupidez d'appetite... Uma paixão reflectida, santa, irreprimivel... d'estas que levam da conformidade dos sentimentos á indissolubilidade das existencias!

FABRICIO

Pois não julgo!... Admirar-me-hia eu, se tal não succedêsse... Por exemplo, o Garcia.

JUCUNDA

Um idiota... *(Com calor)* Ah! e não imagina, Fabricio, não póde calcular! que infindaveis poemas de dedicação, de febre, de ternura eu enthesoiro, sôb esta minha apparencia desapegada e frivola!... Não imagina que prodigioso, que extraordinario mundo de delicias eu reservo para quem me saiba, me queira comprehender!

FABRICIO

(Áparte) P'ra cá vêns de carrinho... *(Alto, derirando)* Quér pousar?

JUCUNDA

(Áparte) Este homem tomar-me-ha por uma coisa, por um simples degrau na escala da sua ambição?... *(Alto)* Oiça, espere: — nunca amou?

FABRICIO

Amei minha mãe; amo hoje minha irmã.

JUCUNDA

Tambem me não refiro a essa qualidade de amor; mas ao amor de sexo para sexo, ao amor natural por excellencia, que é no fim de contas a razão, a causal da nossa vida.

FABRICIO

Deus me livre!... O artista, se lhe dá para amar outra coisa que não seja o seu plano, a sua obra, o seu destino, está perdido! Mesmo hoje para mim, n'este habito em que estou de modelar do vivo, as mulheres são estatuas e as estatuas são mulheres!... Inverto a noção d'umas e d'outras... confundo-as,—palavra d'honra!

JUCUNDA

Não quér ser franco...

FABRICIO

O amor do artista deve ser um amor de exportação! Póde ser tudo,—um desejo, uma phantasia, um calculo, uma armadilha, um capricho,—tudo... menos amor. *(Sóbe.)*

JUCUNDA

(Áparte) E' mais forte do que eu!

FABRICIO

(Subindo ao fundo esquerda) Quér despir-se, minha senhora?

JUCUNDA

(Áparte) Vamos ao ultimo argumento.

FABRICIO

(Correndo o reposteiro) Tem aqui um camarim confortavel. *(Jucunda sae, pelo fundo esquerda; Fabricio cerra sobre ella o reposteiro; depois, para dentro)* Traze barro, Manuel.

SCENA XVI

FABRICIO E FULGENCIO

FULGENCIO

(Da esquerda, espreitando com avidez) Ainda não... que ferro!... E eu que esperava vir surprehendêl-a qual Amphytrite a emergir das ondas!... *(Fabricio dá com elle; então, descendo, atrapalhado)* Illustre luminar, desculpe, eu sáio já, mas é que...

FABRICIO

Esqueceu alguma coisa a v. ex.ª? *(Áparte)* Que raio de alçapão de magica me piparotou este massador?

FULGENCIO

E' verdade, olhe, esqueceu-me... O senhor não me disse em quanto importava a minha encommenda.

FABRICIO

E por isso incommodou-se!... Já é ser meticuloso! Tinhamos tanto tempo!

FULGENCIO

(Esquadrinhando a casa) Eu cá sou assim... contas

são contas. *(Áparte)* Ella hade estar per aqui algures... Ai! se eu a pesco em roupas brancas!

FABRICIO

Procura alguma coisa, sr. commendador?

FULGENCIO

Ainda não, commendador ainda não!... Depois de amanhã. *(Continuando a procurar e disfarçando)* Estou vendo estes bonitos... sou muito curioso... E tinha geito cá p'ra a vida! Meu pae não quiz... Sou um artista falhado!

FABRICIO

(Ironico) Bem se vê!

FULGENCIO

(Deante da estatua, manhoso) Ora que nunca vi pousar um modelo! *(Áparte)* Onde diabo se metteria?... *(Alto)* Deve ser interessante! P'ra onde sóbem elles? *(Subindo ao estrado)* P'ra aqui, não é?...

FABRICIO

(Aborrecido) E'.

FULGENCIO

E o senhor d'ahi, não é assim?... *(Signal affirmativo de Fabricio)* Deve ser lindo!... *(A Fabricio, muito familiar)* O amigo vae trabalhar agora?... não me podia deixar assistir?...

FABRICIO

Impossivel! O modelo é muito invergonhado.

FULGENCIO

(Rindo) La, la...

FABRICIO

Nem lá, nem cá; de modo nenhum!

FULGENCIO

Não é isso!... La, la... E' uma femea! Então cuida que eu que não sei?... Mas, sério, não poderei ficar? pois nem mesmo como ajudante?... O senhor precisa d'um ajudante! *(Entra Manuel com o barro; Fulgencio tira-lh'o das mãos)* Onde se põe isto?

FABRICIO

(Indicando a direita alta) Ali.

FULGENCIO

(Depõe o barro; Manuel sae) Eu tenho muito geito!

FABRICIO

(Arrcliado, áparte) Que caustico!... e que satyro!...

FULGENCIO

(Indicando o cavallête, fallando precipitado) Como se chama isto?

FABRICIO

Um cavallête.

FULGENCIO

Diga-me: de cavallête tambem não precisa?... Tenho um geito para cavallête! *(Vendo a porta da direita, áparte)* Talvêz ella esteja aqui!... como Eva antes do peccado. *(Vae a sair, pela direita alta.)*

FABRICIO

Aonde vae, commendador?

FULGENCIO

Ainda não!... Depois de amanhã... E' que... não sei onde diabo deixei as luvas.

FABRICIO

Mas v. ex.ª não entrou ahi... E' um gabinete.

FABRICIO

(Insistindo) Não tem duvida. *(Áparte)* Brejeirote! não quér que eu entre. . *(Á porta da direita alta, olhando, alto)* Está muito bem adornado este gabinete. *(Sae, pela direita alta, com Fabricio.)*

SCENA XVII

D. AURORA, *só*

(Entrando, esbaforida, da esquerda) Bem me palpitou a mim!... Voltou aqui, o meliante! com o cheiro na delambida... depois de a ter estado a namorar, mesmo nas minhas barbas, descarado!... Toda a vida foi assim .. Só a minha paciencia... E então, depois que chegámos, anda doido de todo! anda mesmo endiabrado!... *(Suspirando)* A Senhora da Conceição me valha!—isto Lisbôa é a perdição da gente! *(Procurando pela scena)* Mas onde diabo?... Estará a fazer alguma das d'elle?... *(Levanta o reposteiro do fundo esquerda,*

e recúa horrorisada) Ai! *abrenuncio!* Santa Barbara!— que vergonha! *(Vae a saír, esparorida, pela direita, e incontra-se com Fabricio e Fulgencio, que acodem aos gritos.)*

SCENA XVIII

D. AURORA, FABRICIO, FULGENCIO E JUCUNDA

FABRICIO E FULGENCIO

Que é? isto que é?... *(Espanto ao vêrem D. Aurora.)*

JUCUNDA

(De dentro, rindo) Acudam a essa matrona pudibunda!

D. AURORA

(A Fulgencio, furiosa) Sou eu! E' a sua mulher á face de Deus e dos homens, infame prevaricador!... Eh! cuidava que me embaçava?... Eu bem percebi que vossemecê a levava fisgada, seu velho gaiteiro!

FULGENCIO

Ó *rórasinha*, és injusta, socega... tinham-me esquecido as luvas.

D. AURORA

E só por isso me empurrou com tanta pressa para o *hótel!*... Traidor! Ande lá adeante de mim! Fujamos!... *(Sae com Fulgencio, pela esquerda alta.)*

SCENA XIX

FABRICIO E JUCUNDA

FABRICIO

(Rindo muito) Ah! ah! ah!... Que grandes typos!

JUCUNDA

(De dentro, mostrando o busto nu, como quem espreita) Já se foi esse par desoppilante?

FABRICIO

Prompta?

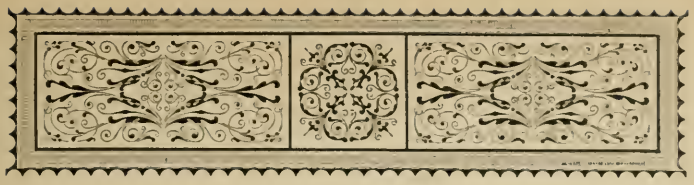
JUCUNDA

Ha que tempos! *(Recolhendo o busto e a cabeça)* Estou tolhida de frio!

FABRICIO

Bem. *(Esperta o lume do fogão; põe sobre o caralète os paus de modelar; sóbe, pela esquerda alta)* Manuel, não deixes entrar ninguem. *(Passando para junto da estatua, á direita alta)* Minha senhora, ás suas ordens. *(Jucunda descerra o reposteiro.)*

CAE O PANNO



ACTO II

Uma estufa, illuminada.—É noite.—Ao fundo, um largo portal envidraçado communica com as salas interiores, cheias de lumes e profusamente decoradas. Á direita duas portas, egualmente envidraçadas, dando para o interior. Á esquerda alta, uma especie de caramanchão elevado, todo afogado na penumbra de grandes massiços de verdura, e fazendo o effeito de se prolongar para fóra, n'um torreão com um balcão rendilhado. Mobilia de vêrga de ferro e cortiça.—Durante o acto, da scena VI em deante, ha sempre movimento de convidados, ao fundo.

SCENA I

JOSEPHINA, ADELIA, MARIA AUGUSTA, FULGENCIO E D. AURORA

D. AURORA

(A Maria Augusta e Fulgencio) E' muito descarada!... Só isto de fumar!... Nunca ouvi que senhora nenhuma o fizésse, a não ser essas mulheres perdidas.

MARIA AUGUSTA

Uma excentricidade como outra qualquer, minha se-

nhora... Em Lisbôa hoje não se repara... vae entrando nos costumes.

D. AURORA

Frescos costumes!... Ficar-se agora só no meio dos homens, a fumar com elles!... Nunca na minha vida esperei vêr tal!

FULGENCIO

(Enthusiasmado) E' uma mulher p'ra as armas!

D. AURORA

Não tem duvida... Armado e bem armado será o tôlo que a levar!

ADELIA

(A Josephina) Foi só p'ra me não vêr, minha querida amiga... Fêz-se assim! não póde estar um instante em sitio onde eu esteja. Evita-me, detesta-me... E, comtudo, eu não lhe fiz mal nenhum!

JOSEPHINA

Não desanime, Adeliasinha; tenha fé nos bons sentimentos d'elle, e nos incantos da sua alma, na sua mocidade.

ADELIA

A minha mocidade!... Nunca a senti tão desamparada, tão negra, tão intoleravelmente triste, meu Deus! *(Com lagrimas na voz)* Eu não lhe merecia este abandono!

JOSEPHINA

(Confortando Adelia) Então, nada de lagrimas. . *(Apontando Maria Augusta)* Está ali sua mãe, póde

affligil-a... Henrique ainda vêm; não tarda per ahi,— verá!

Maria Augusta

(A Fulgencio e D. Aurora) Pena é que não apanhassem já *S. Carlos* aberto.

D. Aurora

Ah! aquillo é muito grande!—vi cá por fóra... E' um convento.

Maria Augusta

Muito bonito, magestoso, alegre... E então nos dias de gala deslumbra!... Depois, a sociedade que o frequenta...

Fulgencio

A grande roda, hein?

Maria Augusta

A *gente conhecida.*

D. Aurora

Só a nós aqui ninguem nos conhece!... Faz-me raiva! Lá em Nagoza tudo são comprimentos, barretadas... —sr.ª D. Aurora! illustre fidalga! minha rica bemfeitorinha!... mas aqui, n'esta negregada terra, ninguem faz caso de nós. Encontrões, cotovelada, mesmo seu bocadinho de troça, é quanto queiram; agora demonstrações de respeito, nem per onde passe a primeira!

Fulgencio

(Com basofia, levantando-se) Deixa-me ser commendador.

ADELIA

(A Josephina) Estavam as coisas n'este pé... porque não havia de eu acredital-o?... Só ainda não tinhamos assentado na côr do papel para a casa de jantar... Elle queria pintal-a a fresco,— de paysagens, fructos, canistreis com flôres; mas eu achava mal empregado. Ainda se a casa fôsse nossa...

JOSEPHINA

Decerto. Um bello dia mudavam-se...

D. AURORA

(Levantando-se, a Fulgencio, vendo que este se aproxima da porta da direita alta) Fulgencio! Fulgencio!... *(Fal-o sentar-se)* Aqui! *(Senta-se)* Olhe que não vae p'ra lá!

ADELIA

(A Josephina) Mas p'raque estou eu com isto?... O meu sonho esvaiu-se... oh! e eu não pósso, não pósso resistir! *(Chora.)*

JOSEPHINA

Tenha esperança, minha amiga.

ADELIA

Custa tanto incarar serenamente a desgraça... resignarmo-nos!

JOSEPHINA

Henrique é muito rapaz. São os ultimos fogachos da juventude, que fulguram, que momentaneamente cegam,

mas não destroem, nem queimam,—como os *ralvrdes*, no S. João... Elle ainda não deixou de a amar.

Maria Augusta

(Levantando-se, a Fulgencio e D. Aurora) Mas venham então vêr as preciosidades que elle tem per essas salas. *(Fulgencio e D. Aurora levantam-se.)*

D. Aurora

(Olhando a scena) Na verdade, não sei que utilidade tenha tanta bugiganga.

Fulgencio

Isto é um capital empatado.

Maria Augusta

(Passando á esquerda, a Adelia) Então, *lélia?*

Adelia

(A Maria Augusta) Obrigada, mãe; estou melhor. *(Indica Josephina)* Tem sido tão amoravel comigo!

Maria Augusta

Olha, estás muito nova. Homens ha muitos... *(A Josephina)* Dê-lhe conselhos, minha bôa amiga... Isto, em geral, as pessôas de fóra são mais attendidas que as de casa. Deixo-a bem entregue. Vou mostrar as suas salas aos dois provincianos.

Josephina

Obrigada pola amabilidade, minha senhora.

D. AURORA

(A Maria Augusta, que voltou á direita) Olhe,—sabe, D. Maria Augusta?—o que em Lisbôa mais me tem incantado são os peitos dos homens! Que alvura, que brilho, que tesura!... *(Fulgencio, D. Aurora e Maria Augusta vão subindo)* Tal qual o meu tanque de Nagoza, em dias de regêlo. *(Saem, pela direita.)*

SCENA II

JOSEPHINA, ADELIA, DEPOIS HENRIQUE

ADELIA

(Passando á direita, com Josephina) Este desingano, este desprezo têem-me despedaçado o coração... Quem havia de dizer!?—depois de dois annos de ventura inalteravel... da mais dôce, da mais santa conformidade!... E isto repentinamente, sem eu dar a menor causa!

JOSEPHINA

A sua dôr, Adeliasinha, exaggera... Pois por que razão havia de Henrique, sem mais nem menos?... Só se fôsse o ultimo dos homens.

ADELIA

(Com calor, emendando) Oh! não... isso não é!... Mas, em summa, talvêz se agastasse com as minhas objecções continuadas... Eu era tão exigente no arranjo das nossas coisas, contrariava-o tanto nos seus

planos! Devia-o deixar pintar a casa de jantar á vontade.

JOSEPHINA

(Rindo) Tolinha... isso era lá motivo!

ADELIA

Ou então,—eu sei!—andou talvêz todo este tempo a brincar comigo... Na melhor das intenções... Os homens não têem culpa:—a sociedade faz-lhes crêr que isto de cumular uma alma de felicidade, e arremessal-a depois ao desespero, é um méro divertimento, lícito, innocente... *(Subindo)* Oh! se elles soubéssem o mal que nos fazem! *(Entra Henrique, do fundo)* Elle, meu Deus!

HENRIQUE

(Vém carrancudo e cabisbaixo; ao vêr as duas senhoras, compõe um pouco o rosto e desce a comprimental-as) Ó minhas senhoras...

JOSEPHINA

(A Henrique, logoque elle lhe estende a mão) Então isto são horas de apparecer?

HENRIQUE

(Embaraçado) Creia, D. Josephina, que venho vexadissimo... *(Aperta a mão de Adelia.)*

JOSEPHINA

Não se faz!... faltar ao jantar, o nosso primeiro amigo! *(Riso de Henrique)* uma pessôa cuja presença tinhamos mais que certa n'esta nossa pequenina festa!

HENRIQUE

Nem sequér ensaio desculpar-me. *(Descem todos, pela direita)* Tão convencido estou da enormidade da minha falta, que estive para nem vir agora.

JOSEPHINA

Faltava-lhe a coragem?

HENRIQUE

Exactamente.

JOSEPHINA

Mas porque não veio ao jantar?... Meu irmão lhe dirá!

HENRIQUE

(Fazendo um exforço para se conter) Fabricio... oh!... é a elle mesmo que eu preciso expôr a razão do meu procedimento.

JOSEPHINA

(Imitando-o, trocista) Com effeito!... Mas, decididamente, o sr. Sarmento anda muito preoccupado... Não oiço senão queixas contra o senhor! Um homem attencioso, pautado, calmo... que passava por modelo de egualdade, de lisura de animo... de moderação, de regularidade de espirito, pintam-m'o agora distrahido, agitado, rebelde, ingrato... Que vêm isto a ser?

HENRIQUE

Minha senhora... não sei... ha crises...

JOSEPHINA

Bem, bem, custa-lhe a gaguejar a desculpa... e eu

não tenho tempo para a esperar. Estão ahi a entrar os convidados; preciso ir fazer as honras da casa. Justifique-se aqui perante Adelia... Não póde ter juiz mais benevolente.

ADELIA

(Confusa, a Josephina) Não... não me deixe só com elle!

JOSEPHINA

(Baixo, a Adelia) E' conveniente... Animo! e castigue-o bem. *(Alto)* Dêem-me licença. *(Sae, pelo fundo.)*

SCENA III

ADELIA E HENRIQUE

Algum tempo de visivel embaraço: — Adelia passa á esquerda, hesitando e fitando a furto Henrique, o qual disfarça, subindo, e olhando mesmo para fóra pelo portal do fundo; depois, Adelia senta-se, á esquerda.

HENRIQUE

(Descendo) Começa já a entrar gente, na verdade... Isto está bello! *(Dirigindo-se indirectamente a Adelia, como para obter resposta)* E que bom gosto, que opulencia! — Um palacio de fadas... tudo tão espelhado! tão lucido!... Lembra essas maravilhosas construcções de crystal e diamante, — *(A Adelia)* não é verdade? — que os contos phantasticos nos dizem que se escondem na phosphorescencia glauca das ondas. *(Como não obtém resposta, senta-se junto de Adelia)* Que tem, Adelia?

ADELIA

Nada... que o póssa interessar.

HENRIQUE

(Meigo) Falla com tão mau modo ao seu amigo?

ADELIA

Por quem é, não recomece!... Para divertimento, bastou.

HENRIQUE

Meu Deus! o que ahi vae!... Pois eu fiz-lhe mal?... Está zangada comigo?

ADELIA

Talvêz não tenha razão para isso?

HENRIQUE

Ainda antehontem me exforçei por lhe demonstrar que não.

ADELIA

Que bem que os homens fingem!

HENRIQUE

Não, isso,—peço perdão!—é uma das muitas coisas em que o bello sexo nos leva vantagem.

ADELIA

Eu nunca fingi comsigo!

HENRIQUE

E' certo. Mas tambem é certo que nunca tivemos

uma zanguinha, um arrufo; e estes claro-escuros são fataes, indispensaveis na evolução do namoro...

Adelia

(Implorativa) Henrique...

Henrique

E' isto mesmo...—como as saraivadas na primavera! Vosselencia não queria que as nossas relações se eximissem á regra geral, e arranjou esta coisa. Haviamos de andar amuados, por força! para virem depois, com todo o seu cortejo de ridiculas pieguices, as recriminaçõesinhas, as solicitações, as mensagens, o jogo sentimental *das escondidas*.

Adelia

O Henrique! em respeito ao nosso idyllio extincto, poupe-me!

Henrique

Extincto?...

Adelia

Sim... o seu amor passou!

Henrique

Mas porquê?... O que é que a auctorisa a affirmar similhante monstruosidade?... Suppõe-me capaz d'uma villania!... Quem lhe disse que eu a não adorava, que a não desejava já da mesma sorte?... *(Tomando a mão de Adelia)* que recusava esta mãosinha branca e pequenina?

ADELIA

(Radiante e confiada) Paraque tens então andado a representar de mau, de galan cynico, ralando-me de ciume, torturando-me a alma em crispações de anciedade?... *(Olham-se com ternura)* Impostor! Inganas-me...

HENRIQUE

(Amorosamente) Adelia!

ADELIA

(Com infantil meiguice) Então,—já!—pede-me perdão. *(Henrique ajoelha e beija a mão de Adelia)* E arranja a sala de jantar como quizéres.

HENRIQUE

(Levanta-se, com precipitação e frieza) Sim, pois sim... isso mais tarde.

ADELIA

(Levanta-se, surprehendida) Como!?

HENRIQUE

Ó filha, já te disse... Graves embaraços... Se te quizésse explicar, seria enfadonho... Nem tu podias comprehender. Mas por emquanto, infelizmente, o nosso enlace não póde ter logar.

ADELIA

E quando poderá?

HENRIQUE

Olha, não sei... Vejo-me forçado a addial-o indefinidamente. Vou até pôr escriptos na casa. *(Passa á direita.)*

ADELIA

(Desolada) Matas-me, Henrique...

HENRIQUE

Valha-me Deus! E' um caso de força maior, um obstaculo que não pósso remover de repente... Quantas vêzes queres que repita que te aprecio, que te respeito, que te estimo immenso?

ADELIA

(Com accento doloroso) Mas não me amas!... Oh!— é escusado continuares a fingir,—hoje não me supportas, aborreces-me, odeias-me!... Paráste com o retrato, para me não vêres; não vaes a casa de minha mãe, com receio ás minhas lagrimas; não viéste a este jantar, para não ficares ao pé de mim!... Mas, n'esse caso, sabe ser cruel, ao menos! Desingana-me por uma vêz... fere o ultimo golpe... e deixa-me!...

HENRIQUE

(Interrompe, olhando para a direita baixa) Vêm gente!

ADELIA

(Subindo, pela esquerda) Deixa-me bem livre e bem só com a minha dôr!

SCENA IV

OS MESMOS, JUCUNDA, FABRICIO, BENIGNO E ALFREDO

Vêem todos quatro da direita baixa: —Fabricio com Jucunda pelo braço: Benigno e Alfredo atraz, a distancia, conversando.

FABRICIO

(A Jucunda) Ah! pois não tivésse eu alguns meios de fortuna, que, só pela sculptura,— não era não poder ter uma casa razoavel...—morria de fome. *(Vendo Henrique)* Ó Henrique! ainda agora?... Passas por baixo da mêsa.

HENRIQUE

(Ao centro, com Jucunda e Fabricio) Desculpa... *(Aperta a mão a Fabricio, com reserva; Adelia, Benigno e Alfredo conversam, á esquerda alta.)*

FABRICIO

Que demonio de partida foi essa?... *(Henrique comprimenta Jucunda)* Fômos onze á mêsa; ainda que tivésses vindo, não preenchias o numero treze.

JUCUNDA

(A Henrique) Esqueceu-se talvêz, todo na febre d'algum trabalho absorvente.

FABRICIO

Olha, se assim foi, fizéste bem. Desculpo-te.

HENRIQUE

(Áparte, passando á esquerda) Como elle está radiante!... Velhaco!

FABRICIO

Não ha remedio senão trabalhar: — é o melhor tonico para o espirito. Agora vinha eu dizendo a esta senhora que, embora não precise, trabalho, porque só no trabalho incontro prazer.

HENRIQUE

(Áparte) Que ar de triumpho!

ADELIA

(Áparte, olhando Henrique) Como elle a devora com os olhos!

FABRICIO

Um dia sem occupação é como um deserto; não tem que descrever... nomeia-se. E fica assim a vida do ocioso reduzida á monotona condição de kalendario.

ALFREDO

(Descendo) Abundo nas tuas ideas, Fabricio. O homem nasceu para o trabalho. A aristocracia da nossa especie representam-n'a os macacos...

JUCUNDA

(Interrompendo) Sim... que gastam as horas bamboando-se voluptuosamente, suspensos na ponta da cauda, de ramo p'ra ramo.

ADELIA

(Áparte, olhando Henrique) Está desvairado...

FABRICIO

(A Henrique, subindo, pela esquerda) Portanto, meu charo amigo, a esponja da absolvição sobre a tua falta.

HENRIQUE

(Azêdo) Nunca te vi tão indulgente...

FABRICIO

Nem eu com tamanha viseira. *(Áparte, sorrindo)* Andarão aqui já ciumes?

JUCUNDA

(Que tem conversado, ao fundo, com Adelia) Isto não está mau... *(Apontando o caramanchão)* Que bello retiro!

FABRICIO

Domina a cidade. Será o *bélvedér* da minha galeria.

JUCUNDA

Mas falta gente, musica, ruido! *(Henrique segue-a com os olhos; Adelia observa Henrique.)*

ADELIA

(Áparte) Ó meu Deus! eu não pósso vêr isto... queria fugir!

SCENA V

OS MESMOS, JOSEPHINA, JULIA, MARIA AUGUSTA, FULGENCIO E D. AURORA

JUCUNDA

(Vendo-os entrar) Ah! muito bem! *(Sóbe a comprimentar Julia, emquanto Adelia corre a refugiar-se nos braços da mãe.)*

ADELIA

Mãe... eu não pósso!... Vamos embora!

MARIA AUGUSTA

Ó filha, que era um escandalo!

FABRICIO

(Comprimentando D. Julia) D. Julita! muito obrigado... Já nos estava fazendo falta.

JULIA

Lisongeiro!

FABRICIO

Polo menos, aqui ao nosso amigo Alfredo. *(Julia e Alfredo ficam conversando.)*

FULGENCIO

(Olhando Jucunda, enthusiasmado) Está irresistivel!... Sinto uma ralé dos demonios! *(Quér aproximar-se de*

Jucunda, mas D. Aurora, com olhar feroz, toma-lhe do braço.)

FABRICIO

(A Jucunda, subindo) Vou-lhe mostrar a casa que destino á minha nova officina. *(Sae, pela direita alta, com Jucunda; e Benigno atraz. Quasi ao mesmo tempo, Josephina, Maria Augusta e Adelia saem tambem, pelo fundo esquerda.)*

HENRIQUE

(Áparte) E dizer-me que a não ama!... Que embuste a amizade! que tragica mentira o coração!... *(Sae, pela direita alta.)*

JULIA

(Pelo braço de Alfredo) Sempre quero vêr se danças hoje co'a Elisa... Nunca mais me pões a vista em cima! *(Sóbem e saem, pelo fundo direita. Fulgencio e D. Aurora continuam, ao fundo, observando.)*

SCENA VI

ARISTIDES, EVARISTO, GASPAR, FULGENCIO, E D. AURORA

ARISTIDES

(Vêm da direita baixa, com Gaspar e Evaristo) Então, não está a ultima palavra do bom-gosto a installação do nosso amigo?

GASPAR

Muito *catita!*

EVARISTO

Não acho... Muita arrogancia; mas escolha, nem riqueza... nenhuma. Bonitinho, *rococó*, amaneirado, mas no fundo pelintra. Armação de fancaria. E' a loja do *Pexe*... em papel pardo.

ARISTIDES

Homem, não diga heresias!... Tem quadros de Lupi...

EVARISTO

(Encolhendo os hombros) Ora...

ARISTIDES

Foi um pintor largo, sério...

EVARISTO

Não tinha spontaneidade; era duro. Um nephritico na arte e no sangue... Tinha pedra nos rins e na palêta.

ARISTIDES

Tem velhos *cloisonnés*, majolicas preciosas...

EVARISTO

Prodigios de paciencia, que é a antipoda do talento... Valem um quadrinho de cortiça ou uma bolsa de missanga!

ARISTIDES

Então vossê não admitte que haja talentos morosos em produzir?

EVARISTO

Nada, não senhor. *(Apontando a testa)* Quando ha faisca, scintilla, rompe de improviso.

ARISTIDES

(Caustico) Por isso vossê...

EVARISTO

Eu?... Está inganado. Exactamente por conceber immensas coisas, é que não produzo coisa nenhuma. As ideas cá dentro esfusiam, chispam, atropellam-se... tão seguidas, tão bastas, tão precipitadas, que não sei a qual heide dar a preferencia... e para evitar desconsiderações não dou saída a nenhuma. *(Apontando o caramanchão)* Agora então esta *casa di loiça*... é uma phantasia infeliz de *brazileiro*.

GASPAR

E da portada do *atelier* novo, que dizes? *(Entra Fabricio, do fundo direita, com Jucunda.)*

EVARISTO

Isso é o mais pretencioso dos desastres!... a querer agora imitar o estylo *renascença* dos *Jeronymos!*

SCENA VII

ARISTIDES, EVARISTO, GASPAR, FULGENCIO, D. AURORA, FABRICIO, JUCUNDA, HENRIQUE, BENIGNO, ALFREDO, JOSEPHINA, ADELIA, MARIA AUGUSTA E JULIA

FABRICIO

(A Evaristo, descendo) O quê?... que *evaristada* foi essa? Dize lá outra vêz. *(Entram Henrique e Benigno, do fundo direita.)*

EVARISTO

(Ao centro, a Fabricio) O estylo *renascença* dos Jeronymos, sim! Que tens que contestar?... *(Espanto de Aristides e Fabricio; entram Julia e Alfredo, da direita alta)* De que épocha são os *Jeronymos?* De 1500... E a Renascença quando explosiu em Italia? No primeiro quartel do seculo antecedente... Muito anterior, como vês!

FABRICIO

Agora essa!... A Renascença alvoreceu com o seculo XV,—é certo; mas na Italia. *(Entram, do fundo esquerda, Josephina, Adelia e Maria Augusta)* Que tempo não levou a chegar aos outros paizes?... Á França... bem meio seculo,—introduziu-a lá Francisco I; e cá então até nós... mais de um!

ARISTIDES

Nem a arte se mede pelas datas. De que lhe serve o character?

FABRICIO

Renascença os Jeronymos!... Essa é digna...

ARISTIDES

De quem compra testos de loiça ordinaria das Caldas por dois mil réis! *(Jucunda conversa com Fulgencio; Henrique passa á esquerda alta, a fallar com Josephina, Adelia e Maria Augusta; Fabricio, á esquerda baixa, continua com Evaristo e Gaspar.)*

ARISTIDES

(Subindo, pela direita, áparte) Vou continuar o meu estudo. *(A D. Aurora)* Não me fuja... Olhe que os medicos são os melhores amigos.

D. AURORA

Eu não tenho merecimentos para um senhor tão distincto.

JOSEPHINA

(A Henrique, apontando Alfredo e Julia) Veja, que casal de pombinhos!... Não o estimúla?... Ainda hãode casar primeiro que o senhor.

JUCUNDA

(Olhando Fabricio, áparte) Sempre o mesmo olhar frio, incisivo, ironico... sempre a mesma expressão de *Apollo*, dominadora, olympica... E não ha meio! *(Dirigindo-se a Benigno, sacudida)* Benigno, que horas são?

BENIGNO

(Olhando o relogio e hesitando) Devem ser... São...

(Fabricio passa ao grupo da esquerda alta; Henrique afasta-se e desce, a Fulgencio.)

JUCUNDA

Não tem olhos?... P'ra ahi, dez e meia?

BENIGNO

(Com um modo servil, olhando o relogio) Exactamente, — dez e meia.

JUCUNDA

(Áparte) Eu não supporto isto toda a noite! *(Passa ao centro, a fallar com Henrique e Fulgencio.)*

FABRICIO

(A Adelia) Ora .. n'essa edade não ha penas.

MARIA AUGUSTA

Eu bem lhe prégo!

FABRICIO

A mocidade é como o diamante. Gasta-se a si mesma... O mais, não ha dôr, nem prazer, fadiga, desatinos capazes de a riscar. *(Jucunda desce a incontrar-se com Gaspar e Evaristo, e sóbem todos tres, a Alfredo e Julia.)*

JUCUNDA

(A Evaristo, tomando-lhe o braço e descendo) Meu charo senhor... dizem-me que vosselencia é um terrivel, um implacavel critico... Sympathiso com os ho-

mens assim!... Tenho a honra de o convidar para as minhas terças-feiras: — uns pequenos chás intimos... finos ágapes do espirito... gente escolhida entre o melhor que temos no *meio* lilipucino das nossas intelligencias. O ideal do cavaco... e muito má lingua. Convêm-lhe?

EVARISTO

Oh! certamente, minha senhora... beijo as mãos de v. ex.ª *(Áparte)* Cuida que me amordaça com os seus chás... está servida!

GASPAR

(A Fabricio) Esta sua estufa é bem um requinte de artista! Enerva a gente... tem um ar oriental.

FULGENCIO

(A Jucunda) Então, desde esta manhã,— depois de me chamar caixa-forte,— já novos amores!... *(Descem, pela direita)* Oh! os seus desdens fazem-me estuar furioso o peito! O meu coração é um pelago de amargura!... *(Terno)* E v. ex.ª tinha o condão de applacal-o... se abandonasse a singrar n'elle o bergantim do seu amor!

JUCUNDA

(Trocista) Só se me requestar em verso.

FULGENCIO

Prompto!... E porque não?... Ha bocado, ao jantar,— ficámos mesmo defronte,— eu estava babado!... Emquanto procurava debalde trilhar-lhe o pésinho per baixo da mêsa, o nosso amphitryão catrapiscava... a

senhora não desgostava... e eu dava largas á minha indignação por este modo. Ora oiça:

(Recitando) Náo, dôce incanto, eu não pósso
Soffrer me sejas roubada!
Antes quizéra que a vida
Me fôsse já n'este instante arrebatada!

JUCUNDA

(Rindo muito) Muito bem!... Que fogo! *(Faz com a mão signal aos demais, que descem todos e fazem roda, á excepção de Aristides e D. Aurora.)*

FULGENCIO

(Recitando, com emphase ridicula)

Se jamais gostei do mundo,

(Voltando-se) Aqui não ha um piano?... Isto ao piano ia melhor. *(Continua a recitar)*

Se jamais gostei do mundo,
Foi só vendo-te a meu lado...
Então, sim! julguei que tinha
Da gloria ao cume chegado!

Mas,—ah! cruel,— foi ingano,
Vejo hoje a tua traição...
Meus disvelos desprezáste,
Calcáste meu coração!

Vingança, Amor! solta os raios!...
Porêm, não!—piedade imploro,
Piedade imploro por ella,—esta cynica!
Porque ainda a estimo, ainda a adoro.

Quando fôres, ingratatona,
Dar ao meu rival a palma,
Lembra-te, inhumana! que despedaças
Em mil partes a minh'alma!...

TODOS

(Applaudindo) Bravo! viva o poeta! Bravo! *(Aristides e D. Aurora, ao ruido das palmas, descem.)*

JUCUNDA

(A Fulgencio) Não se vá sem m'os escrever.

D. AURORA

Sempre teve esta tintineira... Só a mim nunca me fêz um verso!

FULGENCIO

Ó menina, ora essa!... é que já te não lembras. Então,—ainda tu eras solteira,—não fiz uns versos *(Indicando o rosto)* ás tuas belfasinhas?... Tão fininhas, tão loiras!... Comparei-as a um espanador de sêda... Leváste-me polas belfas! Fôram o espanador do meu coração. *(Todos sóbem e riem, e vão saíndo, á excepção de Fabricio e Henrique.)*

SCENA VIII

FABRICIO E HENRIQUE

FABRICIO

(Aproximando-se de Henrique, que está sentado, á direita baixa) Que diabo tens tu?

HENRIQUE

(Levantando-se brusco e passando á esquerda) Que te importa?

FABRICIO

Creio que é natural interessar-se um amigo...

HENRIQUE

(Sarcastico) Amigo!...

FABRICIO

(Muito cordeal) Dizes isso d'um modo singular... Desembucha. Que tens?

HENRIQUE

Nada... Ando cá a philosophar sobre as excellencias do coração humano.

FABRICIO

O Henrique philosopho!... Nunca te conheci a bossa.

HENRIQUE

Meu rico! isto, quando o sangue nos ferve cá dentro, é como quando ferve um outro liquido qualquer. Elle cresce, braveja, cachôa, empola, estala... tumultuariamente, n'um e n'outro ponto, ao acaso... ao sabor das correntes que lhe gorgulham no interior convulsivado. —São as bossas... Eu agora empolei do lado da philosophia! e estava considerando como esta coisa de desinteresse, lealdade, dever são bonitas palavras; como a alma é um pedaço de lôdo, e a franqueza uma miragem, e as affeições mentira!... Oh! só ingenuos como

eu é que tomam ainda a sério as dedicações, a amizade dos homens.

FABRICIO

(Sério, pondo a mão no hombro de Henrique) Henrique, olha bem para mim!... Tu estás magoado comigo?

HENRIQUE

Talvêz...

FABRICIO

Porquê?

HENRIQUE

Porque não és leal!

FABRICIO

(Tirando a mão) Não sou!?.:. *(Tolerante)* Deliras, meu pobre amigo!

HENRIQUE

Não deliro... castigo-te.

FABRICIO

Repara que é grave...

HENRIQUE

Mais grave, infinitamente mais grave e mais indigna é a tua conducta!... Não me disséste, não me juráste, esta manhã, que não amavas Jucunda? que não pretendias d'ella absolutamente nada?

FABRICIO

Como mulher.

HENRIQUE

Que não comprehendias como alguem lhe podésse votar a mínima porção de amor?

FABRICIO

Disse.

HENRIQUE

Pouco depois de eu saír da tua officina, entrou ella.

FABRICIO

É facto.

HENRIQUE

E tu não me reveláste que a esperavas!

FABRICIO

Nem me parece que tivésse obrigação de o fazer.

HENRIQUE

Era então segredo?

FABRICIO

Não... Mas tambem me não parece que precisássemos da tua licença, nem ella para me visitar, nem eu para a receber.

HENRIQUE

(Com energia) Devias dizer-m'o!... Davam-me direito a isso as nossas confidencias.

FABRICIO

(Sorrindo, muito paciente) Confidencias!... Não sejas creança!

HENRIQUE

E ella foi para pousar?...

FABRICIO

(Sentando-se, á direita, muito manso) Foi.

HENRIQUE

(Com calor) E tu então tivéste-a ali, viva e nua! embebedáste, saciáste os sentidos no deslumbramento da sua carne palpitante!

FABRICIO

Procurei passar para o barro,—o mais conscienciosamente que pude,—as linhas d'uma plastica excellente.

HENRIQUE

O quê!?... Pois quando se ostentou deante dos teus olhos, amedrontados de pasmo, essa nudez magnifica e scintillante, não te correu a espinha um punhal de gêlo?... não sentiste qualquer coisa estrangular-te a garganta, formigar-te pela pelle, arrefecer-te a raiz dos cabellos?...

FABRICIO

(Tranquillo) Nada d'isso... Fiz tranquillamente a minha tarefa... no fim, ella vestiu-se, e despedimo-nos como bons amigos, até ha pouco, em que me fêz a honra de vir partilhar do meu jantar.

HENRIQUE

Oh! mentes! não creio que essa pretendida sessão artistica não terminásse por uma verdadeira, uma embriagante scena de amor!

FABRICIO

(Com dignidade, levantando-se) Cuidado, sr. Henrique Sarmento... Não me faça esquecer que estou em minha casa. *(Entra Josephina, do fundo direita.)*

HENRIQUE

(Arrependido, subindo) Nem sei o que digo! *(Sae, pelo fundo direita.)*

SCENA IX

FABRICIO E JOSEPHINA

Josephina, ao fundo, vê saír Henrique e fica-o examinando, emquanto Fabricio passa á esquerda, agitado.

JOSEPHINA

(Descendo, assustada) Que diabo tivéram vossês?

FABRICIO

(Passeiando, agitado) É um irresponsavel!

JOSEPHINA

Disse-te alguma coisa que te offendêsse?

FABRICIO

Foi-me preciso couraçar-me de quanta paciencia tenho, firmar-me bem na lembrança da nossa velha amizade, para me conter e não o... *(Emendando-se e passando á direita)* Coitado! está perdido!

JOSEPHINA

Então offendeu-te?

FABRICIO

Quiz-me offender... Pois não teve o descôco de me vir dizer, aqui assim, que eu e Jucunda, esta manhã, em vêz de fazerm'os Arte, estivemos fazendo amor!

JOSEPHINA

Oh! mas isso não se toléra!

FABRICIO

Deixa... *(Passa á esquerda)* Não sabe o que faz, nem o que diz; — elle proprio o confessou, n'um relampago de razão, quando o chamei á ordem. É lastimal-o... e guardal-o á vista!

JOSEPHINA

Extraordinarias seducções possue essa mulher!... Que eu, pola minha parte...

FABRICIO

(Ironico) Não admira... *(Convicto)* Jucunda é formosa; e o que d'ella mais poderosamente influenceia os animos debeis, como o de Henrique, é o destempero, o brilho, a turbulencia, *(Subindo)* a vivacidade ruidosa e flammante do seu viver bohemio.

JOSEPHINA

A fazerem amor no *atelier!*... Que conceito elle faz de ti!

FABRICIO

(Desce, pela esquerda) D'ella te pósso eu affiançar que forma o melhor dos juizos. Elle vê em Jucunda, a despeito da sua vida doirada, irregular, funambulesca, a mais honesta, a mais digna das mulheres.

JOSEPHINA

Parece-te isso?

FABRICIO

Tenho a certêza. Tem-m'o dito muita vêz; e agora mesmo,—elle conhece-me!—crê que na raiz da sua consciencia obscurecida o Henrique sente bem a inanidade, a injustiça das ridiculas apostrophes com que teve a pretenção de me insultar. *(Subindo outra vêz)* Elle sabe muito bem que os meus modelos saem sempre, tão puros como entraram, a porta da minha officina.

JOSEPHINA

(Meditando) Se nós explorássemos em beneficio de Adelia e d'elle essa crença, não sei se ingenua, se justificada?

FABRICIO

(Descendo) Como?...

JOSEPHINA

Eu já me lembrei... Vês como esse homem de Nagoza faz desesperadamente a côrte a Jucunda... Ella acha-o divertido, attende-o, supporta-o...

FABRICIO

Puro recreio.

JOSEPHINA

Bem; mas attende-o,—que é o caso. Se podéssemos figurar aos olhos do Sarmento que esse jogo passou os limites d'um méro divertimento, para se arriscar um pouco longe nos dominios da leviandade?... Jucunda podia engraçar com o commendador.

FABRICIO

Quem acreditava isso?

JOSEPHINA

Então!—uma predilecção bizarra...—tem-se visto, n'aquelles temperamentos. Se o podéssemos figurar... talvèz que Henrique visse os pés de barro ao idolo.

FABRICIO

Duvido... Está demasiadamente cego.

JOSEPHINA

Não faz mal experimentar... Qualquer coisa assim de mais cordeal, mais intimo entre ella e o Nagozello: por exemplo, *(Aponta o caramanchão da esquerda alta)* uma entrevista ali, no caramanchão.

FABRICIO

Isso não dá nada... *(Subindo, pela direita, emquanto Josephina passa á esquerda, meditando)* Será um expediente tão tòlo, como aquelle, que me suggeriste, de fazer a côrte á mulher. *(Desce, pela direita)* E depois, como havia de ser, com a D. Aurora?

JOSEPHINA

Ah! isso encarrega-se d'ella o Aristides. Peço-lhe, e elle faz-me o sacrificio de a entreter. *(Radiante)* Bem! isto hade ser já, ainda esta noite! *(Meditando)* Espera... a D. Aurora tambem hade entrar na scena... Bôa idea!... Vou vêr se fallo ao Aristides. *(Sóbe, pela direita.)*

FABRICIO

(Passando á esquerda) E vigia-me o Henrique. *(Josephina sae, pelo fundo direita.)*

SCENA X

FABRICIO, ARISTIDES E ALFREDO

ARISTIDES

(Emquanto Fabricio percorre a scena, pensativo, entra Aristides, da direita baixa, com Alfredo) E' uma vaidade feita de nervos, uma hysterica ambiciosa! *(Fabricio senta-se, á direita alta.)*

ALFREDO

(A Aristides) Não sei se vossê ouviu, ha bocado: convidou o Evaristo para as terças-feiras.

ARISTIDES

Ah! ella preside a uns chás typicos, insulsos, onde se serve o elogio-mutuo em bolacha e a *Revista dos Dois Mundos* por chá de ponta branca... N'uma casa peque-

nissima, os tectos em cima da cabeça da gente, cheirando a tapeçarias velhas... Ali só ella diz o que sente. Os mais incensam-n'a e incensam-se. E' um cenaculo de circumcisos, um *hôtel de Rambouillet* seraphico, um salão Maria Kruz em ponto de rebuçado... onde uns sujeitos mellifluos e solemnes páram de quando em quando nas thuriferações reciprocas, para debitarem varias parvoiçadas conspicuas!

ALFREDO

Ella tambem escreve?

ARISTIDES

Tambem.

ALFREDO

Nunca a li.

ARISTIDES

Nem perdes... Não tem nada proprio. Gasta-se a paraphrasear estiradamente o que os outros fazem, n'um estylo lymphatico, trivial, ôco e sonoro como um *fru-fru* de saias. *(Vendo Fabricio)* Ó Fabricio, estava ahi?... Tão sorumbatico!

FABRICIO

(Levantando-se e descendo) Não reparem... sou attreito a estas melancholias,—bem sabem; mórmente depois d'um grande contentamento... como este que os meus amigos me têem hoje proporcionado.

ARISTIDES

Vossê já sabe?... Jucunda convidou para os seus chás o Evaristo.

Fabricio

Terá em casa falta de manteiga.

Aristides

E' de temer agora a casa d'ella! O Evaristo desempenha nas lettras a funcção do *faia* nas ruas: — *mareia!*

Alfredo

A proposito de Evaristo,— ainda eu hontem descubri como elle escreve as cartas de namoro... Com a unha!... A sebencia propria larga no papel uma impressão gordurosa, mal visivel, a não ser por transparencia; e elle então ensina ás namoradas que ponham o papel contra a luz, p'ra lêr... e explica que escreve com tinta sympathica!

Fabricio

E' economico.

Aristides

E tem um ar de mysterio, soberbo para incantar mulheres.

Alfredo

O Henrique tirou-lhe agora o retrato.

Fabricio

Favoreceu-o.... Pôz-lhe o collarinho branco.

SCENA XI

OS MESMOS, JUCUNDA, HENRIQUE E BENIGNO

JUCUNDA

(A Henrique, aborrecida) Está muito massador! *(A Benigno)* Garcia, tem-se divertido esta noite? Vae bem isso?

BENIGNO

Vou sempre bem na esteira da fimbria do seu vestido!

JUCUNDA

(Irritada) Peior!... Volto-me para um lado,—um madrigal... para o outro,—um dithyrambo!... Ó senhores, digam alguma coisa nova! *(Deixando-os e passando á esquerda)* Estão insupportaveis!

HENRIQUE

Chegámos a isto... O que nos vêm sincero, branco, borbulhante do coração aos labios, é desenxabido, é piégas, velho... não se póde aturar.

JUCUNDA

(A Henrique) Meu nobre amigo, nasceu muito tarde! Se acerta de vir ao mundo uns cincoenta annos mais cêdo, seria o terror dos paes de familia! *(Áparte, olhando Fabricio)* Nem ainda me viu!... *(Alto, a Fabricio)* Aqui assim toda a noite!.... Dir-se-hia que abandona a sua festa.

FABRICIO

Ao contrario, minha senhora... nunca a dirigi tão bem!

JUCUNDA

(Áparte) Inflexivel! *(Alto, a Alfredo)* Aqui está quem comprehende o amor á moderna. *(Enfia-lhe o braço)* É dos meus!... A namorada n'um extremo da casa e elle no extremo opposto.

ALFREDO

(A Jucunda) Votamo-nos uma confiança absoluta.

JUCUNDA

Ou são polo dr. Burggraeve contra o dr. May Figueira?... Gargarejo dosimetrico,— muito bem! *(Sae, pela direita baixa, pelo braço de Alfredo; Henrique e Benigno seguem-n'os.)*

SCENA XII

JOSEPHINA, FABRICIO E ARISTIDES

FABRICIO

(A Josephina, que vêm do fundo esquerda) Olha, Josephina, temol-o aqui.

JOSEPHINA

Finalmente!... *(A Aristides)* Tenho corrido a casa toda a procural-o!

ARISTIDES

Quanto sinto!

JOSEPHINA

Trata-se d'um grande plano,—venha cá... Uma conspiração!

ARISTIDES

Somos polos agricultores ou polos moageiros?

JOSEPHINA

A sério e breve: oiça... Sabe como o pobre Sarmento anda tresloucado.

FABRICIO

Gravitando na orbita brilhante de Jucunda.

JOSEPHINA

Desfêz o casamento com Adelia... Um desgraçado!... Mas eu tenho fé que aquillo seja um desvario passageiro. Enthusiasmos de rapaz... Ora nós andamos tramando o modo de apeiar a deusa do pedestal... Queria-se um episodio bem grotesco...

ARISTIDES

Scena com o Fulgencio,—aposto?

JOSEPHINA

Exactamente! Uma coisa que tivésse todo o ar d'uma entrevista amorosa entre os dois.

ARISTIDES

Mas isso arranja-se magnificamente! É facilimo... Não sabem?...—o homem ainda agora veio-me pe-

dir...—não se acredita isto!—que visse eu se lhe podia arranjar uma entrevista com Jucunda!

Fabricio

É pyramidal!

Josephina

(Ao mesmo tempo que Fabricio) É um cumulo!

Aristides

Que a amava muito, mas que tinha acanhamento, receio... e então, que me supplicava... que, sendo eu medico dos corpos, havia de sêl-o tambem das almas...

Fabricio

(Rindo muito) Ah! ah!... Vale um dinheirão!

Aristides

E que visse então se ella assentiría a conceder-lhe uma entrevista, *(Apontando o caramanchão)* ali, n'aquelle *kiosque*,—como elle lhe chamou.

Josephina

Famoso!... E o senhor faz o que elle lhe pediu:—arranja-lhe a entrevista.

Aristides

Eu! minha senhora?...

Fabricio

(Ao mesmo tempo que Aristides) Não estás em ti!

JOSEPHINA

Oiçam... O meu amigo vae dizer a Fulgencio que sim! que Jucunda está prompta, que recebeu a supplica exultando... e que o espera á meia-noite n'aquelle caramanchão.

FABRICIO

Mas ella não vae lá!

JOSEPHINA

É claro... Senão se eu lhe dissér *(Batendo no hombro de Fabricio)* que tu fôste vencido... que era uma vêz a tua friêza... que morres por ella... que anceias declarar-te, explicar-te, rojar-te a seus pés, implorativo, amante!

FABRICIO

Ella não acredita...

JOSEPHINA

Acredita-se sempre o que se deseja... E, por isso, que lhe rogas que te espere, á meia-noite, ali, no caramanchão.

FABRICIO

E pensas que eu que vou?

JOSEPHINA

Pois não vaes. Quem vae é o Fulgencio.

FABRICIO

Mas isso é uma cilada!

JOSEPHINA

Deixa ser...

FABRICIO

Não .. ao menos não lhe digas que a amo... Que eu preciso, desejo muito fallar-lhe,— isto com umas reticencias...

JOSEPHINA

Que ella encherá como quizér.

FABRICIO

E' o mais a que te auctoriso,— toma sentido.

JOSEPHINA

Serão cumpridas á risca as tuas instrucções. Agora, quanto á D. Aurora, *(A Aristides)* o meu amigo o sr. de Campos far-me-ha o favor de a emprazar tambem...

ARISTIDES

(Interrompendo) Ó minha senhora...

FABRICIO

(Ao mesmo tempo) Que trapalhada!

JOSEPHINA

(A Aristides) Então!

ARISTIDES

(A Josephina) Para os meus estudos psychologicos já foi cruz de mais.

JOSEPHINA

Tenha paciencia; são para as occasiões os amigos. Marque-lhe tambem a meia-noite para uma entrevista, no mesmo caramanchão. *(Rindo)* Ah! ah! que pen-

sam?... Quero que esta minha intriga tenha o seu quê de salutar... Eu mandarei a seu tempo diminuir a luz aqui. Proximamente á meia-noite, nasce hoje a lua... bate logo no *bélvedér* em cheio.— Henrique eu o trarei.— E quéro então que, ao mesmo tempo, elle veja a fragilidade da sua santa, e os dois esposos infieis descubram a sua dupla canivetada no contracto nupcial!

ARISTIDES

Simplesmente splendido!

FABRICIO

Não ter ido esta minha irmã ao congresso de Berlim!

JOSEPHINA

Combinado?... Bem! *(A Aristides)* Vá ter immediatamente com Fulgencio, e diga-lhe,— tome sentido!— que Jucunda acolheu amavelmente o seu pedido; mas que, emfim, o negocio é grave... e por isso pediu tempo para reflectir. E que, se afinal resolver conceder-lhe a entrevista, passará por elle, na primeira occasião que se lhe offereça, dizendo esta unica palavra: Acceito!— Percebeu?

ARISTIDES

(Hesitando) Mas...

JOSEPHINA

O mais é comigo! *(Entram, do fundo direita, Jucunda e Fulgencio)* Olhe, ande, ande!... Ahi o tem.

SCENA XIII

OS MESMOS, JUCUNDA E FULGENCIO

FULGENCIO

(Logoque vê Aristides, descendo com elle, pela direita, apoquentado) Ó doutor, oiça cá... *(Pondo a mão nos rins)* Estou muito acanaveado... receio um ataque... Isto, ando bom do rheumatismo, o hemorrhoidal não me tarda pela porta! *(Jucunda e Josephina conversam, á esquerda baixa; Fabricio passeia, ao fundo.)*

ARISTIDES

(A Fulgencio) De mais a mais, o senhor ao jantar entrou-lhe pela salada...

FULGENCIO

Fiz mal, doutor, fiz mal?

ARISTIDES

Comeu muita lagosta...

FULGENCIO

(Assustado) E' quente, doutor?... a lagosta é quente?... Valha-me o diabo!

ARISTIDES

Excedeu-se, — vamos lá; mas tudo hade ser polo melhor. *(Com ar mysterioso)* Vou-lhe dar um remedio que o põe fino n'um instante...

FULGENCIO

Venha de la isso!

ARISTIDES

(A meia voz) Sempre fallei á pequena...

FULGENCIO

(Muito interessado) Sim!?

ARISTIDES

Sou amigo!

FULGENCIO

Quanto lhe devo!... E então?

ARISTIDES

Ella sorriu... córou... mas recebeu a proposta muito bem.

FULGENCIO

(Radiante) Consente em...?

ARISTIDES

Consente. *(Dando-lhe uma pançada)* Felizão!

FULGENCIO

Quanto lhe devo! *(Beija a mão de Aristides.)*

JUCUNDA

(A Josephina) Mas que tem seu irmão?... *(Continuam conversando baixo.)*

ARISTIDES

(A Fulgencio) Não sei, ella polos modos sympathisou com o seu physico.

FULGENCIO

(Vaidoso) Ora, o meu physico!... *(Áparte)* Anima-te, *rebordeiro! (Alto, a Aristides)* Mas,— diga-me,— como arranjou o meu amigo a tocar-lhe no assumpto?

ARISTIDES

Depois lhe contarei. Por agora, o que me aprésso a communicar-lhe, é que a rapariga, embora logo acolhêsse com a melhor sombra o seu pedido, quiz um certo tempo para pensar... Bem vê,— a coisa é melindrosa.

FULGENCIO

Está muito bem!

ARISTIDES

E disse que, se no fim de ter consultado bem a sua consciencia, intendêr que lhe deve vir fallar ao caramanchão, á meia-noite, passara pelo senhor, no primeiro ensejo favoravel, e dir-lhe-ha: Acceito!

FULGENCIO

(Contentissimo) Bello! bello!... *(Áparte) Rebordeiro*, ávante!

ARISTIDES

(Contendo-o) Modere-se! que ella está ali... Podem perceber... *(Fulgencio aquieta-se; Aristides sóbe.)*

JOSEPHINA

(Baixo, a Aristides) Fêz o que lhe eu disse? *(Jucunda senta-se, á esquerda baixa.)*

ARISTIDES

(Baixo, a Josephina) Dei-lhe o recado todo!

JOSEPHINA

Bem... Agora safe-se!

ARISTIDES

(Áparte) Em que dará tudo isto? *(Sae, pelo fundo direita.)*

SCENA XIV

FABRICIO, FULGENCIO, JUCUNDA E JOSEPHINA

JOSEPHINA

(Baixo, a Fabricio) Entretêm o velho.

FABRICIO

(Passando a Fulgencio, pela direita baixa, áparte) Se os dois cáem na esparrella, muito tenho que rir! *(Conversa com Fulgencio.)*

JOSEPHINA

(A Jucunda, sentando-se, á esquerda baixa) E' verdade, minha senhora... não obstante o modo pouco li-

songeiro como v. ex.ª recebeu esta manhã aquelle meu pedido... *(Fabricio e Fulgencio sentam-se.)*

JUCUNDA

Ó D. Josephina,— bem sabe quanto a estimo, quanto me apraz de ordinario mostrar-lhe que sou devéras sua amiga... Ha, porêm, uma certa ordem de assumptos...

JOSEPHINA

(Beijando Jucunda) Bem sei, minha querida, bem sei!... Comprehendo perfeitamente. Confesso até que fui d'uma leviandade, d'uma imprudencia indesculpavel!

JUCUNDA

(Affectuosa) Provou simplesmente que tem um magnanimo coração!

JOSEPHINA

O que eu sou é muito impertinente! Fui batida no primeiro assalto, venho ao segundo.

JUCUNDA

Com o mesmo objectivo?

JOSEPHINA

Não... Deus me defenda! Não tem relação nenhuma. E até mesmo o que d'esta vêz me incita e me infunde um bocado de coragem, é uma solicitação do sangue... Trata-se de meu irmão.

JUCUNDA

De Fabricio?... Oh! diga lá!

JOSEPHINA

(Aparte) Estás prompta! *(Alto)* Eu não lhe poderei explicar o que se passa no amago d'aquella organisação enigmatica e sombria; elle é muito pouco expansivo... Todavia, o que me cumpre dizer á minha excellente amiga, porque elle me rogou que lh'o communicásse, é... *(Continuam em voz baixa; a orchestra, dentro, dá o signal para uma «valsa».)*

FULGENCIO

(Alto, a Fabricio) Lá que gostei, gostei... mas a verdade é que me não assentou bem.

FABRICIO

Não admira.

FULGENCIO

(Pondo a mão sobre o estomago) Fêz-me enchimento.

FABRICIO

Não está acostumado...

FULGENCIO

Lá os nossos comêres são outros, e,—não é p'ra o offender,—mas fazem muito mais prestimo! Aquillo ali a gente não usa senão comidas de resistencia. N'um jantar assim mais tal ou tal, é o bello arrôz de açafrão com cabrito, uma travessa de fumeiro, fiambre, escoado, almondegas, uns pratos de fricassé, leitão assado, ovos verdes, o prato de encher, uma bôa perna de vitella, arròz dôce, manjar, e vinho e fructas á discrição.—Isto, sim, farta, regala o estomago. Cada qual conhece o que

vae metter p'ra a bôcca... Mas agora cá estes francezismos,— desculpe,— mas são tudo môlho, e mais môlho, e sempre o mesmo môlho!— não sabe a gente o que está a comer.

JUCUNDA

(Levanta-se, e, passando entre Fabricio e Fulgencio, a meia voz) Acceito! *(Sae, pelo fundo direita.)*

SCENA XV

JOSEPHINA, FABRICIO, FULGENCIO, DEPOIS MARIA AUGUSTA E D. AURORA

Fabricio e Fulgencio, ao ouvirem a palavra de Jucunda, olham-se, com espanto comico, emquanto Josephina, que se levanta, os observa, sorrindo.

FULGENCIO

(Radiante, levanta-se e olha em tôrno; depois, a Fabricio) O senhor ouviu alguma coisa?

FABRICIO

Eu não, senhor... e v. ex.ª?

FULGENCIO

Pareceu-me assim a modo... uma aza de mosca!... *Zéte*... assim como quem diz — azeite!... Não ouviu?

FABRICIO

(Levantando-se e disfarçando) Eu não ouvi nada...

FULGENCIO

E' que seria dos meus ouvidos. *(Áparte)* Não percebeu nada!... Anda, anda, que vaes bem, *rebordeiro! (Sae, pelo fundo esquerda.)*

FABRICIO

(Rindo muito, a Josephina) Parabens, minha irmã!

JOSEPHINA

(Rindo) Cahiu!... Vou vêr o que fêz o Aristides. *(Sae, pela direita alta.)*

MARIA AUGUSTA

(Vêm do fundo esquerda, com D. Aurora, conversando) Coitadinha! tem-lhe custado immenso, porque ella foi sempre toda séria. *(Vão atravessando a scena, em direcção á direita baixa)* Olhe,—para v. ex.ª vêr,—uma vêz, lá em casa... muito riso me deu! andava ella a brincar ás visitas com esta Julia... Muito novinhas,—teriam sete annos... E vae a Julia, que sempre foi um arrebite, estava-se gabando já dos seus namoros...

D. AURORA

Que galanteria!

MARIA AUGUSTA

E perguntou á minha filha quantos tinha. Esta disse que tinha só um; a outra teimou que não; a minha teimou que sim... Estivéram n'esta serrazina, até que por fim a Adelia compõe-se toda grave, e sae-se com esta: — Que o meu primeiro filho môrra nas minhas entranhas, se eu tivér nunca mais que um namoro!

D. AURORA

Hade ser uma grande mãe de familia! *(Saem, pela direita baixa.)*

SCENA XVI

JUCUNDA E FABRICIO

FABRICIO

(Áparte) Que terá feito o Henrique?... *(Vae a sair pelo fundo direita, quando entra, do mesmo lado, Jucunda.)*

JUCUNDA

(A Fabricio) Que me quér?

FABRICIO

(Embaraçado) Eu, a bem dizer... *(Áparte)* Bonito!

JUCUNDA

(Descendo, pela esquerda) Estou prompta a ouvil-o, como vê.

FABRICIO

E' da parte de v. ex.ª uma gentileza captivante.

JUCUNDA

Fallaram-me n'aquelle caramanchão, no bater fatidico da meia noite... para quê?... *(A orchestra, dentro, executa uma «walsa»)* Deixemo-nos de farraparias romanticas, Fabricio. E' indigno de nós dois!... Estamos agora aqui sós, inteiramente sós; o momento é

azado. Toda essa multidão futil, rasteira corre ao prazer imbecil da dança. Estaremos á vontade... Que me quér?

FABRICIO

(Áparte) Ora aqui está no que deu a famosa embrulhada de minha irmã! *(Alto)* Mas, minha senhora, eu, verdadeiramente, não...

JUCUNDA

Como! pois o senhor...?

FABRICIO

Sim, é verdade... *(Áparte)* Não ha remedio senão acceitar esta inversão de papeis. *(Alto)* Uma explicação entre nós dois pareceu-me indispensavel.

JUCUNDA

Obrigada, Fabricio! por ter vindo de incontro ao meu desejo. Intendâmo-nos... Para que esperar a meia noite?... E nem eu poderia esperar!

FABRICIO

(Áparte) Diabos me levem, se sei como me heide safar d'esta rascada! *(Alto)* Acalme-se v. ex.ª... *(Chega uma cadeira a Jucunda)* Tem aqui uma cadeira.

JUCUNDA

(Deixando-se cair na cadeira) Ai! como os homens nos saem caros!... como é doloroso, pungente este minuto passado na ante-camara da felicidade!

FABRICIO

(Aparte, indo buscar outra cadeira) Minha irmã fêl-a fresca!... Como hei de eu motivar?... *(Pausa.)*

JUCUNDA

(A Fabricio, que se tem sentado junto d'ella) Não diz nada?

FABRICIO

Estava esperando... que v. ex.ª quizésse dar-me o gosto impagavel de a escutar.

JUCUNDA

Pois bem! *(Animando-se gradualmente)* Se isso lhe dá gosto, — é tempo de sermos francos, — escute-me. Quero que leia sem reticencias a Biblia da minha alma, o poema do meu desejo... Amo-o, Fabricio! amo-o loucamente, estremecidamente!... com um amor candente como o ferro branco, e alto, immensuro como as estrellas! O meu coração, povoado, torsionado, illuminado pola sua influencia, faz-me o effeito d'uma d'estas florestas tropicaes, em que a natureza é colossal e emmaranhada, as seivas latejam pelas raizes das arvores como nas veias d'um cyclope, a luz dardeja oiro virgem, e estala pesadamente sob as patas dos monstros o capim vermelho, e ha nas nervuras das plantas tintas que rutilam, e uivos famintos rebôam na solidão lamentosamente, e essencias estonteantes fumegam no coração das flôres!... Este amor absorve-me inteira; é a plenitude de todo o meu ser... ávido, supplicante!... E eu, que tenho levado escrupulosamente a vida a distribuir com prudencia, a conceder com re-

serva, do alto do meu desdem galante, as graças, as attenções, mil favores pequeninos, *(Levanta-se, com Fabricio)* pura e independente, illesa e altiva, — adorada sem adorar, senhora de todos porque não distinguia nenhum... hoje sinto quebrar-se o meu orgulho, a minha vaidade caír, fallecerem as minhas energias, *(Tomando as mãos de Fabricio)* para ser nos seus braços, junto do seu coração, Fabricio, o que fôr da sua vontade!... Amante?... serei sua amante!... Escrava? serei sua escrava!... Oh, tudo! tudo! comtanto que, a troco d'esta voluntaria, d'esta insignificante abdicação, eu logre a mutuação ineffavel, celeste do seu amor!

FABRICIO

(Desembaraçando-se delicadamente de Jucunda) Estou esmagado!

JUCUNDA

Porquê?

FABRICIO

Porque, em summa, vejo-a antecipar-se-me... e em certo modo contrariar a direcção em que eu tencionava encaminhar a nossa conversa.

JUCUNDA

Não o intendo...

FABRICIO

Eu queria .. Mas como heide principiar, que a não melindre?... que as minhas palavras não vão caír como um bloco de gelo na calida expectação do seu desejo?... Eu queria... — fallo-lhe com a sinceridade d'um anjo! — queria ajudal-a, Jucunda, a erguer, a firmar, bem

cantante e bem solida, a sua felicidade. Queria collaborar affectuosamente, desinteressadamente, na preparação d'um futuro bom e sereno para a minha bôa amiga...

Jucunda

Só isso?... E, só para isso, tinha tanto empenho em me fallar?

Fabricio

Esse mal-estar, essa febre, essa angustia constante em que a sua alma se debate, Jucunda, é filha do seu modo de viver, d'esse perigoso funambulismo moral em que tanto se compraz o seu temperamento infantil e audacioso... Se quér ser feliz, hade equilibrar-se, descer á condição commum de todas as mulheres: — a familia, o remanso do lar, a protecção do marido, o viver apagado e tranquillo no segundo plano da vida.

Jucunda

E porque não heide ter um marido? um marido que eu ame e respeite?... Porque não havemos de nós, Fabricio...?

Fabricio

(Interrompendo) Porque essa decantada paixão por mim, — veja até aonde vae a minha modestia! — é uma simples allucinação, um movimento, um capricho dos sentidos... Não tem nada que vêr com o verdadeiro amor, — esta delicada vibração intima, vaga, incoherente, que é a primeira palpitação do espirito, o primeiro vagido da alma, o primeiro dialogo do homem com as coisas, a primeira communhão de Deus com a Natureza!

JUCUNDA

(Reprehensiva) Ó Fabricio! como me julga mal! como é cruel!

FABRICIO

Supponhâmos por um momento que eu, hypnotisado, vencido, feito em torresmos ao fogo das suas palavras fundentes, lhe dizia, com a voz stertorosa e tremula: *(Com calor)* Amo-te, Jucunda!... Tens uns labios de pellucia, uns olhos de setim molhado, um collo de neve tocado pola Aurora, um cabello que é um retalho da Noite, palhetado de fulgurações de Sol... Amo-te! *(Jucunda, transportada, inlaça os braços no pescoço de Fabricio)* Pertence te inteira a minha vida!... e de cada vêz que me olhas, ainda que seja distrahidamente, toda a minha alma se agita e se perturba!

JUCUNDA

Oh, assim!... dize, continua!...

FABRICIO

(Com frieza) Tudo isto é uma hypothese... *(Jucunda deixa cair os braços, esmorecida)* Se eu o dissésse, que succederia?... Nos braços um do outro esqueceriamos o Mundo! gosariamos um d'estes instantes de delirio animal, que nos paralysam a actividade do cerebro, e abrangem na sua emoção tumultuosa e viva as funcções de todos os sentidos!... Porêm, depois, passado o primeiro desmaio, este adormecimento languido, que nem é dôr, nem prazer, nem indifferença, mas apenas um delicioso lethargo em que se recorda o prazer gosado, então... a nossa razão entraria em exercicio, voltaria-

mos a vêr claro, e d'aquelle momento indizivel não ficaria mais que a consciencia da nossa fraqueza, o desgosto, o enfado, o tédio... uma triste sensação de arrependimento!

Jucunda

Oh, não! não!...

Fabricio

Sim; viría o arrependimento... porque, em vêz de nos amarmos, apenas nos tinhamos desejado.

Jucunda

Diga que me não ama... mas não pretenda abastardar com parallelos grosseiros as minhas pobres aspirações.

Fabricio

(Ligeiramente impaciente) Como vê, eu podia abusar... A chamma está bem ateiada! Era deixar arder... Prefiro deitar-lhe agua fria!... A maior somma de infortunios vêem á mulher de segredar-lhe a sua vaidade que todas as paixões dos homens são sinceras. Eu podia *tenorinar-lhe* agora aqui que a amava perdidamente... que seria seu e só seu, para a vida e para a morte... a cantata do costume.

Jucunda

E eu acredital-o-hia!

Fabricio

Ora eis ahi está! Pois se nem queria ouvir outra coisa!... Resultado: uma mulher digna a menos, e, a mais, um seductor vulgar... Desingane-se, minha bôa amiga, não ha remedio senão acceitar a vida, no que

ella tem de prosaico e de mesquinho. O que nos faz vêr as coisas bellas, attrahentes, puras, são as nossas illusões, é a nossa mocidade. *(Cala-se, dentro, a orchestra)* No fundo, tudo isto é poeira, fumo... Todos os prazeres do mundo juntos não valem a primeira pasáda de terra que nos rufa sobre o caixão... Antes quéro que me ache ridiculo, do que me considere um infame. *(Áparte)* Sou muito forte, caspité! *(Alto)* E, — por amor de Deus! — ponhâmos ponto! *(Passeiando)* A carne é fragil... Começo a sentir precisão... de me castigar sobre o tôjo! Minha senhora, *(Subindo)* vou-me apegar a *S. Jeronymo*... temos conversado!

JUCUNDA

(Subindo tambem) E' a sua ultima palavra?

FABRICIO

Certamente. *(Áparte)* Estou a suar!... *(Alto)* Tenho dado uma prova homerica... *(Áparte)* de que sou um asno! *(Alto, a Jucunda)* Capa é que eu não tenho p'ra lhe deixar nas mãos!

JUCUNDA

Fabricio! pois nem por compaixão, por piedade?

FABRICIO

(Subindo sempre) E' o primeiro capricho que não realiza... perdôe-me!

JUCUNDA

Fabricio! uma ultima vêz... Espere! não me deixe!...

FABRICIO

Dê-me licença... acabaram de dançar. *(Sae, pelo fundo direita.)*

SCENA XVII

JUCUNDA, DEPOIS ADELIA

JUCUNDA

(Com violencia, descendo) Oh, que extranho! que terrivel homem!... que torturada, que humilhante situação!... Então eu não valho nada?... Tanta coisa bonita, que os meus admiradores me cantam, não passará d'uma lamuria interesseira e falsa de pedinte, chorada automaticamente, como n'um realejo, á espera do vintem d'um sorriso?... Sucia de impostores!... Se elles fallassem verdade, esse coração paradoxal tel-o-hia vencido!... E' moço,— e é bem fragil couraça a mocidade! *(Deixando-se cair n'um banco, desalentada)* Não valho nada!... A felicidade reside na ignorancia... Por cada verdade nova que alcançamos, perdemos uma das nossas alegrias! *(Levanta-se, com impeto)* Mas, não! não é isto só!... E' que os nossos tyrannos, os homens, sacrificam-nos bestialmente ao seu egoismo! sabem gosar, mas são incapazes de saber sentir!

ADELIA

(Vêm do fundo esquerda; e, vendo Jucunda, áparte) Oh, esta odiosa mulher aqui! *(Vae atravessando o fundo, como a esquivar-se.)*

JUCUNDA

(Vendo Adelia, áparte) Ahi vae uma pobre rapariga, desprezada, lograda como eu!... *(A Adelia, subindo)* Não dançou, minha senhora?

ADELIA

(Evitando Jucunda, áparte) Arripio-me toda!... E' como se visse um reptil!

JUCUNDA

Foge-me?... Que mal lhe fiz?... *(Adelia, constrangida, escuta)* Ah! já sei... escamoteei-lhe o noivo! Como as apparencias illudem! Elle é o unico responsavel; não lhe fiz o menor aceno. *(Adelia desce, pela direita; com meiguice)* E,— oiça,— amava-o muito?

ADELIA

Muitissimo!

JUCUNDA

E ainda o ama?

ADELIA

Cada vêz mais!

JUCUNDA

Soffre muito então?... *(Afagando Adelia)* O que é que sente?

ADELIA

Não lh'o sei explicar... E' como se morresse lenta-

mente... Ah! voltásse elle a amar-me como d'antes,— um segundo só que fôsse! — e não me importava de, logo em seguida, morrer!

JUCUNDA

(Compadecida) Pobre creança! *(Áparte)* Corta-me o coração... Bem sinto eu agora quanto é lancinante, devoradora, funda esta dôr que nos rasga na alma o menospreço do nosso amor!

ADELIA

Tambem... é o que me vale,— e já o disse a minha mãe,— ainda per ahi ha conventos...

JUCUNDA

O quê!?... Tão nova?... *(Áparte)* Tem ainda a phantasía embalada de sonhos... está a tempo de ser feliz... *(Vêem entrando, do fundo direita e direita alta, Fabricio, Josephina, Aristides, Fulgencio, Evaristo, Gaspar, Julia, Benigno e Alfredo; Jucunda, ao vêl-os entrar, alto a Adelia, como quem toma uma resolução)* Oiça, Adelia,— não sou tão má como me julga... O seu noivo,— alegre-se! — vou restituir-lh'o! *(Espanto de Adelia.)*

SCENA XVIII

AS MESMAS, FABRICIO, JOSEPHINA, ARISTIDES, FULGENCIO, EVARISTO, GASPAR, JULIA, BENIGNO E ALFREDO

JUCUNDA

(Sóbe e adeanta-se para o grupo, resoluta; depois hesita; meditando) E' uma loucura... *(Com um gesto sacudido)* Acabou-se!... *(Vae ao commendador, com um ar febril e provocante)* Ó meu rico e sr. commendador! venha cá!... Fazia-me falta... Acho-o adoravel,—sabe?... *(Enfiando-lhe o braço e provocando-o)* Vou-me embora: tenho febre... Faz-me o favor de me acompanhar?... Talvêz volte ainda aqui, talvêz não... *(Maliciosa)* As noites já são pequenas... Se não voltarmos, é um rapto em fórma!

ARISTIDES

(A meia voz, indignado) Esta mulher está doida!

JUCUNDA

(Que ouviu) Quem disse ahi que eu estava doida?... *(A Aristides)* Oh! o nosso doutor conspicuo... logo vi!... *(Petulante)* Que sabem os senhores da vida dos nervos?... Que intendem por loucura e por juizo?... Charlatães!... A loucura é o estado logico, natural d'um coração que soffre.—Destemperou, porque foi sensivel... Um doido é um são... Doentes são estas pessôas frias e discretas, capazes de amortecer, empa-

lhar as suas paixões na redoma das conveniencias, no algodão em rama do decóro. Estas, sim, têem tuberculos na alma, têem um sentir anemico... Quem se allucina, é forte!

ARISTIDES

Eis uma theoria que tem escapado a Charcot.

JUCUNDA

(Exaltada) Os senhores não sabem nada!... Conhecem o coração polos musculos, polas gorduras ascorosas. Mas n'isto que se chama attracções e repulsões... antipathias mortaes, appetites invenciveis... fluctuações, desejos... são uns desgraçadinhos, uns cegositos pedantes, que tomam pola verdade as garatujas patuscas que o orgulho lhes traçou no escuro das palpebras fechadas!

EVARISTO

(Esfregando as mãos) Que riqueza de collaboradora para o meu jornal!

JUCUNDA

(A Evaristo) Silvou a critica!... Não se incommóde... Para o caso presente não me serve: — não vou montar nenhuma fabrica de margarina. *(Ao grupo)* E os senhores, que estão todos a olhar p'ra mim, embasbacados? .. Pretendem fulminar-me com esse olhar espantado e furibundo?... Mas qual dos senhores tem afinal competencia, auctoridade, poder p'ra isso?... Fazem-me dó!... *(A Alfredo)* O senhor?... E' um simples; vae ainda na metaphysica do namoro... Cresca e appareça. *(A Gaspar)* Isto?... Tem do amor uma noção invertida... E' suspeito. *(A Fabrico, com accento*

profundamente doloroso) O senhor então, é o ultimo...— traz um relogio no logar do coração!... *(Novamente ao commendador, com ar impudente)* Venha d'ahi, commendador!... Estaremos em familia, sós... Adoro-o! *(Subindo e arrastando Fulgencio pelo braço, aos convidados)* Não ha como o amor d'um millionario!... Deixem passar!... e não se escandalisem... Isto o oiro é como o sabão: — amacia e lava! *(A Fulgencio)* Vamos! *(Sae com Fulgencio, em meio do espanto e da indignação geral.)*

CAE O PANNO

ACTO III

A mesma decoração do segundo acto. — Ao subir o panno, a orchestra, dentro, executa os ultimos compassos d'uma quadrilha.

SCENA I

ARISTIDES, GASPAR E ALFREDO

GASPAR

(Descendo ao centro, com Alfredo) É capaz de voltar ahi, — vossê verá!

ALFREDO

Eu na minha vida nunca vi um escandalo assim!

GASPAR

O que não admira... Vossê ainda vae, segundo ella, na metaphysica da vida.

ALFREDO

Atrevida!... Ella é que se não governa só com metaphysicas...

GASPAR

Bem haja ella!

ALFREDO

(Tomando o braço de Gaspar) Mas diga-me vossê, ó Gasparinho, *(Entra Aristides, do fundo direita)* se ella tem o desplante de surdir per ahi assim, ainda esta noite, que lhe parece que deve fazer o dono da casa?

GASPAR

(Embaraçado) Elle não é facil .. Eu sei!... O verdadeiro era...

ARISTIDES

(Ironico) Saírmos todos, aposto?

ALFREDO

No mesmo instante!... Eu cá, é logo... mais a Julia co'a familia... Porque ella, demais a mais, offendeu-nos a todos.

GASPAR

(Incolhendo os hombros) Isso...

ALFREDO

Se vossê não tem vergonha, tenho-a eu.

GASPAR

(Derivando) Aquella *piada* ao Evaristo foi muito bôa!

ARISTIDES

Nem sei como vossê se dá com semelhante typo... Eu, desde uma vêz que elle me convidou p'ra jantar...

GASPAR

Deixou-o com fome?

ARISTIDES

Fêz-me jantar mais caro do que se comêsse em casa! Eu lhe conto.—Vossê sabe que elle come sempre fóra; em casa não tem uma codea.

GASPAR

Diga-m'o a mim!... Aquillo é uma casa tão miseravel, que até os ratos emigram de lá... co'as lagrimas nos olhos.

ARISTIDES

Pois o maroto convida-me p'ra jantar... —Iriamos a um restaurante novo e pouco conhecido, onde se cosinhava o chispe á portugueza na perfeição. — Vae, seguimos per ahi fóra, e interna-me n'umas ruas lobregas, immundas, onde eu jamais tinha arriscado a minha dignidade...

GASPAR

(Interrompendo) Como quem diz, — as suas ricas costellas.

ARISTIDES

Ao cabo, pára-me deante d'um portal de quintalejo, em cujo muro, pingando deliquescencias verdes, se lia em grandes lettras rôxas: — *A união faz a força. Bom vinho e petiscos. Retiro das toutinegras.* — Fiquei passado!... De dentro vinham baforadas nauseantes a bacalhau com grão e a refogado... Pareceu-me substancial de mais para alimento ornithologico. — Abalei como um raio, e fui jantar ao *Leão* por oito tostões.

SCENA II

OS MESMOS, FULGENCIO, FABRICIO, EVARISTO, JULIA E MARIA AUGUSTA

FULGENCIO

(Na esquerda alta, dentro do caramanchão, debruçando-se do parapeito, a reconhecer a scena, contente) Não me inganei... *(Vendo Aristides, Gaspar e Alfredo, esconde-se, assustado)* O' diabo, se me pescam!

JULIA

(Que vêm do fundo direita, com Maria Augusta) E' muito exquisito! nem nos fica bem... O papá queria-se ir, logo, logo, embora.

MARIA AUGUSTA

Deixe lá, minha menina... era dar-lhe importancia, faziamos-lhe a vontade. E os donos da casa podiam tomar isso como desfeita.

JULIA

Elles, coitados! que culpa tivéram? *(Desce e passa, com Alfredo, á esquerda baixa.)*

FULGENCIO

(Do caramanchão, espreitando) Como ellas se armam!... E minha mulher?... Hade ter pintado a manta!

FABRICIO

(Que vêm do fundo direita, com Evaristo, a Aristides) Que me diz a isto, doutor?

ARISTIDES

Estou intimamente convencido de que foi um escandalo artificial, a que qualquer mobil secreto a arrastou. *(Desce da direita, a Maria Augusta; Fabricio isola-se dos grupos, pensativo.)*

FULGENCIO

(No caramanchão) Isto, mulheres azevieiras são o demonio!

JULIA

(A Alfredo) Olha que a nossa *valsa* é agora. *(Gaspar conversa, ao fundo, com Evaristo.)*

FULGENCIO

(Pondo a mão nos rins, áparte) Estes meus rins!. . Quasi não pósso dar passo!

ARISTIDES

(A Maria Augusta) E a D. Aurora, que fêz d'ella, minha senhora? *(Saem, pelo fundo esquerda, Evaristo e Gaspar.)*

MARIA AUGUSTA

Tem passado a noite no *toilette*, coitadinha... Está muito incommodada.

ARISTIDES

Veio-lhe a mesma arrelia que, no dizer das *Farpas*, infausta a felicidade dos tres mil tresentos trinta e tres

réis diarios dos deputados de provincia: — extranhou os comeres!

MARIA AUGUSTA

Não faça troça. *(Saem Alfredo e Julia, pela direita alta.)*

ARISTIDES

N'esse caso, ainda não sabe de nada?

MARIA AUGUSTA

Nem a mais leve suspeita... E ainda bem, — que, se ella dá pela falta do homem, Deus meu!

ARISTIDES

Tomára eu que fôsse já! Faz ahi uma scena impagavel... E eu me safarei a tempo. E' capaz de se agarrar a mim!

MARIA AUGUSTA

Coitadinha! *(Sae pela direita baixa, com Aristides.)*

FULGENCIO

(Espreitando, do caramanchão) Espera, agora! — saíram todos... é a occasião de me esgueirar para as salas... *(Vae a descer; vendo Fabricio)* Mau! *(Sae, occultando-se no caramanchão.)*

SCENA III

FABRICIO E JOSEPHINA

FABRICIO

(Descendo, pensativo) Póde lá ser... por um motivo tão futil!... Qual era a mulher que o fazia?... a uma outra mulher?... Nada, — seguramente n'aquelle coração debate-se qualquer coisa de sublimado e grande... *(Pausa; como que increpando-se)* Vamos, cuidado, Fabricio!... não me deixe ir pela agua abaixo os planos da sua vida.

JOSEPHINA

(Do fundo esquerda, descendo, a Fabricio) Ainda a pensares no caso... Parece incrivel!

FABRICIO

Não achas grave?

JOSEPHINA

Não.

FABRICIO

Nem transcendente?

JOSEPHINA

Nem transcendente... Que podia a gente esperar d'uma telhuda?

FABRICIO

(Reprehensivo) Josephina! pensa bem... Jucunda era uma mulher a um tempo leviana e acautelada, impetuosa e pura; a quem nunca estontearam galanteios;

que fazia gala de saber brincar com o perigo; que conseguiu sustentar-se, durante annos, n'aquella situação indecisa e extrema, — que Eva não aguentou um momento, — de incarar, appetecer a maçã da arvore, alvoroçada mas prudente, sem lhe tocar, antes voltando-se p'ra Adão, a consultal-o... Ora, como quéres que uma organisação d'esta força, uma mulher assim briosa e levantada, podésse agora, por um absurdo requinte de generosidade, por uma pieguice, uma toleima de compaixão saloia, largar na lama o seu orgulho, o seu prestigio, a sua reputação, a sua virgindade, só p'ra restituir o *valete* de oiros a uma *Julieta* dos Paulistas?

JOSEPHINA

E porque não?

FABRICIO

(Passando á direita, impaciente) Ora, por amor de Deus!

JOSEPHINA

A modos que o meu rico irmão se está atraiçoando... Suspeito que essa mulher, que tanto te irritava com os seus modos apparatosos e petulantes de actriz de café-concerto, começou agora a captivar-te pelo descaro da sua capitulação ridicula e vergonhosa; e que o pedido, que te fiz, de a requestares, passou, de estratagema disparatado da minha cabeça ardilosa, a ser do teu coração doente uma ancia incombativel.

FABRICIO

Não é nada d'isso! — deixemo-nos de baboseiras.

Não me queiras metter á bulha o coração. Estou vendo as coisas serenamente, á mais logica, á mais fria luz do meu espirito. *(Entra Aristides, da direita baixa.)*

SCENA IV

OS MESMOS E ARISTIDES

FABRICIO

(A Aristides) O' Aristides, oiça lá,—pois não acha?... Comprehende-se que uma mulher póssa fazer o que fêz Jucunda,—perder assim o respeito de si propria, despir, atirar longe o seu vestido branco, n'um repente, com um esquecimento de si tão completo, com um desprezo das conveniencias tão absoluto e tão profundo, sem que a môva um d'estes impetos que nos sóbem da alma, irreprimiveis, que nos são essenciaes, que decidem da nossa vida?

ARISTIDES

Pois não póde!... A mulher ha de ser sempre incomprehendida. Não ha nada que a impeça de ser mulher, de ter os caprichos e as tentações do seu sexo: —nem a indole, nem a virtude, nem a pureza... nem mesmo a honra.

FABRICIO

(Atalhando) A honra póde!... Não blaspheme.

ARISTIDES

Conforme... Entre os cento e cincoenta milhões de

mulheres que infeitam e baralham a Europa, um quinto talvêz, *(A Josephina)* — perdôe-me v. ex.ª, — um quinto sopésa a honra no seu valor verdadeiro; as restantes usam d'esse palavrão miraculoso e commodo á maneira d'uma sorte de lastro, prompto a alijar-se ao primeiro degrau difficil a que pretendam subir na escala da ambição ou da vaidade.

JOSEPHINA

(A Aristides) Faça-me alarde d'essas peregrinas amabilidades, e depois queixe-se... Não lhe ha de ganhar muito com ellas a clinica.

ARISTIDES

(A Josephina) Mas ganha a minha consciencia, o que é um pouco melhor.

FABRICIO

(A Aristides) Deixe-se vossê de esfusiar paradoxos... o auditorio é pequeno. Jucunda deve ser contada n'esse tal quinto, digno e honesto; — é um grande, um generoso, um inexgotavel coração!

ARISTIDES

(A Fabricio) Seja o que vossê quizér, — apparentemente, alijou!... Eu fazia d'ella um conceito levantado; — desnorteou-me! *(Fabricio percorre a scena, apprehensivo)* Suppunha-a uma mundana habilissima, cheia de subtileza e de espirito; uma mulher insaciavel, sim, de adorações e de homenagens, mas consummada na arte de calcular, de distribuir mesuradamente os sorrisos, as attenções, as graças; suppunha que ella tinha, ao mesmo tempo, confianças, curiosidades de collegial e

manhas de abelha-mestra; que era egualmente versada no abandono e na defeza, na precaução e na imprudencia; fazendo conquistas em abstracto; fraquejando, sem capitular... a nossa madame Récamier, em summa. E afinal sae se-me uma doidivanas, uma telhudita banal!

FABRICIO

(Descendo pela direita, reprehensivo) Aristides!

ARISTIDES

Sim, porque,—nós todos vimos!—por uma ninharia qualquer, por uma causicula ignorada, mas certamente futil, ella rompeu a fazer um escandalo, na minha opinião artificial, porêm que a condemna sem recurso. Em casos d'estes, a apparencia é tudo. E que classificação póde ter uma mulher que assim joga com a reputação, como as creanças com uma pélla?

JOSEPHINA

Com a differença que o bom nome não resalta.

ARISTIDES

Achata por uma vêz... Ora ahi está!

FABRICIO

(Com calor) Aristides, não seja injusto, não calumnie!.. Vossê falla assim, porque ignora o principal... Vossê não sabe...

ARISTIDES

(Interrompendo) Vi,—é quanto basta.

FABRICIO

Não sabe que Jucunda, cedendo a um movimento irresistivel, me caíu aqui nos braços, tremula, supplicante! — e confessou que me amava, loucamente, estremecidamente! — que não podia viver sem mim... que a sua alma esbrazeada e sofrega se consumiria no proprio fogo, se eu lhe não liberalisasse o balsamo da mutuação do nosso amor?

ARISTIDES

(Ironico) Apaixonada?

FABRICIO

Mas apaixonada ao ultimo ponto... exaltando-se, delirando... confessando que, a um gesto, a um aceno meu, consentiria em ser, avidamente, a ínfima das mulheres!

ARISTIDES

Os meus parabens.

FABRICIO

E como eu tentasse applacal-a, arriscando um pouco de bôa razão e de frieza na turbulencia d'aquella natureza ardente e allucinada, ella ao vêr-se desattendida, desesperou, teve uma syncope moral, fêz um acto de loucura. — Não será isto logico, humano, immensamente deploravel?

ARISTIDES

Simplesmente theatral, meu caro.

JOSEPHINA

(Baixo a Aristides) Não o contrarie.

FABRICIO

Oh, não!... o que Jucunda sente por mim não é um appetite vulgar, uma phantasia quente... Ha o que quér que seja de fatal e de celeste em tamanha abnegação!

ARISTIDES

(A Fabricio) Dando lhe de barato que assim seja,— a que conclusão quér vossê chegar?

FABRICIO

A que Jucunda, se se despenhou, não foi por leviandade, mas porque uma desillusão atrocissima, inesperada a indoideceu!

ARISTIDES

Aqui a sr.ª D. Josephina é que deve ter ficado contrariadissima com todo este espalhafato... Agora, a complicada estrategia do caramanchão falhou!

JOSEPHINA

E' verdade... depois de tanto trabalho!

ARISTIDES

Depois da minha coragem sublime, emprazando para a meia noite a D. Aurora.

JOSEPHINA

(Rindo) O quê! chegou a convidal-a?

ARISTIDES

Pois!

JOSEPHINA

E ella?

ARISTIDES

Imagine!... Capaz de me devorar, logo ali!... Foi-me preciso valer-me de toda a minha paciencia, p'ra lhe não chamar... centopeia.

JOSEPHINA

Dava um optimo resultado... E, p'ra cumulo de azar, o Henrique não presenciou a scena, — não hade querer acreditar.

SCENA V

OS MESMOS E HENRIQUE

HENRIQUE

(Vém do fundo esquerda, com vivacidade) Ah! vejo finalmente quem me vae dizer a verdade! *(Descendo, a Aristides)* Aristides! *(A Josephina)* D. Josephina! *(Depois d'uma hesitação, a Fabricio)* Fabricio!... — digam-me, — é verdade ter-se dado aqui uma scena desagradavel?

JOSEPHINA

Infelizmente.

HENRIQUE

Um acontecimento imprevisto e vergonhoso?

JOSEPHINA

Não contavamos escandalizar com tão lamentavel incidente os nossos convidados.

HENRIQUE

Mas, no fim de contas, o que foi?... terá sombra de fundamento o que per ahi se rumoreja?

ARISTIDES

Naturalmente .. Foi um caso trivialissimo: — uma mulher por vender que abalou com um millionario.

HENRIQUE

(Ameaçador, a Aristides) Repare bem no que diz!

ARISTIDES

(Insistindo) Foi Jucunda que raptou o commendador Nagozello.

HENRIQUE

De verdade!?

JOSEPHINA

Tão verdade, como estarmos os quatro aqui.

FABRICIO

(Áparte) Quér por força a mulher pura... é impertinente! *(Alto, a Henrique)* Uma semsaboría!... que se não explica... Abruptamente, Jucunda desafiou o commendador a acompanhal-a a casa; elle accedeu; e os dois saíram de braço dado...

JOSEPHINA

Descaradamente...

FABRICIO

Depois da pobre louca mimosear cada um dos presentes com um enxovalho!

HENRIQUE

(Impetuoso) Não estar eu!...

ARISTIDES

Ouvia e calava, como os outros.

HENRIQUE

(Dolorosamente) Mas porque se perdeu essa mulher?

JOSEPHINA

Ora, porquê?... Porque lhe estava na massa do sangue. Se não fôsse hoje, seria amanhã.

ARISTIDES

Com o primeiro javardo endinheirado. *(Batendo no hombro de Henrique)* Ande, que teve sorte!

FABRICIO

(Com accento amargo) E' o papel d'estas creaturas. A economia politica devia consagrar-lhes um capitulo. Restituem á circulação o oiro que a fortuna ou a avareza accumularam.

HENRIQUE

Bem me diziam os meus amigos!... E eu tão cego!... *(Áparte, arrependido)* Adelia, minha querida Adelia!—

como tem sido a minha ingratidão infame!... *(Meditando; depois alto, n'um impeto de incredulidade)* Nada, não póde ser!... Jucunda não fazia uma coisa d'essas... Inganam-se! inganam-me!... Similhante invenção ou é um torpe malentendido, ou uma cabala odiosa!

SCENA VI

Os mesmos, Jucunda, Benigno, depois Maria Augusta, Julia, Alfredo, Evaristo e Gaspar

Jucunda vêm do fundo direita, vagarosa; Benigno segue-a.

HENRIQUE

(Vendo Jucunda, áparte) Ella!

FABRICIO

(Estupefacto, áparte) Volta aqui!?

JUCUNDA

(Aos primeiros passos, sem levantar a cabeça) Perdão...

JOSEPHINA

(Áparte) Isto é um insulto!

ARISTIDES

(Áparte) Esta agora!

JUCUNDA

Sáio já... *(Maria Augusta, Julia e Alfredo entram*

pelo fundo direita, e pelo fundo esquerda Evaristo e Gaspar; vêem como que seguindo tambem Jucunda, e conservam-se todos ao alto da scena.)

ARISTIDES

(Áparte) Nunca devias ter entrado.

JUCUNDA

(A Josephina) A esta senhora, primeiro...—hade comprehender-me...—Estou irremediavelmente perdida, bem sei... tornei-me um ente desprezivel! e, comtudo, a minha abjecção não chegou ainda a ponto de obliterar por inteiro a noção dos meus devêres... *(Interrompe-se, como fatigada.)*

JOSEPHINA

(A Jucunda, affavel) Ó minha senhora, creio que ainda ninguem...

FABRICIO

(A Jucunda) Por enorme, insanavel que pareça a sua falta, creia, Jucunda, que é muito maior o sentimento de piedade que nos merece.

JUCUNDA

Obrigada...

JOSEPHINA

(Áparte) Que faria ella do commendador?...

FABRICIO

Falle, portanto, sem embaraço, sem receio... Não

obstante os aggravos que nos fêz, pósso asseverar-lhe que não a rodeiam inimigos.

JUCUNDA

Contei com esses primores de tolerancia, ao resolvêr-me a voltar aqui... *(Ao grupo)* Eu não venho justificar-me,—intendam-me bem. Era um absurdo! Venho simplesmente rogar-lhes que me perdôem...

TODOS

(Interrompendo) Oh, minha senhora!...

JUCUNDA

Que lancem á conta d'uma bôa parte de loucura as insolencias com que quiz magoal-os, o salto mortal com que me despenhei na lama.

FABRICIO

(Áparte) E' uma grande alma!

JUCUNDA

Ai! que sabe um coração ultrajado, ferido, do que deve a si e ao mundo?... Apunhalaram-n'o,—queixou-se... desabridamente... sem attender a mais do que á propria dôr! *(Passa á esquerda baixa.)*

SCENA VII

OS MESMOS E FULGENCIO

FULGENCIO

(Apontando no alto do caramanchão, á esquerda alta) Se não é Jucunda, é o diabo por ella... *(Espreita com precaução; vendo Jucunda)* Cá está a patifa!...

HENRIQUE

(Passando á esquerda baixa, a Jucunda, com voz concentrada) Então é certo?... Houve hoje aqui uma tagarella, uma estouvada... p'ra não dizer peior,—que, sem respeito polo logar nem polas pessôas, desatremou atraz d'um baixo capricho...

FULGENCIO

(Que ouve o que diz Henrique, áparte, contente) Bem dada bola!

HENRIQUE

(A Jucunda) Baralhando, arrastando ao mesmo tempo, na sua quéda indecorosa, a propria reputação e a paz d'um bom casal burguez, honesto e pacifico?... *(Vendo que Jucunda não responde)* Não se defende?

FULGENCIO

(Radiante, áparte) Afinfa-lhe!

HENRIQUE

(A Jucunda) E' certo!?...

JUCUNDA

(Que se tem sentado, com ar maguado) Vejo que foi em vão que implorei a sua benevolencia...

FABRICIO

(Áparte) Está n'uma tortura!

HENRIQUE

(Insistindo, com rancor) A minha benevolencia!... Então isto não é mais, senão cada um...

FABRICIO

(Com energia, a Henrique, atalhando) Henrique, não abuses! *(A Josephina)* Põe termo a esta coisa!... E' comtigo.

JOSEPHINA

(Baixo, a Fabricio) Ó menino, que quéres tu que eu lhe faça?

FABRICIO

Está fatigada, vexada... Leva-a a descançar um pouco, no teu quarto.

JOSEPHINA

Tu não estás bom! *(Affasta-se, subindo, a conversar com Maria Augusta.)*

ALFREDO

(A Julia) Tanta pieguice faz nôjo.

JULIA

E não é decente.

FABRICIO

(Que discute em voz baixa com Henrique) Homem, sê generoso!

BENIGNO

(Áparte) Onde parará o commendador?

ALFREDO

(A Julia) Nós vamos, mas é embora.

JULIA

(Pezarosa, a Alfredo) E a nossa *walsinha? (Continúam todos, á excepção de Benigno, Fabricio e Henrique, subindo, como para evitarem Jucunda, que permanece confrangida e immovel, á esquerda baixa.)*

FULGENCIO

(Áparte, no caramanchão) Fizéram praça da estufa, e adeus!... Ora a minha vida!... *(Sae, pela esquerda alta, como internando se no caramanchão.)*

HENRIQUE

(A Fabricio) Infligia-lhe o castigo que merece.

FABRICIO

(A Henrique) Deixa-te de catonismos. Qual de nós póde dar-se a certeza de que não vae amanhã commetter o peior dos crimes?

JOSEPHINA

(Saindo, pelo fundo direita, com Maria Augusta) Coi-

sas de meu irmão!... Eu, por minha vontade, era mais severa.

MARIA AUGUSTA

(Áparte) Talvêz minha filha aproveite... *(Sae, pelo fundo direita, com Josephina.)*

FABRICIO

(A Henrique) Não digas sandices! A intolerancia é um signal de fraqueza. Sejamos bons. *(Sae, pelo fundo direita, com Henrique.)*

EVARISTO

(A Aristides e Gaspar) Eu sempre esperei esta coisa. Na mulher a arrogancia subintende o canalhismo.

ARISTIDES

(A Evaristo) De modo nenhum. Mórmente quando, como agora, vemos que veio breve o reconhecimento do erro, o arrependimento.

EVARISTO

Outra!... *(Saem, pelo fundo direita, Julia e Alfredo)* O arrependimente e o perdão de Magdalena é a léria mais dissolvente do christianismo. *(Sae, pelo fundo esquerda, com Aristides e Gaspar.)*

SCENA VIII

JUCUNDA E BENIGNO

BENIGNO

(Aproximando-se, tímido, de Jucunda) Soffre?...

JUCUNDA

(Internecida, poisando a mão no braço de Benigno) Muito! meu bom amigo... Obrigada!... Eu bem o vi...

BENIGNO

Perdôe-me, se fiz mal...

JUCUNDA

Polo contrario... Agradeço-lhe infinitamente!... Oh! como é delicada, providencial a intuição d'aquelles que nos amam!

BENIGNO

Quér alguma coisa que eu lhe faça?

JUCUNDA

Quéro que continúe a ser-me affeiçoado... sem constrangimento...

BENIGNO

De todo o coração, minha senhora!

JUCUNDA

Terei ao menos uma pessôa a quem não faço medo.

BENIGNO

(Áparte) Sublime creatura!

JUCUNDA

Devo ir-me embora. *(Levanta-se; olhando a scena)* Fugiu tudo!... Sou uma leprosa... *(Com riso nervoso)* Impagavel sociedade!... Benigno, dê-me o apoio do seu braço. *(Mudando de resolução)* Não! já agora heide affrontal-os mais um pouco.— Diverte-me isto... Vamos a vêr se faço evacuar as salas... se debanda tudo deante de mim! *(Subindo, com arrogancia)* E valem todos menos do que eu!... Está perdido n'este mundo quem tivér a coragem de ser sincero... *(A Benigno)* Meu amigo,— por favor!— deixe-me um instante só. *(Benigno hesita)* Vá, vá... vá ter com os bons. Não se contamine! *(Benigno sae, pela direita alta.)*

SCENA IX

JUCUNDA, *só*

(Descendo, do fundo esquerda) Que ganhei eu com isto, no fim de contas?... Fabricio commoveu-se,— é certo; sentiu as minhas angustias; passará talvêz da compaixão á ternura... da piedade ao amor... Mas, por muito que me ame, como hade aquelle character inquebrantado, austero consentir em descer ao raso d'uma triste mulher, que deixou aos frangalhos na lama tudo o que o seu nome tinha de prestigioso e puro, tudo o que havia de branco e resplendente na estrada assoa-

lhada e direita da sua vida?... Meu Deus!... *(Senta-se, á esquerda baixa)* evidentemente, por mais que queira, não poderá!... saberá vencer-se... E ahi continuaremos os dois,—que horrorosa, que torturante coisa!—querendo-nos e evitando-nos, separados, devorados da mesma febre, mãos estendidas, longe!...

SCENA X

JUCUNDA E FABRICIO

FABRICIO

(Descendo, pensativo, do fundo direita) Eu não me inganarei com este sentimento?... tão novo, tão ideal, tão dôce, para mim até hoje desconhecido?... Amarei Jucunda?... serei, ao menos, capaz de a amar?... *(Pausa)* Mas como poderei eu?...—é horrivel!—depois do que se passou?... *(Vendo Jucunda)* Oh! Jucunda! *(Jucunda levanta-se)* que splendida, que ditosa opportunidade esta de a ter agora só, aqui!

JUCUNDA

(Fingindo não perceber) Sim?...

FABRICIO

(Fallando animadamente) Certamente!... Porque voltou v. ex.ª a nossa casa?—Sem duvida, porque a sua falta não foi tão grande, como as apparencias parecem apostadas em fazer acreditar. N'esse deploravel arreba-

tamento de ainda ha pouco, por immensas e irremediaveis que pareçam as nódoas por elle esparrinhadas sobre a sua reputação, Jucunda, estou que ha attenuantes, justificações, mysterios, cuja aclaração nós todos desejamos ardentemente, e que a v. ex.ª interessa fazer-nos conhecer.

JUCUNDA

E' possivel...

FABRICIO

Pois como se explica, senão polo nobilissimo impulso de vir perante nós lustrar-se, purificar-se, a presença de v. ex.ª aqui?... Evidentemente, a estar interrada na lama por inteiro, v. ex.ª acceitaria sem protesto o seu quinhão de opprobrio, com a passividade resignada e fria das situações sem remedio. Se voltou aqui, é porque tem a sua innocencia a provar-nos... Ora e para isso que melhor occasião do que esta?—*(Indicando a scena)* estamos sós os dois...—que mais dedicado e mais carinhoso confidente do que eu, o seu admirador incondicional, o seu velho amigo?... do que eu, que tão intimamente conheço os ínvios meandros d'essa alma subtil e generosa?... *(Pausa)* Então?...

JUCUNDA

Não tenho que dizer...

FABRICIO

Mas, minha senhora, isto é uma situação insustentavel, uma obstinação absurda, que não aproveita a ninguem.

JUCUNDA

(Fitando Fabricio, maliciosa) E a quem, a não ser a mim, podia qualquer explicação, que eu arriscásse, aproveitar?

FABRICIO

(Balbuciando) A quem?... ora essa!... Sim, a v. ex.ª principalmente... mas aproveitava tambem... ao commendador.

JUCUNDA

(Rindo) Impagavel solicitude!... Ao commendador!... Faz-me rir, do fundo da minha desgraça.

FABRICIO

(Depois d'uma hesitação) Pois bem, Jucunda, intendâmo-nos... Póde ser que alguem solicite e aguarde, como a suprema das venturas, a prova da sua innocencia.

JUCUNDA

(Estremecendo de esperança, áparte) Oh, meu Deus!

FABRICIO

Se me amava, como, ainda não ha muito tempo, estas paredes ouviram...

JUCUNDA

E o senhor se recusou a acreditar...

FABRICIO

Se me amava, d'um amor tão exclusivo e tão ardente, que fazia da retribuição d'elle uma condição essencial da sua existencia, paraque foi assim, desastradamente,

n'um salto impensado e funesto, n'uma precipitação de má nota, cortar, impossibilitar a realização do que anciadamente pretendia?

JUCUNDA

(Com accento doloroso) Impossibilitada estava ella pola sua recusa formal, Fabricio!... A minha independencia, a minha alegria, o meu brio, a minha vida sem mancha, paraque os queria eu?... Não me alcançaram a felicidade!— eram trapos inuteis... *(Deixando-se cair n'um banco, á esquerda baixa)* Não tinham valor nenhum!... Offereci-os em holocausto ao futuro côr de rosa d'uma creança. E não fiz grande sacrificio.

FABRICIO

Ó Jucunda! — polo bem que me quiz! — não falle d'esse modo!...

JUCUNDA

(Áparte) Inflamma-se... comprehendeu-me... Oh! praza a Deus que me insulte!

FABRICIO

Preciso ouvir-lhe dizer que essa fuga estupida com o commendador não a arrastou a uma quéda irreparavel; mas que foi uma simples allucinação de momento, um erro que durou um relampago, sem consequencias, sem motivo para arrependimento; logo emendado, immediatamente reprimido... Foi assim?... Diga!

JUCUNDA

E' tarde!

FABRICIO

(Exaltado) Nunca é tarde para uma rehabilitação. E,—veja!—a duvida dilacera-me!

JUCUNDA

Não comprehendo porquê...

FABRICIO

E'-me indispensavel uma palavra, uma palavra sua, bem concludente e bem firme, que me restitua ao coração a tranquillidade!

JUCUNDA

E se eu a não proferir, essa palavra?

FABRICIO

Condemna-se!... e flagella-me... Vamos!—falle, diga, jure, prove-me que tudo isto foi um pesadelo! que detesta o commendador, que o despediu, que nada passou com elle!... Persiste no silencio?... *(Quasi de joelhos, supplicante)* Polo amor de Deus!...

JUCUNDA

(Áparte, radiante) Ama-me!...

FABRICIO

(Irritado) Não diz nada? Confirma a calumnia?... Vendeu-se!?... *(Ameaçador, n'um rugido de cholera)* Ah! se me abandonásse ao imperio da minha alma revoltada, como eu me vingaria!

JUCUNDA

(Levantando-se, com altivêz) De quê?... Com que direito!?... Entre nós soldaram-se quaesquer compromissos, que me impozéssem a mim devêres de fidelidade, e déssem ao senhor fóros de fiscal da minha honra?... *(Passando á direita, com impeto)* Não está má!...

FABRICIO

Pois não vê que a amo!?

JUCUNDA

(Ironica) Por hypothese... Temos o caso de ha bocado: *(Imitando Fabricio)* — Suppunhâmos que eu lhe dizia... isto e aquillo... collo de neve, olhos de setim molhado, e varias petarolas parecidas... Que succederia?... Nos braços um do outro esqueceriamos o Mundo, gosariamos um estremecimento de delirio animal; mas, ao cabo, viria o aborrecimento...

FABRICIO

(Interrompendo) Oh! não... não!

JUCUNDA

(Com crescente ironia) Tem graça! — isso dizia-lhe eu ao senhor... — Como nós invertemos os papeis! *(Continuando a imitar Fabricio)* Viria o aborrecimento... porque, em vêz de nos amarmos, apenas nos tinhamos desejado.

FABRICIO

Jucunda! basta de gracejo... Não vae bem a ironia n'esses labios...

JUCUNDA

(Interrompendo) De pellucia,—bem sei... Muito obrigada!... Não gracejo; ponho-me em guarda... *(Imitando novamente Fabricio)* A maior somma de infortunios vêem ás mulheres de segredar-lhes a vaidade que todas as paixões dos homens são sinceras...—Sou muito lembrada,—vê?... e uma discipula que faz honra ao mestre!... Amar-me, o senhor!—um artista, um forjador do Ideal!... Nos senhores, o coração e o cerebro não se conhecem; divergem, contrariam-se...—foi o texto da lição d'esta manhã! *(Imitando Fabricio)*—Nós, os artistas, precisamos ser animaes de sangue frio, como a salamandra... O nosso amor é um amor de exportação.

FABRICIO

(Desesperado, interrompendo) Phrases que sôam ôco!

JUCUNDA

Ironias que vibram fundo... O senhor, amar-me!... Como eu seria ingenua, acreditando-o!... O senhor em mim não vê mais que o modelo para a sua estatua! Nunca pensou em fazer de mim o fanal da sua alma, mas um simples degrau para a sua gloria... Sou muito lembrada! Ora oiça... *(Imitando Fabricio)* Hoje, aos meus olhos, n'este habito em que estou, de modelar do vivo, as mulheres são estatuas e as estatuas são mulheres; confundo-as!—Não é isto?

FABRICIO

Ó Jucunda, juro-lhe...

Jucunda

Cale-se!— Não augmente a minha humilhação.

Fabricio

Nunca fallei tão verdade... Acordei! Devo-lhe a primeira palpitação da minha vida!... Comecei ha pouco a ouvil-a pedir-nos perdão, compadecido, magoado, votando toda a minha dôr, toda a minha admiração e todo o meu assombro ao heroismo, doido de inverosimil, da sua resolução... Pouco depois, sondava-me, preoccupado, vagamente assustado, inquieto por um extranho alvoroço que me rompêra a dançar cá dentro, pola primeira vêz... Agora venho dizer-lhe que a amo! e pedir-lhe que acceite, que retribua o meu amor!

Jucunda

(Fingindo-se assustada) Meu Deus! meu Deus!... por quem é! — amanse, vá-se embora, pense n'outra coisa... Aliás, vou denuncial-o á policia!

Fabricio

(Espantado) Porquê!?

Jucunda

(Subindo) Lembra-me o caso do Cerejo... Não quéro outra morte ás costas!

Fabricio

Jucunda! oiça-me.. considere...

Jucunda

Continúa?... Não o suppunha tão atacado!... Vou

recommendal-o a sua irmã. *(Subindo, pela direita, áparte)* Como eu o amo!... *(Sae, pela direita alta.)*

FABRICIO

(Percorrendo a scena, agitado) E é isto a mulher:— a eterna sphinge, o insoluvel problema!—leve como uma palha e rija como o bronze... dualidade infernal de grotesco e de tragico, de grande e de mesquinho... *(Sentando-se, á direita)* que hade fazer por todo o sempre a nossa fortuna e o nosso desespero! *(Fica um pouco, pensativo, depois levanta-se com impeto, e sae, pela direita baixa.)*

SCENA XI

HENRIQUE, ARISTIDES E ALFREDO

HENRIQUE

(Vêm do fundo esquerda, com Aristides e Alfredo) De resto, apurei o que queria apurar... E' uma mulher perigosa!... Safa!

ARISTIDES

Mas vossê dizia...

HENRIQUE

(Interrompendo) Adelia, a minha estremecida Adelia é que eu amo!—agora mais do que nunca!... *(Investigando a scena)* E não sou senhor de a incontrar!

ARISTIDES

Isto, estes senhores artistas não ha quem os compre-

henda. Tão depressa adoram, como aborrecem... Peiores que as mulheres; porque essas obedecem á fatalidade dos nervos, tolejam e caem sinceramente, não fabricam para excusa das suas tolices pomposas theorias... Emquanto que vossês, tudo é fallar em solicitações do estro, motivos de emoção, raptos da phantasia, turbulencias,—palavrões a pedirem costa d'Africa!

HENRIQUE

Nunca fui d'essas coisas,—toda a gente o sabe... O tresloucado, o difficil fêz-me sempre horror. O artista precisa do descanço e do methodo do operario, para produzir bem. Com Jucunda inganei-me.

ALFREDO

Nós desconheciamo-lo.

HENRIQUE

Fascinou-me, attrahiu-me, desnorteou me um instante,—é facto... mas eu não nasci p'ra isto!... E então, depois d'uma tal rajada de loucura!

ARISTIDES

Vossê acredita que ella se désse ao provinciano?

HENRIQUE

Julgo-a capaz de tudo.

ARISTIDES

Pois eu não... Ainda estou na minha,—que aquillo foi simplesmente um escandalo artificial, p'ra que o

commendador entrou como um méro instrumento inanimado.

HENRIQUE

E,— que assim fôsse?— isso absolvia-a?

ARISTIDES

Não, mas dava uma outra medida do delicto e do character da mulher.

HENRIQUE

Ora adeus!... Vossês não sabem a historia do frade com o arrôz doce?— Era uma vêz um convento, onde, todos os domingos e dias santos, era de uso immemorial dar á sobremêsa um prato de arrôz dôce, coberto com petalas de rosa... Um dia, veio o arrôz sem petalas... e logo um frade velho e philosopho se levantou, a protestar. O commensal do lado ainda lhe puxou pelo habito, dizendo: «Porque te queixas?... Tu comes o arrôz ou as rosas?» Ao que o ancião, indignado e matreiro: «Tolo!— hoje supprimem-nos as flôres; se nos não queixamos, levam-nos amanhã tambem o dôce...»— E' o caso presente. Jucunda perdeu-se só na apparencia, segundo vossê: — offerece-me arrôz dôce, sem petalas. Pois, se eu persisto, se me accommódo, ella faz outra das suas... e eu amanhã vou e já nem arrôz dôce incontro p'ra comer!

ARISTIDES

Tem vossê razão.

HENRIQUE

E eu a querer por força que ella fôsse uma vestal!— Sempre sou bem asno!... Estas mulheres perturbado-

ras não convêem; baralham-n'os o cerebro, transtornam-n'os a vida!... Antes uma creatura mansa e adoravel, como Adelia, que nos inunde a alma de frescura .. *(Procurando)* Onde parará ella?... *(Sae apressado, pelo fundo esquerda.)*

ALFREDO

(A Aristides) Como diabo foi isto?... Este Henrique outra vêz todo pacato, fariscando a sua collegialsita, e o frio, o insensivel Fabricio a arder no fogo sagrado?

ARISTIDES

Nada mais natural!— Vossê conhece o Henrique... é um homem de ordem,— violento, porque é lymphatico,— mas no fundo methodico, arranjadinho, rasteiro, tímido .. Jucunda voltou-o e ergueu-o, como um pé de vento ergue e volta uma penna; porêm não o modificou. Mesmo a acção d'estas agitadoras é toda superficial: — deslumbram, mas não prendem. O pobre rapaz cançou depressa; no rodilhão do seu exaspero, andava assarapantado e soffria, mortinho por baixar á cómmoda, á crepuscular indecisão do seu ripanço. Veio este pretexto, largou-a... *(Subindo pela direita, com Alfredo)* Agora Fabricio,— esse está no seu elemento: é um artista, tem alma... Nunca tinha dado por ella: Jucunda fêz-lh'a conhecer.

ALFREDO

E é a mulher que lhe convêm. *(Saem, pelo fundo direita. A scena escurece.)*

SCENA XII

FULGENCIO, DEPOIS D. AURORA

FULGENCIO

(Só, no caramanchão, espreitando para a scena) Saiu tudo... Vamos a vêr se consigo agora, emquanto não vêm per ahi mais alguem... *(Dirigindo-se para a escada do caramanchão, e levando a mão aos rins)* Cá volta esta coisa!— pareço aleijado... Eu, afinal, podia ter entrado pelo vestibulo; que importava que me vissem os creados?... E' verdade que, tendo saído com ella... E depois, cá em cima, que pêta havia de eu arranjar?

D. AURORA

(Vêm da direita baixa, com precaução, um pouco perturbada) Ninguem... bom!... Cupido e Venus favoneiam a minha aventura... *(Perscruta a scena, com receio.)*

FULGENCIO

(Áparte) O caso é que me vi parvo! Aqui me ponho eu a andar de roda da casa, pequenino e sonso como um ladrão... *(Levando a mão aos rins)* Ai!

D. AURORA

(Áparte) Eu nunca me vi em camisas d'estas... Ai! Lisbôa, Lisbôa...

FULGENCIO

(Áparte) O portão do jardim, fechado; o das caval-

lariças, idem; a porta da cosinha, na mesma data!.. Por felicidade, incontro ao cabo um tapume, com a cancella incostada... Enfio-me, apalpo uma escada, trepo, e venho ter aqui. *(Preparando-se para descer)* Se me bispam a descer, é uma dos diabos!

D. Aurora

(Áparte) Fica p'las que o senhor meu homem me tem pregado!

Fulgencio

(Escutando, áparte) Aqui anda gente! *(Occulta-se no caramanchão.)*

D. Aurora

(Subindo a escada do caramanchão) Subamos ao thalamo adultero... Ai! rico amor!

Fulgencio

Quem quér que é, vêm subindo!... Estou servido! *(Senta-se na sombra, muito agachado.)*

D. Aurora

(No caramanchão, áparte) Deus queira que o não tenha feito esperar. *(Investigando o interior do caramanchão, assustada)* Ali negreja um vulto!... *(Tranquillisando-se)* E' o meu menino, com certeza...

Fulgencio

(Procurando distinguir, áparte) E' uma femea... Olá!... Será isto obra do acaso, ou alguma pequena, que deu por mim aqui?...

D. AURORA

(Áparte) Que commoção!... Eu succumbo! *(Sentando-se, um pouco de costas e ao lado de Fulgencio)* Manes de meus avós, perdoae!

FULGENCIO

(Áparte) Seja o que fôr, eu atiro-me! *(Voltando-se para o lado de D. Aurora, requebrado, e imitando o rolar dos pombos)* Trrrúu!

D. AURORA

(Voltando-se tambem e correspondendo) Trrrúu!

FULGENCIO

(Aproximando-se e tomando a mão de D. Aurora) Minha senhora... *(Beijando a mão)* a sua mão é um anjo!... *(Pausa; áparte, desconfiado)* Esta mão não me é extranha!

D. AURORA

(Quasi ao mesmo tempo, áparte, assustada) Eu conheço esta voz!

FULGENCIO

(A D. Aurora) Parabens dou á minha fortuna... *(Passa-lhe o braço em volta da cinta; áparte, desapontado)* Pola cintura parece a Aurora!

D. AURORA

(Que tem deixado cair disfarçadamente a mão sobre os joelhos de Fulgencio, áparte) Estes joelhos são do

meu Fulgencio! *(Rompe o luar, dando em cheio no grupo. Levantam-se ambos, assombrados, fulos, e vociferam, quasi ao mesmo tempo)* Traidor!

FULGENCIO

Concubina!

D. AURORA

Esposo infiel!

FULGENCIO

Adultera barregan!... A mim bem me disséram!— Vim aqui de proposito...

D. AURORA

Não disfarce, não minta, fementido villão!... Eu é que vim aqui, porque fui avisada!

FULGENCIO

Ter o descôco de andar a maquinar poucas vergonhas!... Tudo se sabe, Messalina impudica!

D. AURORA

Pois sabe, sabe!— Disséram-me qne o senhor tinha p'raqui arranjo...— antecipei-me á serigaita!

FULGENCIO

(Com solemnidade comica) Mulher perjura, não acrescentes com a trapaça a infamia! *(Tomando-lhe cholerico o braço, levando-a á beira do caramanchão, e apontando para fóra)* Vês a altura a que estamos?...— E' a rocha Tarpeia! Vou ferrar comtigo lá embaixo.

D. AURORA

(Sem medo) Ora atrêva-se!... *(Desce do caramanchão, com Fulgencio)* Uma coisa assim!... *(Furiosa)* Cuida que isto que é o mesmo que andar ao cheiro das sôstras lá de Nagoza?... Está muito inganado!

FULGENCIO

E a senhora... pensa que isto que é o mesmo que ir comer pêcegos p'r'o pomar com o priminho alferes?... Ainda a namorar... não tem vergonha!

D. AURORA

E vossê, seu desazado?

SCEN XIII

OS MESMOS, JOSEPHINA, MARIA AUGUSTA, ARISTIDES, EVARISTO E GASPAR

JOSEPHINA

(Entrando com Maria Augusta, assustada) Que é isto, meu Deus!— que aconteceu?... *(Toca n'um botão, ao fundo; volta a illuminar-se a scena. Vendo Fulgencio e D. Aurora)* O commendador e a mulher!... *(Entram Aristides, Evaristo e Gaspar)* Sem duvida, ella soube... Ralhavam...

EVARISTO

Descompunham-se!

FULGENCIO

(Baixo, a D. Aurora) Vêm gente... Tenha juizo.

D. AURORA

(Baixo, a Fulgencio) Heide saber toda a verdade!

JOSEPHINA

(Descendo, a Fulgencio e D. Aurora) Que tivéram, meus charos amigos?... Ouvi-os fallar tão alto!

FULGENCIO

(A Josephina, atrapalhado) Ah! nós... nada, minha senhora.

D. AURORA

(Fitando gulosamente Aristides, áparte) Lá vinha elle agora, coitadinho!

FULGENCIO

(A Josephina) Estavamos... tudo isto era alegria!

JOSEPHINA

(A Fulgencio) Folgo immenso. Antes assim... *(Áparte)* D'onde viria este homem?... *(Alto, a Fulgencio)* Custava-me que em minha casa tivessem semsaboria...

ARISTIDES

(Áparte, vendo o modo como D. Aurora o fita) Bem me pósso esgueirar!

JOSEPHINA

(A D. Aurora) Ou, polo menos, que se aborreces sem muito.

D. AURORA

(A Josephina) Ai! quér não... temos estado muito bem, muito divertidos!

EVARISTO

(Olhando Fulgencio, áparte) Como surdiu o melro aqui?...

D. AURORA

(A Josephina) Erguemos mais a voz, porque discutiamos se a lua terá nas plantas de estufa o mesmo effeito que lá nas nossas hortaliças.

MARIA AUGUSTA

(A D. Aurora, subindo) E então, como se sente agora, minha senhora? Melhorsinha?

D. AURORA

Muito obrigada, melhor. *(Passando junto de Aristides, baixo)* Porque não veio mais cêdo? *(Alto, a Maria Augusta)* Esta questão agitou-me os humores.

MARIA AUGUSTA

Ainda bem. *(Entra Fabricio, da direita baixa.)*

JOSEPHINA

(Subindo tambem, a D. Aurora) Venha tomar o seu chásinho. *(Sae pelo fundo direita, com D. Aurora e Maria Augusta.)*

SCENA XIV

FABRICIO, FULGENCIO, ARISTIDES, EVARISTO, GASPAR, ADELIA E HENRIQUE

Emquanto Fabricio, Aristides, Evaristo e Gaspar cercam Fulgencio, como a quererem fazel-o fallar, Henrique vêm do fundo direita, com Adelia pelo braço, e dirigindo-se ao caramanchão.

HENRIQUE

(A Adelia) Oh, juro-te! — nunca mais!

ADELIA

Eu sei!...

HENRIQUE

Foi um desvairamento... que me fêz soffrer e me torceu os sentidos n'um repellão ardente, sem de modo nenhum perturbar as intimas, as santas emoções da minha alma, que não deixou nunca de te adorar, Adelia!... Foi como uma nuvem tempestuosa, electrica, a escurentar e a revolver o céu calmo, azul da nossa felicidade: — a nuvem passou rapida, com ella a noite e a tormenta, e o nosso céu parece agora mais limpo, mais azul, mais sorridente!

FULGENCIO

(Ao grupo que o rodeia) Eh! eh!... Ora os senhores a quererem tirar nabos da pucara.

HENRIQUE

(No caramanchão, a Adelia) Como és formosa, assim, Adelia!... Como esta pulverulencia do luar te subtilisa!

ADELIA

Não me invergonhes...

HENRIQUE

Olha o Tejo como corre lá em baixo, negro, luzente... Parece uma taça de *lapis-lazuli*. Anda vêr. *(Saem pela esquerda alta, como internando-se no caramanchão.)*

FULGENCIO

(Com ar raidoso, rindo) Estas coisas não se divulgam; o melhor d'ellas está na discrição. Cada um guarda-as p'ra si.

ARISTIDES

Eu imaginava o contrario...

FULGENCIO

Está muito inganado. Não que ellas depois, se sabem que uma pessôa é badaleiro, dão-nos p'ra traz... e passam palavra!

FABRICIO

(A Fulgencio) Pois sim, commendador; mas repare que uma coisa é divulgar, buzinar aos quatro ventos uma façanha galante, e outra confial-a, a meia voz, quasi como em segredo, a quatro amigos leaes, zeladores da sua respeitabilidade, conhecedores das conveniencias.

FULGENCIO

Segredo de cinco! — seis, com ella... — Ora, abobora! que arrôz é agua... Coisa que a gente largue da bôcca p'ra fóra, indêsque seja a um poço, — temos conversado! — é como se a mandásse pregoar por cem garotos, ali no largo do Rocio.

EVARISTO

(Áparte) Vende caro o seu peixe este *D. Juan* dos Herminios.

ARISTIDES

(A Fulgencio, persuadente) Avalia-nos mal, meu charo... Desde o momento em que v. ex.ª nos diga: = Amigos! a trôco da minha confidencia quéro a vossa discrição; exijo-vos que cerreis um véu do mais impenetravel segredo sobre esta aventura delicada! = desde esse instante, póde contar que estar-nos fallando e fallar a quatro sepulturas, será positivamente a mesma coisa. *(Ao grupo)* Não é assim?... *(Estendendo a mão direita)* Juremos!

FABRICIO, ARISTIDES E GASPAR

(Estendendo tambem a mão, comicamente) Quatro sepulturas!

FULGENCIO

(Levando o dedo ao olho direito) Pae Paulino...

HENRIQUE

(Descendo do caramanchão, com Adelia) Tens razão. Desisto. Heide pintar... mas é o docel do nosso leito. *(Saem pelo fundo esquerda.)*

SCENA XV

FABRICIO, FULGENCIO, ARISTIDES, EVARISTO E GASPAR

FABRICIO

(A Fulgencio, impaciente) Tomo a liberdade de lhe lembrar, sr. Fulgencio, que não é proprio d'um cavalheiro duvidar por essa forma...

EVARISTO

(Interrompendo) E vossês a insistirem!... Nem que o commendador tivésse que contar!

FULGENCIO

(A Evaristo) O que é que o senhor diz?...

EVARISTO

O senhor não fez nada! Quer-se gabar, e gaba-se vagamente, porque afinal não tem bem de quê!

FULGENCIO

(Offendido) Ora essa!

GASPAR

Está bem de vêr que não!... Aliás, ainda que não fôsse senão p'ra nos fazer ferro, contava p'ra deante.

FULGENCIO

(Depois d'uma hesitação) Que diabo! — os senhores

são bôas-pessôas... *(Olhando Evaristo e Gaspar, áparte)* Vou confundil-os. *(Alto ao grupo)* Isto que não passe d'aqui... *(Movimento interessado; Fabricio, Aristides, Evaristo e Gaspar rodeiam Fulgencio)* Sempre lhes digo... que a cachopa é d'uma canna!

ARISTIDES

(A Fulgencio) Então, sempre?...

FABRICIO

(Áparte) Insolente!

FULGENCIO

Eu... feliz, feliz não se póde dizer que fôsse. Houve suas coisas... Não por culpa d'ella, — faça-se-lhe justiça. Vontade não lhe faltava... *(Desolado)* Eu... é que não estive á altura da situação!

FABRICIO

(Furioso, áparte) Eu racho-o!

EVARISTO

(Áparte) Um satyro de Runa.

ARISTIDES

(A Fulgencio) Mas então, como diabo?...

FULGENCIO

(Hesitando) Ora, meus senhores... comprehendem, — isto é uma explicação que me contende com o amor-proprio. Não digo...

GASPAR

Nada, isso é que não póde ser!

EVARISTO

E' inadmissivel!

ARISTIDES

O amigo não tem o direito de deixar assim suspensa a nossa curiosidade.

FULGENCIO

Vá lá!... Mas promettem não me desacreditar?... *(Hesitando)* Elle custa...

ARISTIDES

(Com familiaridade) Aposto que andaram per ahi maus effeitos do jantar?

FULGENCIO

Tal qual! *(Indicando com as mãos a cintura)* Pôz-se-me aqui de roda uma cinta de ferro,—a escaldar!... Eu já sei...—isto, quando se me allivia o rheumatismo, ataca-me logo o hemorrhoidal!

ARISTIDES

Não me admira... Eu, quando o vi repetir do empadão de lagosta...

FULGENCIO

Estava tão bom!

ARISTIDES

Acogular o prato com a salada de beterraba, logo disse, de mim p'ra mim:—Estás aqui estás com uma colica tremenda!

FULGENCIO

Diabo leve lambarices!

FABRICIO

(A Fulgencio) Mas, afinal,—acabe!—que passou com Jucunda?

FULGENCIO

A rapariga, como viram, marchou nas melhores disposições. Apenas pozémos pé na rua, encafua-se comigo no trem, manda bater p'ra casa, e partimos,—chegadinhos, quentinhos!... Mas depois é que fôram ellas!... Lembra-me isto varias arrelias parecidas, que tenho tido na vida... D'uma vêz,—ha bons doze annos,—trazia eu á vendima, lá na quinta...

FABRICIO

Mas, afinal, acabe!—Nada de derivações... O que é que passou com Jucunda?

FULGENCIO

Agora, agora... entremos na materia. Penetro em casa de Jucunda, como disse... Nós tinhamos ido no trem, chegadinhos, quentinhos...

FABRICIO

Já cá se sabe. Adeante!

FULGENCIO

Perfeita mansão de fadas!—alcatifas, doirados, espelhos... *(Entra Benigno, do fundo esquerda, e desce a escutar Fulgencio, sem ser visto.)*

SCENA XVI

OS MESMOS E BENIGNO

FABRICIO

(Impacientado, a Fulgencio) Dispensamos o scenario. A acção, venha a acção!

FULGENCIO

Nua e crua?... Lá vae. — Jucunda sentou-se... primeiro n'um sophá... pallida, um pouco atrapalhada, offegando... pediu me que lhe descalçasse as luvas, e eu fui-lhe beijando o braço, — uma delicia! Depois, levantou-se, febril, sacudida... desapertou o vestido...

BENIGNO

(Interrompendo Fulgencio, com indignação) Este senhor falta á verdade!

FULGENCIO

(Arrogante, voltando-se) Quem se atreve?...

BENIGNO

Eu! que fui testemunha presencial do que se passou... á porta da rua!

FABRICIO

(Á parte, admirado) Benigno!

FULGENCIO

(Desconcertado, a Benigno) O senhor!?

BENIGNO

A' porta da rua, sim!

FABRICIO

(Com anciedade, a Benigno) De que casa?...

BENIGNO

D'esta mesma.

FABRICIO

Como!?...

BENIGNO

(Ao centro da scena, com firmeza) Oiçam-me... Assim que vi saír Jucunda com este cavalheiro, segui a.

EVARISTO

(Áparte) E' o seu rafeiro.

BENIGNO

Não me podia convencer de que fôsse sincera tamanha honra! — Tinha razão... Apenas chegada ao vestibulo, Jucunda fêz chamar o seu *coupé;* mal este parou, no claro do portal, á beira do passeio, largou o braço d'este senhor; disse-lhe simplesmente, afastando-o com a ponta dos dedos, n'um tom entre motejador e cortez: = Muito obrigada, commendador! = e, innovelando-se nos coxins do carro, mandou rodar p'ra casa.

FABRICIO

Será possivel!?

FULGENCIO

Este homem é um malvado!

BENIGNO

Rodei no incalço d'ella... — Apeou á porta, subiu, demorou-se um certo tempo em cima... proximamente meia hora, durante a qual ninguem saíu nem entrou n'aquelle adoravel palacête côr de rosa... Depois reappareceu em baixo, tornou a metter-se no *coupé*, sósinha como tinha ido, e voltou directamente para aqui.

FULGENCIO

(Atrapalhando) Ó senhores, mas isto é um impostor! Affirmo-lhes...

BENIGNO

(Interrompendo) Dou a minha palavra de honra em como é inteiramente verdade o que acabo de asseverar.

FULGENCIO

Este homem está-os a desfructar, positivamente!

BENIGNO

(A Fulgencio, bruscamente) Diga-nos: — em que rua mora Jucunda?

FULGENCIO

(Embaraçado) Sei lá em que rua mora!... Já não conheço Lisbôa... E, que conhecêsse, eu tinha mesmo agora tempo de ir a reparar nas ruas que corriamos!

FABRICIO

Bem... *(Ao grupo)* Esperem: eu conheço a casa. *(A Fulgencio)* Visto que entrou, e quér provar que falla verdade, tenha v. ex.ª a bondade... Dê-nos uma indicação, um detalhe qualquer da casa; — por exemplo, da salêta de entrada.

FULGENCIO

(Mais embaraçado) A salêta... *(Áparte)* Com o demonio! *(Alto, a Fabricio)* Olhe, a salêta... Não dei attenção. Entrei tão desorientado!

FABRICIO

Então, do quarto?

FULGENCIO

Qual quarto?

FABRICIO

O de *toilette*.

ARISTIDES

A sala de visitas.

BENIGNO

Ou a do jantar.

FABRICIO

O que quizér.

FULGENCIO

O *toilette*... sim, no *toilette* é que a gente esteve... Eu lhes digo... *(Áparte)* Vae ao acaso, póde calhar... *(Alto, a Fabricio)* O *toilette* tem uma porta.

FABRICIO

Só uma?

FULGENCIO

(Emendando) Duas, duas... *(A um gesto de Fabricio)* Ou, não — tem tres...

EVARISTO

(Baixo, a Gaspar) Que grande patife!

GASPAR

(Baixo, a Evaristo) Faz-te inveja.

FULGENCIO

(Ensaiando uma defeza) Isto a gente... á noite... *(Formalisando-se)* Ou os senhores duvidam?

ARISTIDES

Temos a certeza... de que o commendador não entrou lá!

FULGENCIO

(Simulando indignação) E esta!

GASPAR

Chama-se o guarda-portão cá de baixo.

FULGENCIO

(Assustado, immediatamente) Por modo nenhum! *(Compondo-se, com dignidade comica)* Nunca um Nagozello desceria a isso!

FABRICIO

(Crescendo para Fulgencio, furioso) Embusteiro!

ARISTIDES

(Contendo Fabricio) Não sejas creança.

FABRICIO

(A Fulgencio) Miseravel! *(Benigno afasta Fabricio.)*

FULGENCIO

(Eritando Fabricio, n'uma lamentação comica) A que tempos chegámos!

EVARISTO

Nunca vi um safardana mais cynico!

FULGENCIO

Calumnia-se a propria calumnia! *(Entra Jucunda, da direita alta.)*

SCENA XVII

OS MESMOS, JUCUNDA, DEPOIS JOSEPHINA, D. AURORA, MARIA AUGUSTA, JULIA E ALFREDO

JUCUNDA

(A Fulgencio) Ó commendador!... Salve-o Deus... Esteve até agora lá em baixo?

FULGENCIO

(Depois d'uma pausa, confundido) Es... estive sim, minha senhora. *(Fabricio aproxima-se, radiante, de Jucunda.)*

JUCUNDA

Naturalmente, p'ra me reconduzir acima?

FULGENCIO

E' verdade... sim, minha senhora.

JUCUNDA

Como é amavel!... *(A Fabricio)* Sempre me acompanhou ao trem com uma galanteria! *(A Fulgencio)* Mas fêz mal, meu charo, em me ficar esperando assim, á porta da rua... — podiam tomal-o por um trintanario.

FULGENCIO

(Áparte) Quem me déra a cem leguas d'aqui... *(Entram, do fundo direita, Josephina, Maria Augusta e Julia, com quem Aristides sóbe a conversar, como explicando-lhes o que se passou.)*

FABRICIO

(A Jucunda) Jucunda! amo-te!... Sei tudo... — Benigno contou... — Amo-te!... Esse velho torpe e lascivo nem sequér te viu o tacão da bota. Repara como estou contente! Reanima-te, ouve... Attende que te offereço um amor indelevel, immenso, imperecivel!

JUCUNDA

(A Fabricio, animando-se) Isso é verdade!?

FABRICIO

(A Jucunda) Tão verdade como a luz, como a vida! *(Entram, ao mesmo tempo, D. Aurora do fundo direita,*

e do fundo esquerda Alfredo) como esta magia ineffavel que nos lança um contra o outro, irresistivelmente!

JUCUNDA

Tenho receio...

FABRICIO

De quê?

JUCUNDA

De tanta ventura!... Sinto o coração de chumbo... Os solavancos d'esta noite extenuaram-me... *(N'um impeto, caíndo nos braços de Fabricio)* Oh! mas ainda tenho voz para te dizer que tambem te amo! Amo em ti a belleza, o talento, a força... um não sei quê de sobrenatural e luminoso, que o presentimento da gloria futura accende na fronte dos homens que dominam!

FABRICIO

(Com Jucunda pela mão, em voz alta) Meus senhores! apresento-lhes a minha noiva. *(Movimento geral de surpreza.)*

D. AURORA

(Áparte) E' de bôa bôcca...

JUCUNDA

(A Benigno, que fica pezaroso) Não leve a mal... Continuaremos amigos.

FABRICIO

Sabem já que esta senhora não deixou de ser honesta. *(Indicando Benigno)* Benigno foi testemunha. *(Dentro, a orchestra preludia uma «walsa»; Alfredo e Julia*

sáem logo, pelo fundo direita) O dia do nosso enlace será assignalado por uma festa deslumbrante! Desde já ficam todos convidados.

FULGENCIO

(Áparte) Bem convidado te hade ella pôr, não tem duvida...

FABRICIO

(A Jucunda, subindo) Vamos dançar?

CAE O PANNO

Acabado de imprimir
aos 30 de outubro de 1895
na Imprensa de Libanio da Silva
Rua do Norte, 91
Lisboa

PREÇO 700 RÉIS

BIBLIOTHECA DRAMATICA DA «REVISTA THEATRAL»

Peças publicadas:

N.º 1 — **Saltimbanco,** drama em 4 actos, original de *Antonio Ennes*, com o retrato do auctor..... 600 réis

N.º 2 — **Paraizo conquistado,** phantasia em 1 acto, em verso, original de *Lopes de Mendonça*..... ..... 200 »

N.º 3 — **Ciume com ciume se paga,** comedia em 1 acto, original de *Rangel de Lima Junior* ..... 200 »

N.º 4 — **Jucunda,** comedia em 3 actos, original de *Abel Botelho*, com o retrato do auctor em folha separada..... ..... 700 »

N.º 5 — **Alcacer-Kibir,** drama historico em verso, em 5 actos, original de *D. João da Camara* com o retrato do auctor em folha separada..... ..... 800 »

Estas peças são todas distribuidas **gratuitamente,** em folhas, aos assignantes e leitores da *REVISTA THEATRAL*.

A *REVISTA THEATRAL*

continúa a publicar-se quinzenalmente, dando por 100 réis texto correspondente a perto de 90 paginas em 8.º de leitura e offerecendo **gratuitamente** aos seus leitores uma *Bibliotheca Dramatica*. Já publicou o *SALTIMBANCO*, o *PARAIZO CONQUISTADO*, o *CIUME COM CIUME SE PAGA* e a *JUCUNDA*, e começá a distribuir n'um dos proximos numeros a primeira folha do *ALCACER-KIBIR*.

Assigna-se na

RUA DO CARMO, 76, 2.º — LISBOA

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PN
0032223

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 08 12 02 019 8